

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Suzana Ribeiro de Paula

**APRENDER A LER PARA APRENDER GEOGRAFIA: DESAFIOS  
INTERDISCIPLINARES**

Santa Maria, RS  
2018



**Suzana Ribeiro de Paula**

**APRENDER A LER PARA APRENDER GEOGRAFIA: DESAFIOS  
INTERDISCIPLINARES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Letras**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francieli Matzenbacher Pinton

Santa Maria, RS  
2018

de Paula, Suzana  
Aprender a ler para aprender Geografia: Desafios  
Interdisciplinares / Suzana de Paula.- 2018.  
193 p.; 30 cm

Orientadora: Francieli Matzenbacher Pinton  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, RS, 2018

1. Leitura 2. Gêneros Textuais 3. Linguística  
Sistêmico Funcional 4. Geografia I. Matzenbacher Pinton,  
Francieli II. Título.

Suzana Ribeiro de Paula

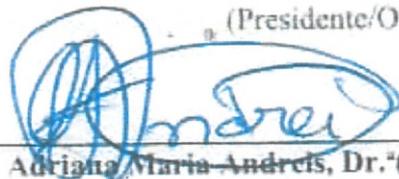
**APRENDER A LER PARA APRENDER GEOGRAFIA: DESAFIOS  
INTERDISCIPLINARES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Aprovado em 27 de fevereiro de 2018:



Francieli Matzenbacher Pinton, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)



Adriana Maria Andreis, Dr.<sup>a</sup> (UFFS) – Videoconferência



Sara Regina Scotta Cabral, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)

Santa Maria, RS  
2018



## AGRADECIMENTOS

A Deus, em nome de Jesus, por ter me dado fé, força e coragem para vencer esse desafio.

À Profª. Drª, Francieli Matzenbacher Pinton, pela orientação exigente e humana, que nos faz querer superar nossos limites e por ser um exemplo de orientadora comprometida com a pesquisa e com o ensino.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, pela seriedade e comprometimento com a formação de professores-pesquisadores.

À professora Drª. Adriana Maria Andreis e à professora Drª. Sara Regina Scotta Cabral, pelas contribuições fornecidas no Exame de Qualificação da Dissertação.

À minha mãe querida, Universina, por seu amor e dedicação a mim e aos meus filhos, pelas orações a Deus para me proteger nas viagens e me dar força e coragem para vencer esse desafio.

Ao meu pai, Arlindo, (*in memoriam*), pelo orgulho que sentia por ter na família uma filha professora.

Ao meu amado esposo, Leonor José, por ser meu porto seguro, por sua paciência comigo e com nossos filhos quando eu não podia estar presente, pelo apoio amoroso e dedicado, sem o qual eu não conseguiria chegar até aqui.

Aos meus filhos abençoados, Vitor Gabriel, João Gabriel e Davi Lucas, pela compreensão e amor a mim dedicados em todos os momentos da caminhada.

Aos meus amados irmãos, Adelar e Delmar, pelo amor e carinho dedicados aos meus filhos.

Às minhas amadas irmãs, Rejane, Vânia, Sônia e Tânia, pela ajuda e apoio nas horas difíceis.

Às minhas cunhadas e cunhados, pelo carinho e apoio, em especial, à minha estimada cunhada Leonice Klering que me ajudou incondicionalmente, cuidando dos meus filhos quando eu não podia estar presente.

À amiga, Claridiane, pelos momentos de incentivo para vencer o desafio.

À amiga, Ana Julia, pela acolhida em Santa Maria e pelos momentos de descontração.

A todos os colegas da Escola Nossa Senhora de Fátima, em especial, à Rosani, à Raquel G., à Rubia e à Lena, pelos conselhos, pelas conversas e pela força.

A todos os colegas da Escola Básica da URI, em especial, à Professora Me. Dinara Bortoli Tomasi pelo incentivo ao estudo.

A todos os meus alunos, pelas dúvidas e questionamentos que despertam em mim essa vontade de aprender sempre mais.

## RESUMO

### APRENDER A LER PARA APRENDER GEOGRAFIA: DESAFIOS INTERDISCIPLINARES

AUTORA: Suzana Ribeiro de Paula  
ORIENTADORA: Francieli Matzenbacher Pinton

Esta pesquisa de Mestrado tem por objetivo investigar área da geografia, mais especificamente, os gêneros recorrentes nessa disciplina em seus aspectos composicionais, linguísticos e semântico-discursivos. Para tanto, partimos da concepção de que os gêneros são configurações de significado com um propósito social (ROSE; MARTIN, 2012). Martin sinaliza que a escrita na ciência é diferente da escrita em outras partes do currículo. Desse modo, “ser alfabetizado em ciência significa entender a linguagem técnica que é usada” (MARTIN, 1993b, p. 186). Nesse sentido, podemos afirmar que os livros didáticos se constituem como modelos científicos da linguagem escrita para os alunos. Em razão disso, entendemos que a leitura e a escrita na educação básica podem ser aprimoradas se o professor oportunizar aos alunos um ensino explícito do ato de ler e de escrever, considerando as particularidades de cada disciplina. Esta pesquisa se situa no paradigma qualitativo e quantitativo, pois há necessidade de quantificar os recursos linguísticos que caracterizam os gêneros para interpretá-los. Dessa forma, a ênfase se encontra na interpretação qualitativa do pesquisador que encontra subsídios na quantificação dos elementos linguísticos. Selecionamos como universo de análise o livro didático de Geografia Projeto Araribá, 2010, do 6º e 9º ano - publicado pela Editora Moderna, tendo como responsável Fernando Carlo Vedovate. A análise contempla duas etapas: i) investigação contextual do livro didático de Geografia, com foco no PNLD; e ii) investigação textual-discursiva, focalizando as variáveis do contexto, as características léxico-gramaticais e semântico-discursivas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e a taxonomia proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional e estrutura temática (MARTIN, ROSE, 2008), (MOYANO, 2013b). A partir da análise dos dados, conclui-se que a Família de gêneros recorrentes é a dos Relatórios e das Explicações. Os Relatórios Descritivos, Classificativos e Composicionais classificam um fenômeno e descrevem suas características, cujo propósito é “dizer o que é” e “como é”. As Explicações do tipo fatorial e consequencial contribuem para evidenciar as causas e consequências dos fenômenos. O propósito das Explicações é dizer “como” e “por que” os fenômenos acontecem. As Etapas e Fases que compõem os gêneros concretizam o seu propósito e contribuem para alcançar a meta das Unidades analisadas.

**Palavras-chave:** Leitura. Gêneros textuais. Linguística Sistêmico-Funcional. Geografia.



## ABSTRACT

### LEARNING TO READ TO LEARN GEOGRAPHY INTERDISCIPLINARY CHALLENGES

AUTHOR: Suzana Ribeiro de Paula  
ADVISOR: Francieli Matzenbacher Pinton

This Master's research aims to investigate the geography field, specifically the recurrent genres in this discipline in its compositional, linguistic and semantic-discursive aspects. Therefore, we start from the conception that the genres are configurations of meaning with a social purpose (ROSE; MARTIN, 2012). Martin points out that writing in science is different from writing in other parts of the curriculum. Thus, "being literate in science means understanding the technical language that is used" (MARTIN, 1993b, p. 186). In this sense, we can say that textbooks constitute scientific models of written language for students. Due to this, we understand that the reading and the writing in the basic education can be improved if the professor gives the pupils an explicit education of the act of reading and writing, whereas the particularities of each discipline. This research is placed in the qualitative and quantitative paradigm; therefore, it is necessary to quantify the linguistic resources that characterize the sorts to interpret them. This way, the emphasis is in the qualitative interpretation of the researcher that finds subsidies in the quantification of the linguistic elements. We select, as general analysis, the didactic book of Geography Araribá Project, 2010, of 6<sup>o</sup> and 9<sup>o</sup> year - published by Modern Editor, with Fernando Carlo Vedovate as responsible. The analysis contemplates two stages: i) contextual investigation of the didactic book of Geography, with focus in the PNLD; and ii) literal-discursive investigation, focusing the variable of the context, the lexicon-grammatical characteristics and semantic-discursive (HALLIDAY and MATTHIESSEN, 2014) and the taxonomy proposed by the Functional Systemic Linguistics and thematic structure (MARTIN, ROSE, 2008), (MOYANO, 2013b). From the analysis of the data, it was concluded that the family of recurrent sorts is of the Reports and the Explanations. The Descriptive, Classified and Compositional Reports classify a phenomenon and describe its characteristics, whose intention is "to say what it is" and "as it is". Explanations of the factorial and consequential type contribute to evidence the causes and consequences of the phenomena. The purpose of the Explanations is to say "how" and "why" phenomena happen. The Stages and Phases that make up the genres fulfill their purpose and contribute to reach the goal of the analyzed units.

**Keywords:** Reading. Text genres. Systemic-Functional Linguistics. Geography.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Textos em Contextos.....	28
Figura 2 – Relação entre estruturas semióticas de situação e componentes funcionais da semântica.....	31
Figura 3 – Modelo Funcional de língua em contexto .....	36
Figura 4 – Representação da escala em níveis e do movimento descritivo na gramática.....	37
Figura 5 – Nominalização .....	41
Figura 6 – Ciclo de ensino/aprendizagem .....	46
Figura 7 – Ciclo de aprendizagem da Pedagogia <i>Ler para Aprender</i> .....	48
Figura 8 – Livros de Geografia Projeto Araribá do 6º.....	64
Figura 9 – Livro de Geografia Projeto Araribá do 9º ano .....	64
Figura 10 – Coleções mais distribuídas por componente curricular.....	65
Figura 11 – Abertura da unidade 1 do livro didático Projeto Araribá do 6º ano (parte 1).....	67
Figura 12 – Abertura da unidade 1 do livro didático Projeto Araribá do 6º ano (parte 2).....	68
Figura 13 – Organização das unidades (parte 1) .....	79
Figura 14 – Organização das unidades (parte 2) .....	80
Figura 15 – Organização das unidades e temas no 6º ano .....	81
Figura 16 – Organização das unidades e temas no 9º ano .....	82
Figura 17 – Esquematização do gênero Relatório Descritivo .....	92
Figura 18 – Esquematização das consequências do desastre de Chernobyl .....	102



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de gêneros da Família dos Relatórios e da Família das Explicações no 6º ano.....	84
Gráfico 2 – Números de Relatório Composicional, Classificativo e Descritivo no 6º ano .....	85
Gráfico 3 – Números de Explicação Fatorial e Consequencial no 6º ano.....	93
Gráfico 4 – Ocorrências de Nominalização e Processo Causal no 6º ano .....	94
Gráfico 5 – Número de gêneros da Família dos Relatórios e da Família das Explicações no 9º ano.....	96
Gráfico 6 – Números de Relatório Composicional, Classificativo e Descritivo no 9º ano .....	97
Gráfico 7 – Números de Explicação Fatorial e Consequencial no 9º ano.....	98
Gráfico 8 – Ocorrências de Nominalização e Processo Causal no 9º ano .....	103



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Variáveis do contexto de situação .....	29
Quadro 2 – Resumo de tipos de processos .....	32
Quadro 3 – Funções da Fala .....	33
Quadro 4 – Variação incongruente e congruente .....	39
Quadro 5 – Desempacotamento do texto .....	42
Quadro 6 – Causalidade por meio de processo.....	43
Quadro 7 – Mapeamento dos gêneros presentes no contexto escolar.....	49
Quadro 8 – Relatório Descritivo .....	52
Quadro 9 – Relatório Composicional .....	53
Quadro 10 – Relatório Classificativo.....	54
Quadro 11 – Explicação Sequencial .....	57
Quadro 12 – Explicação Fatorial .....	58
Quadro 13 – Explicação Consequencial .....	59
Quadro 14 – Explicação Condicional .....	60
Quadro 15 – Corpus Projeto Araribá do 6º ano.....	66
Quadro 16 – Corpus Projeto Araribá do 9º ano.....	66
Quadro 17 – Modelo para mapear o gênero .....	69
Quadro 18 – Relatório Classificativo no livro do 6º ano .....	86
Quadro 19 – Relatório Composicional no livro do 6º ano .....	88
Quadro 20 – Relatório Descritivo no livro do 6º ano .....	90
Quadro 21 – Esquematização dos gêneros encontrados no livro didático Projeto Araribá do 6º ano .....	93
Quadro 22 – Desempacotamento de Metáforas do tipo Processos Causais .....	94
Quadro 23 – Desempacotamento de Metáforas do tipo Nominalizações .....	95
Quadro 24– Esquematização dos gêneros encontrados no livro didático Projeto Araribá do 9º ano .....	98
Quadro 25 – Explicação Fatorial no livro do 9º ano.....	99
Quadro 26 – Explicação Consequencial no livro do 9º ano .....	101
Quadro 27 – Desempacotamento de Metáforas do tipo Processos Causais e de Nominalizações 1 .....	103
Quadro 28 – Desempacotamento de Metáforas do tipo Processos Causais e de Nominalizações 2 .....	104



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Esquematização dos gêneros encontrados no corpus da pesquisa.....	107
--	-----



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COLTED	Comissão do livro Técnico e Didático
CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
FENAME	Fundação Nacional do Material Escolar
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INL	Instituto Nacional do Livro
LD	Livro Didático
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
MEC	Ministério da Educação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PLIDEF	Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
PNLA	Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
PNLEM	Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
USAID	Ministério da educação e United States Agency For Internaticonal Development



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	23
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	27
2.1	A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL.....	27
2.2	METÁFORA GRAMATICAL.....	35
<b>2.2.1</b>	<b>Metáfora Ideacional</b> .....	37
2.2.1.1	<i>Nominalização</i> .....	40
2.2.1.2	<i>Processos Causais</i> .....	42
2.3	PEDAGOGIA DE GÊNEROS – ESCOLA DE SIDNEY .....	44
<b>2.3.1</b>	<b>Os Gêneros na escola de Sidney</b> .....	49
<b>2.3.2</b>	<b>Relatórios</b> .....	51
2.3.2.1	<i>Relatório Descritivo</i> .....	51
2.3.2.2	<i>Relatório Composicional</i> .....	52
2.3.2.3	<i>Relatório Classificativo</i> .....	54
<b>2.3.3</b>	<b>Explicações</b> .....	55
2.3.3.1	<i>Explicação Sequencial</i> .....	56
2.3.3.2	<i>Explicação Fatorial</i> .....	57
2.3.3.3	<i>Explicação Consequencial</i> .....	59
2.3.3.4	<i>Explicação Condicional</i> .....	60
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	63
3.1	UNIVERSO DE ANÁLISE .....	63
3.2	CORPUS DE ANÁLISE.....	66
3.3	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	68
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS GÊNEROS</b> .....	71
4.1	ANÁLISE CONTEXTUAL .....	71
<b>4.1.1</b>	<b>Histórico do Livro Didático</b> .....	71
<b>4.1.2</b>	<b>Livro Didático de Geografia</b> .....	75
<b>4.1.3</b>	<b>Livro Didático de Geografia Projeto Araribá</b> .....	78
4.2	ANÁLISE TEXTUAL .....	83
<b>4.2.1</b>	<b>Análise: Livro Didático Projeto Araribá do 6º ano</b> .....	84
<b>4.2.2</b>	<b>Análise: Livro Didático Projeto Araribá do 9º ano</b> .....	95
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	105
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	111
	<b>ANEXO 1 – CORPUS DO 6º ANO</b> .....	115
	<b>ANEXO 2 – CORPUS DO 9º ANO</b> .....	149



## 1 INTRODUÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras, Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria, vincula-se ao Grupo de Pesquisa Linguagem como Prática Social (GRPesq/CNPq), à linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social e ao Projeto Guarda-chuva intitulado *A transversalidade da leitura e da escrita nas diferentes áreas disciplinares: descrição, análise e didatização* que tem por objetivo descrever e analisar a prática de leitura e escrita na escola a fim de oferecer uma sistematização das características composicionais, linguísticas e semântico-discursivas dos gêneros textuais com vistas à produção de material didático para o ensino e aprendizagem nas diferentes áreas disciplinares. Para atingir esse propósito, o projeto guarda-chuva encontra subsídios nos Princípios Teóricos da Linguística Sistemico-Funcional – LSF – que é uma teoria de investigação linguística e semiótica desenvolvida por Michael Halliday e por outros pesquisadores.

Sendo uma teoria que aborda a linguagem em seu contexto de uso, a LSF fundamenta pesquisas em diferentes áreas, em especial, na Educação. Foi com a chegada de Halliday na Universidade de Sidney, início de 1976, que o diálogo entre a Educação e a LSF se fortaleceu. Na perspectiva da Linguística Educacional, em 1979, Jim Martin e um grupo de pesquisadores australianos desenvolveram um projeto de letramento com base nos princípios da LSF, conhecido mundialmente como Escola de Sidney. O projeto se desenvolveu em três fases e caracteriza-se por apresentar uma pedagogia explícita em que o professor introduz os estudantes às características linguísticas dos gêneros com foco na leitura e produção de textos.

A terceira e atual fase desse programa de letramento baseado em gênero é conhecido como *Reading To Learn* (ROSE; MARTIN, 2012) e parte do pressuposto de que “aprender/dominar os conteúdos de uma disciplina é também aprender/dominar os diferentes padrões de estruturação léxico-gramatical e de configuração retórica e estrutural (os gêneros) dos textos da disciplina” (GOUVEIA, 2014, p. 222).

A partir desse pressuposto, buscamos atender um dos objetivos propostos pelo projeto guarda-chuva a que essa dissertação se vincula: descrever e analisar as características dos gêneros textuais que são instanciados no corpus desta pesquisa. O projeto guarda-chuva busca investigar a linguagem em diferentes disciplinas. Nesse contexto de investigação, optamos pela disciplina de Geografia, cujo objetivo é estudar os processos históricos na formação das sociedades humanas relacionados à leitura do lugar, do território e da paisagem. A disciplina focaliza noções de espaço, tempo, fenômenos naturais, sociais e culturais e prima por um

ensino-aprendizagem que considere o contexto em que o aluno está inserido. Além disso, a Geografia é um componente curricular obrigatório na Educação Básica, por isso, estudar seus gêneros textuais é uma importante reflexão à área e pode oferecer um referencial interessante e interdisciplinar.

Neste trabalho apresentamos um caminho de leitura interdisciplinar que envolve duas disciplinas, a Geografia e a Língua Portuguesa. Configura-se como interdisciplinar porque há entre as disciplinas uma comunicação, uma relação de complementaridade. Para saber ler os textos, o aluno precisa aprender as características composicionais, léxico-gramaticais e semântico-discursivas presentes nos textos de Geografia – conceitos que são de Língua Portuguesa. Tendo esse conhecimento, o aluno terá maiores chances de aprender os conceitos de Geografia. Desse modo, aprender a ler para aprender Geografia é um desafio interdisciplinar porque é uma busca de saberes em conjunto.

Definida a área do conhecimento para investigação, a seguinte pergunta norteou esta pesquisa: que gêneros textuais constroem o conhecimento na disciplina de Geografia? Para respondermos à pergunta, selecionamos como universo o livro de Geografia Projeto Araribá, publicado pela Editora Moderna. A escolha se justifica por ser o livro com maior distribuição nas escolas do Rio Grande do Sul entre os anos de 2014 e 2016 conforme o Plano Nacional do Livro Didático – PNLD. Em relação ao nível de ensino, foram selecionados o 6º e o 9º do ensino fundamental, visto que marcam duas etapas nessa fase escolar: o início e final do ensino fundamental II.

Com base nesse universo e partindo da concepção de que “os gêneros são configurações de significado com um propósito social” (ROSE; MARTIN, 2012), o objetivo central deste trabalho é investigar os gêneros recorrentes nessa disciplina em seus aspectos composicionais, léxico-gramaticais e semântico-discursivos. Para dar conta desse objetivo maior, elaboramos os objetivos específicos a seguir.

- Conhecer a área disciplinar para compreender as práticas de leitura dos alunos.
- Descrever e analisar os gêneros recorrentes na disciplina de Geografia

Análises e descrições dos aspectos composicionais, léxico-gramaticais e semântico-discursivos dos gêneros têm orientado a investigação de diferentes textos e contextos, embasados pela Linguística Sistêmico-Funcional. No capítulo *Una Teoria Contextual Del Lenguaje*, Martin (1993a) evidencia que “os textos apresentam etapas para facilitar a leitura, ou seja, parcelas de textos que apresentam um caminho de leitura, favorecendo o alcance do

propósito do gênero ou do macrogênero<sup>1</sup>”. Além disso, o pesquisador descreve e analisa a gramática presente nos textos, sinalizando que, “de acordo com o gênero, há um padrão que os caracteriza”. Martin (1993b), no capítulo *Literacy in Science: Learning to Handle Text as Technology*, apresentam quais gêneros são usados nos textos dos livros didáticos para ensinar ciências e as características subjacentes a cada um deles, enfatizando que a linguagem utilizada nesses textos é bastante técnica e científica, distante do senso comum e que é imprescindível a alfabetização científica na escola. Nesse viés, Martin (1993b, p.185-186), sinaliza que a escrita na ciência é diferente da escrita em outras partes do currículo”e que para um sujeito ser considerado alfabetizado em ciência é necessário entender a linguagem técnica que é usada nesse contexto.

Diversas pesquisas têm focalizado os livros didáticos, visto que podem ser compreendidos como modelos científicos da linguagem escrita para os alunos. Em contexto nacional, Silva (2016) em sua Tese de Doutorado apresenta um estudo cujo objetivo principal foi mapear gêneros usados em livros didáticos do 6º ano no ensino da área de ciências naturais. Os resultados apontam para a Família dos Procedimentos, dos Relatórios, das Explicações, dos Argumentos e das Histórias. Além disso, o autor verificou um gênero não catalogado nos estudos prévios da LSF e denominou esse gênero de Instrução de análise, defendendo que este faz parte da Família dos procedimentos, já que seu propósito social, segundo o autor, é solicitar a análise de um dado fato/situação social, em especial aqueles relacionados ao impacto ambiental das ações humanas. Por fim, o autor conclui que os gêneros realizam propósitos sociocomunicativos não só no eixo paradigmático (MARTIN; ROSE, 2008), ou seja, como membros de uma dada Família de gêneros, mas também no eixo sintagmático, isto é, no modo como são combinados na estrutura do macrogênero capítulo de livro.

Assis (2017) em sua Dissertação de Mestrado analisou os textos presentes capítulos de livros didáticos de Geografia para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, com maior distribuição nas escolas de Brasília, conforme o Programa Nacional do Livro Didático (BRASIL, 2013a). O objetivo principal desse trabalho foi identificar os gêneros presentes nesses livros e suas características léxico-gramaticais. Os resultados apontaram a recorrência de gêneros da Família das Explicações. Além disso, a autora analisou os recursos visuais,

---

<sup>1</sup>Os manuais escolares, como outros textos tanto ou menos extensos em nossa cultura, combinam diferentes gêneros para poder alcançar seu propósito global. Em consequência, são considerados macrogênero, o que significa que estão constituídos por textos adjacentes que se diferenciam entre si por seu propósito e por suas características discursivas, mas que contribuem conjuntamente a alcançar um objetivo mais amplo (MOYANO, 2013b, p.235).

identificando mapas e fotografias narrativas que, segundo ela, estabelecem relações de complementaridade por acréscimo com os textos verbais.

Com base nos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores sistemicistas, entendemos que a leitura e a escrita na educação básica podem ser aprimoradas se o professor oportunizar aos alunos um ensino explícito do ato de ler e de escrever, considerando as particularidades de cada disciplina. Dessa forma, para mediar esse processo de alfabetização científica, é de suma importância que os professores e os alunos compreendam a estrutura e o funcionamento dos gêneros instanciados nos textos. Nessa perspectiva, o professor será um mediador do ato de leitura, e o aluno terá de levar em conta a linguagem presente no texto. Portanto, aprender como os gêneros se organizam para atingir seus propósitos é a chave, não apenas para a ciência da alfabetização, mas para entender e praticar a própria ciência. Em razão disso, a sistematização das características composicionais, linguísticas e semântico-discursivas dos gêneros textuais presentes nas disciplinas escolares torna-se fundamental para o desenvolvimento de uma prática pedagógica interdisciplinar.

Este texto de dissertação está organizado em cinco capítulos. No capítulo 2 apresentamos os conceitos-chave da Linguística Sistêmico-Funcional e da Pedagogia de Gêneros. Além disso, apresentamos a metáfora gramatical, importante recurso empregado em textos científicos e didáticos. No capítulo 3, descrevemos o corpus e os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa de natureza quanti-qualitativa. No capítulo 4, apresentamos uma análise contextual sobre o livro didático e uma análise textual dos gêneros recorrentes no livro didático da disciplina de Geografia do Ensino Fundamental II. No capítulo 5, apresentamos as Considerações Finais.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo abordamos os conceitos-chave da Linguística Sistêmico-Funcional que advêm dos estudos de Michael Halliday. Nesse sentido, apresentamos o significado de contexto de cultura e contexto de situação e as variáveis de contexto: campo, relações e modo que são realizadas pelas metafunções: ideacional, interpessoal e textual. Além disso, discutimos a Metáfora Gramatical com ênfase na Metáfora ideacional, em especial dois tipos de metáforas: a nominalização de processos/qualidades e uso de processo causador no lugar de conjunção. Também, discorremos sobre a Pedagogia de gêneros mais conhecida como Escola de Sidney a fim de subsidiar os conhecimentos sobre os gêneros embasados pela Linguística Sistêmico-Funcional. Por fim, apresentamos Família dos Relatórios e Família das Explicações.

### 2.1 A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Em 1970, Michael Halliday apontou que “o uso da linguagem é a base fundamental para qualquer análise e descrição da língua” (GOUVEIA, 2009, p.15). A partir dos pressupostos de Halliday inaugura-se a Linguística Sistêmico-Funcional - LSF - que descreve o uso da linguagem e a considera um sistema de escolhas que são determinadas conforme os propósitos sociais e comunicativos de cada indivíduo. Moyano (2013a, p.34) sinaliza que “a Linguística Sistêmico-Funcional é uma teoria que se propõe dar conta da língua em uso em diferentes contextos sociais”.

Bawarshi e Reiff (2013) apresentam o significado de “funcional” e “sistêmico” que amplia a compreensão sobre a LSF:

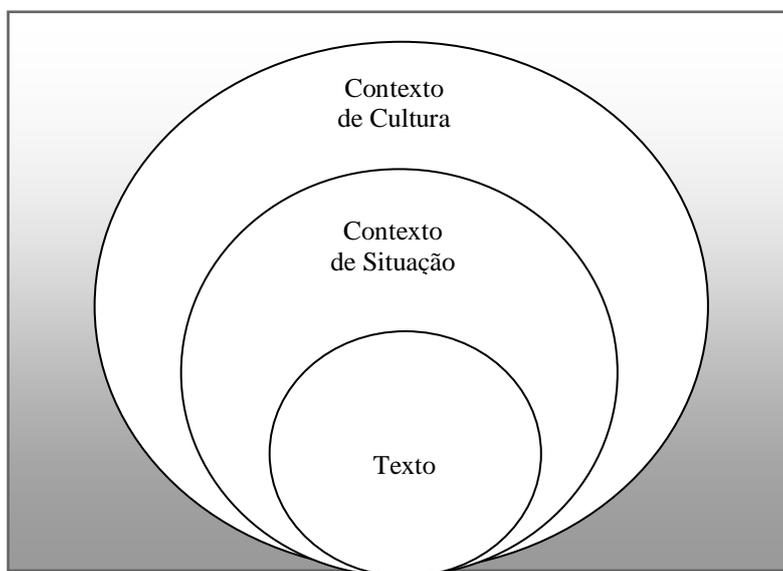
o “funcional” diz respeito ao trabalho que a linguagem realiza dentro de determinados contextos. O “sistêmico” diz respeito à estrutura ou organização da linguagem, de modo que ela possa ser usada para fazer determinadas coisas dentro daqueles contextos (BAWARSHI; REIFF, 2013, p.47).

Gouveia (2009, p.14) reforça essa definição, afirmando que “a LSF corresponde a uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico”. Em razão disso, essa teoria possibilita a análise textual, revelando qual sistema está presente em cada texto. “O texto é a principal unidade de análise, considerado uma unidade semântica consistente e em relação solidária com o contexto social

em que se produz” (MOYANO, 2013a, p.35). Isso significa que o texto tem direta relação com o contexto que o realiza e este realiza o contexto.

Nessa perspectiva, a Linguística Sistêmico-Funcional ocupa-se com o estudo da língua em uso real e coma construção de sentido, pois no texto encontramos redes de significados. Toda escolha linguística está ligada a um contexto mais amplo que é o contexto de cultura e um contexto mais específico que é o contexto de situação, como mostra a Figura 1.

Figura 1– Textos em Contextos



Fonte: (FUZER; CABRAL, 2014, p. 26).

Halliday explora a noção de contexto de cultura a partir de Malinowski que observou ser necessário, ao descrever a língua, fornecer informações, não só sobre o que acontece no momento, mas também sobre a formação cultural dos participantes, que práticas e/ou rituais estão envolvidos nas interações comunicativas.

O contexto da cultura é o que os membros de uma comunidade podem significar em termos culturais, isto é, interpretamos a cultura como um sistema de significados de nível superior - como um meio de significados em que vários sistemas semióticos operam, incluindo linguagem, paralinguagem[...] e outros sistemas humanos de significado (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.33-34).

Em 1923, Malinowski já sinalizava sobre o contexto de situação, ele entendia o contexto de situação como “a forma de significar o ambiente do texto” (BUTT et al., 2000), posteriormente, em 1950, esse conceito foi desenvolvido por Firth. Halliday (2013) aponta que

a linguagem somente surge à existência quando funciona em algum meio. Não experimentamos a linguagem no isolamento – se a fizéssemos não a reconheceríamos como linguagem – mas sempre em relação a algum cenário, com algum antecedente de pessoas, atos e sucessos dos que derivam seu significado das coisas que se dizem. É o que se denomina “situação”, pelo qual dizemos que a linguagem funciona em contextos de situação, e qualquer explicação da linguagem que omita a situação como ingrediente essencial possivelmente resulte artificial e inútil (HALLIDAY, 2013, p.42).

“O contexto de situação de qualquer texto é um caso de contexto social ou um tipo de situação generalizada. O tipo de situação não é uma invenção de cenas e sons em processo, mas é uma estrutura semiótica, é a matriz ecológica constitutiva do texto” (HALLIDAY, 2013, p. 160). A estrutura semiótica da situação se define por três variáveis, conforme Quadro 1.

#### Quadro 1– Variáveis do contexto de situação

<p><b>Campo</b> – se refere ao marco institucional em que se produz um pedaço de linguagem e inclui não somente o tema do que se trata, mas também toda a atividade do falante ou do participante em determinado marco. [poderíamos agregar: “e também a de outros participantes”]</p> <p><b>Relações</b> – se refere à relações entre participantes, não somente a <b>RELAÇÕES</b> de formalidade, mas também a questões como a permanência ou coisas como o relacionamento eo grau de carga emocional que existe.</p> <p><b>Modo</b> – se refere ao canal de comunicação adotado: não somente a seleção entre modo falado e modo escrito, mas as seleções muito mais detalhadas. [poderíamos agregar: e as outras seleções vinculadas com o papel da linguagem na situação.</p>
---

Fonte: Halliday (2013, p. 48).

Essas variáveis envolvem o tipo de situação vivida pelos participantes da interação comunicativa, a natureza desta interação e o canal em que a comunicação se realiza. As variáveis do contexto servem para interpretar o contexto social de um texto, ou seja, o ambiente em que significados estão sendo trocados e determinam o Registro.

A noção de registro é muito simples e importante: se refere ao fato de que a língua que falamos ou escrevemos varia de acordo com o tipo de situação. [...] O que faz a teoria do registro é tratar de mostrar os princípios gerais que regem essa variação, para que possamos começar a compreender *que* fatores de situação determinam *que* características linguísticas (HALLIDAY, 2013, p.46).

Assim, nessa variação, o campo do discurso dá conta do que está acontecendo, da natureza da ação social em que os participantes estão envolvidos; as relações do discurso referem-se a quem está tomando parte, à natureza dos participantes, seus status e funções; o modo do discurso destina-se à parte da linguagem que está em jogo, o que os participantes esperam que a linguagem faça por eles nessa situação (organização simbólica do texto, o status que ele tem e sua função no contexto, incluindo o canal - é falado, escrito ou alguma combinação dos dois, e também o modo de organização retórica, qual objetivo do texto em termos de categorias como persuasivas, expositivas, didáticos e similares). Halliday e Hasan (1985) explicam:

[Q]ualquer parte de texto, extensa ou não, falada ou escrita, levará indicações de seu contexto. Nós só temos que ouvir ou ler uma parte do texto para saber de onde vem. Isso significa que nós reconstruímos a partir do texto certos aspectos da situação, certas características do campo, das relações e do modo. Dado o texto, construímos a situação dele (HALLIDAY; HASAN, 1985, p. 38).

É a partir de determinados elementos linguísticos que identificamos as variáveis do contexto de situação nos textos. Isso é possível devido às metafunções que realizam as variáveis desse contexto. Segundo Halliday (2013, p.187), “podemos estabelecer um princípio geral que governa a maneira em que as características do campo, relações e modo se projetam no texto”.

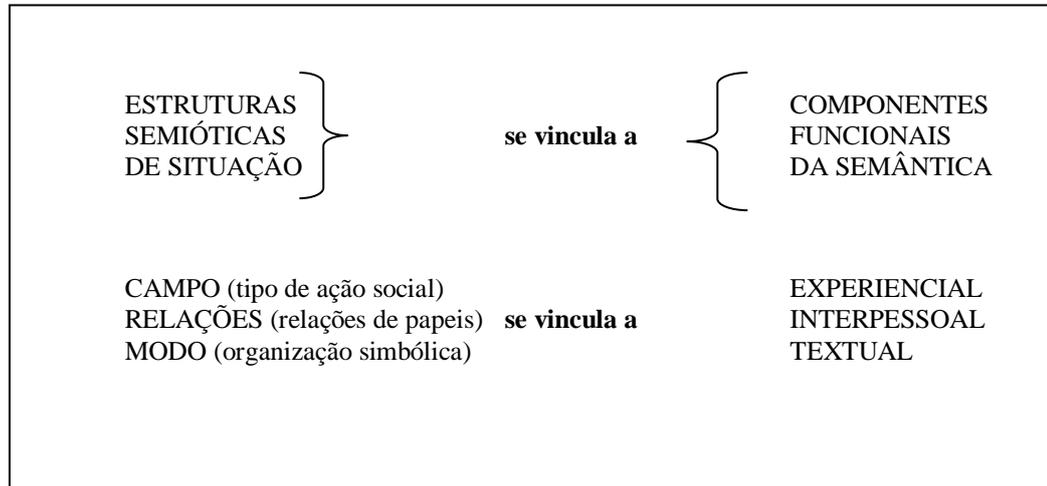
Cada um dos componentes da situação tende a determinar a seleção das opções em um componente correspondente da semântica, no caso típico, o campo determina a seleção de significados experienciais, as relações determinam a seleção de significados interpessoais e o modo determina a seleção de significados textuais (HALLIDAY, 2013, p. 187).

Desse modo, na perspectiva da LSF, o uso da linguagem compreende três funções fundamentais: representar a experiência – Metafunção Ideacional ou Experiencial, representar a interação entre as pessoas – Metafunção Interpessoal, e representar um discurso que tenha sentido – Metafunção Textual. Essas funções são denominadas, por Halliday, de metafunções.

Segundo Gouveia, “as metafunções dão lugar a componentes gramaticais que conjugam redes de sistemas de escolhas de caracterização semântica” (2009, p. 17). Sendo o texto a unidade fundamental para análise das metafunções, são nas orações que compõem o texto que os significados ideacionais, interpessoais e textuais são mapeados. Essas três metafunções realizam linguisticamente o registro (campo, relações e modo).

Halliday, (2013) apresenta uma Figura que demonstra tal relação:

Figura 2– Relação entre estruturas semióticas de situação e componentes funcionais da semântica



Fonte: Halliday (2013, p. 187).

Assim, o que acontece no nível do contexto de situação em termos de campo, relações e modo corresponde ao que acontece no nível linguístico em termos do que “Halliday chama de as três metafunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 48). Motta-Roth e Heberle (2005, p.16) afirmam que “essas três metafunções formam o construto teórico para representar o contexto social como sendo o ambiente semiótico em que as pessoas vivenciam significados”.

Na oração, a metafunção ideacional constrói a experiência e a realidade, evidenciando a representação linguística de qualquer aspecto da realidade. Esses significados se realizam, na gramática, pelo Sistema de Transitividade que apontará o processo (grupo verbal), participantes (grupo nominal) e eventuais circunstâncias (grupo adverbial ou preposicional). O Sistema de Transitividade tem contribuído em muitas pesquisas, no sentido de mostrar como as orações são usadas para representar e analisar eventos e situações variadas. A Transitividade é um sistema de oração e as orações são construídas por escolhas que resumem os tipos de processos, seus significados e respectivos participantes. O Quadro2 resume os tipos de processos.

## Quadro2–Resumo de tipos de processos

PROCESSOS	SIGNIFICADOS	PARTICIPANTES
<b>Materiais</b> Transformativo Criativo	Fazer e acontecer	Ator Meta Escopo Beneficiário (recebedor, cliente) Atributo
<b>Mentais</b> Perceptivo Cognitivo Emotivo Desiderativo	Sentir, perceber, pensar e desejar	Experienciador e Fenômeno
<b>Relacionais</b> Intensivo Possessivo Circunstancial	relação entre duas entidades: caracterização ou identificação.	Identificado Identificador
<b>Verbais</b> Atividade Semiose	Dizer	Dizente Verbiagem Receptor Alvo
<b>Existenciais</b>	Existir	Existente
<b>Comportamentais</b>	Comportar-se	Comportante Comportamento

Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 81-82).

Além de representar a experiência, a linguagem é utilizada para interagir com o outro. Por meio dessas interações, construímos significados: negociamos, opinamos e representamos o mundo. Tais significados são realizados pela metafunção interpessoal que se caracteriza por descrever as interações entre os participantes e quais relações sociais existem entre eles. Nessa perspectiva, o sistema a ser examinado é o MODO. Fuzer e Cabral (2014) sinalizam:

[...] o MODO é o recurso gramatical para expressar a interação entre os participantes de um evento comunicativo, considerando-se as funções dos elementos que constituem a oração, quais sejam: Sujeito, Finito, Complemento, Predicador ou Adjunto. Nas análises, explicitam-se informações relativas ao tempo (presente, passado, futuro) em que ocorre o evento, à modalidade (probabilidade, usualidade, obrigação, inclinação) e à polaridade (positiva ou negativa). Nesse sistema, a oração é vista como troca de informações ou bens e serviços (FUZER; CABRAL, 2014, p. 33).

Esses valores que podem ser trocados: (informações/proposições ou bens e serviços/proposta) apresentam quatro funções: *oferta*, *comando*, *declaração* e *pergunta*. Cada

uma dessas funções pode ser aceita (apoio/aceitação) ou confrontada (confronto/rejeição) pelo ouvinte. Essas funções são chamadas de funções de fala como mostra o Quadro3:

Quadro3– Funções da Fala

PAPEL NA TROCA	VALOR TROCADO	
	INFORMAÇÕES	BENS E SERVIÇOS
DAR	<i>DECLARAÇÃO</i> Ele serviu-me um café	<i>OFERTA</i> Você quer um café?
SOLICITAR	<i>PERGUNTA</i> O que ele lhe serviu?	<i>COMANDO</i> Sirva-me um café.
	<b>PROPOSIÇÃO</b>	<b>PROPOSTA</b>

Fonte: Fuzer e Cabral (2013, p. 105. Adaptado de Halliday e Matthiessen (2004, p. 107).

Na troca de informações e/ou bens e serviços, dar implica receber e solicitar implica dar resposta. Essas trocas geram expectativas nos interlocutores que podem ser respondidas ou não, ou seja, o interlocutor pode aceitar ou rejeitar, empreender ou recusar, reconhecer ou contradizer, responder ou desconsiderar:

[N]o ato de falar, o orador adota para si uma função com discurso particular, e em assim fazendo, atribui ao ouvinte uma função complementar e espera que ele a adote, por sua vez. Por exemplo, ao fazer uma pergunta, um orador está no papel/função do buscador de informações e exige que o ouvinte assuma o papel de fornecedor da informação exigida (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.134).

O elemento Modo, um dos elementos da estrutura interpessoal da oração, manifesta recursos interpessoais de polaridade e de modalidade. A polaridade verifica-se em respostas a perguntas do tipo sim/não. Quanto à modalidade, Halliday e Matthiessen (2014) apontam quatro tipos: probabilidade, usualidade, obrigação e prontidão. A probabilidade e a usualidade se relacionam com as declarações e perguntas e é denominada modalização, já a obrigação e a prontidão se relacionam com as ofertas e comandos e denominam-se modulação. Enquanto a metafunção ideacional busca entender o ambiente, a metafunção interpessoal busca influenciar os outros.

A metafunção textual focaliza a estrutura da informação que pode ser Dada ou Nova (nível do conteúdo), e a Estrutura Temática que envolve as funções Tema e Rema (nível da oração). A identificação do tipo de Tema nas orações revela muito sobre a progressão temática e os propósitos dos textos, por isso o sistema a ser examinado é o Temático, conforme a citação que segue:

O Tema é visto como o termo que encabeça a frase, o ponto de partida da mensagem, o elemento que o autor prioriza em sua mensagem. É o termo que orienta o desenvolvimento do assunto tratado no texto, a manutenção de seu foco e a intenção do enunciador. O Rema é o restante da frase em que o tema é desenvolvido (DUTRA, 2012, p. 142).

Assim, a regra geral compreende como “Tema tudo que aparece em posição inicial na oração, até o final do primeiro elemento experiencial: participante, processo ou circunstância” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 132). Os Temas podem ser marcados e não marcados. Quando o Sujeito ou o elemento está na ordem direta, há o Tema não marcado, por outro lado, se o Tema não é Sujeito da oração há o Tema marcado. Além disso, pode haver três tipos diferentes de Tema na oração: o Tema tópico ou experiencial, o Tema interpessoal e o Tema textual.

O Tema tópico ou experiencial ocorre quando a estrutura temática apresenta como Tema um elemento da metafunção ideacional: participante, processo ou circunstância, já o Tema interpessoal evidencia o tipo de relação existente entre os interlocutores e a posição que cada um ocupa na interação. As marcas linguísticas que caracterizam essa estrutura temática são: adjuntos de comentário, vocativo, palavras interrogativas, entre outros. O Tema textual ocorre quando a estrutura temática apresenta como Tema elementos de ligação que concatenam as orações, os períodos, os parágrafos, criando entre elas uma relação coesiva. As marcas linguísticas que caracterizam essa estrutura temática são conjunções, sequencializadores, continuativos. Fuzer e Cabral (2014, p.137) apontam que “uma oração pode conter um Tema tópico precedido por outros tipos de Temas”. Nesse caso, tem-se o Tema múltiplo.

Ao utilizar a língua para realizar significados, estamos usando juntas e ao mesmo tempo as três metafunções. Assim, a LSF objetiva descrever como são representados os significados, como as pessoas interagem umas com as outras, quais papéis desempenham e como a linguagem é estruturada para alcançar propósitos.

Há casos em que os significados realizados pelas metafunções não são apresentados explicitamente nos textos, principalmente na linguagem das ciências, ideacionalmente, por

exemplo, é bastante comum as informações aparecerem encapsuladas, ou seja, metaforizadas. Por esse motivo, apresentamos a seguir a metáfora gramatical e seus modos de realização.

## 2.2 METÁFORA GRAMATICAL

Tradicionalmente, o conceito de metáfora é visto como uma variação no significado das palavras, porém esse conceito vem sendo modificado, como aponta Fairclough (2008):

A metáfora tem sido considerada tradicionalmente como um aspecto da linguagem literária, especialmente da poesia, com pouca relevância para outros tipos de linguagem. Trabalhos recentes sobre metáforas têm sugerido fortemente que isso não é verdade (ver Lakoff e Johnson, 1980). As metáforas penetram em todos os tipos de linguagem e em todos os tipos de discursos, mesmo nos casos menos promissores, como o discurso científico e técnico (FAIRCLOUGH, 2008, p. 241).

A linguagem está repleta de metáforas que, ao serem selecionadas nas opções que a língua oferece, modificam a realidade. Às vezes, as metáforas estão tão cristalizadas numa dada cultura que as pessoas não conseguem deixar de utilizá-las em seus discursos. A ciência, por exemplo, apresenta um discurso próprio, diferente do discurso cotidiano, e para isso utiliza a metáfora gramatical como importante recurso para falar do mundo social e natural, modificando a interpretação da realidade.

O conceito de metáfora gramatical foi introduzido por Halliday na obra *Introduction to Functional Grammar* (1985): “tradicionalmente, o conceito é visto como uma variação de significado das palavras, mas Halliday apresenta quais são as diferentes maneiras em que o significado pode ser expresso ou realizado” (TAVERNIERS, 2003, p. 2). Desse modo, o conceito de metáfora ganha um novo contorno e seu significado é ampliado.

Quando é a palavra o ponto de partida, temos a visão tradicional da metáfora, por outro lado, se o ponto de partida é o significado da oração, temos a metáfora gramatical. Moss et al. (2013), com base em Halliday (1994), apresentam o conceito de metáfora gramatical como “um processo em que um componente semântico se constrói na gramática de uma forma que não nos é prototípica, apresentando um dos padrões linguísticos mais típicos de uma alfabetização avançada” (MOSS et al., 2013, p. 91).

Na visão tradicional, temos o sentido literal e os sentidos metafóricos da palavra, na metáfora gramatical não há sentido literal, mas significados mais ou menos metafóricos. Assim, as formas menos metafóricas seriam chamadas de congruentes e as mais metafóricas

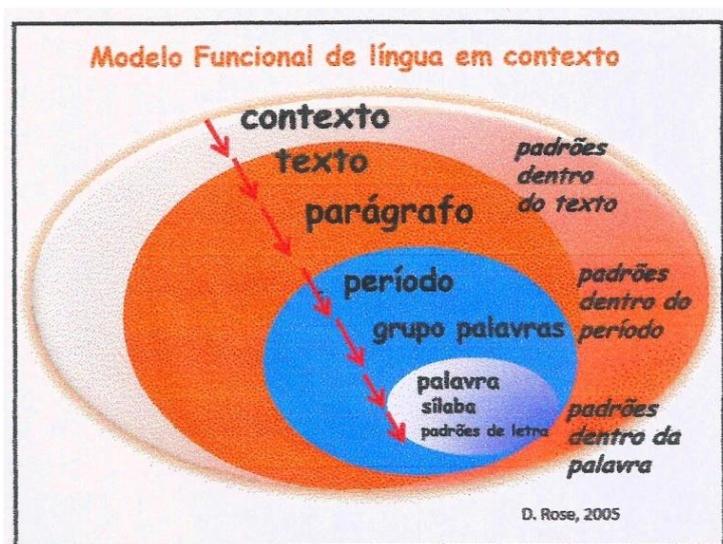
de não congruentes. Halliday (1985apud TAVERNIERS, 2003) aponta consequências importantes desta nova e ampliada visão sobre a metáfora:

1. O que é comparado são configurações gramaticais, enquanto na perspectiva tradicional, o foco é sobre os significados de um único lexema. É justamente essa característica que traz em variação gramatical, que pode então ser interpretada em termos de metáfora.
2. Diferentes configurações podem ser comparadas como expressões com o mesmo significado. Isso significa que, enquanto na perspectiva tradicional, há uma simples oposição entre o literal e o metafórico, há agora uma escala de congruência: algumas expressões são realizações típicas do significado dado, e são definidos como congruentes, outros são mais ou menos incongruentes, em comparação com a realização congruente (s).
3. O conceito de realização desempenha um papel importante: o que é comparado, nessa visão, são as diferentes realizações do mesmo significado. (TAVERNIERS, 2003, p.4).

Por fim, dessa nova perspectiva resultam mudanças significativas: se por um lado a metáfora tradicional focava somente no lexema, a transformação gramatical será o foco da metáfora gramatical. Arranjos diferentes supõem significados diferentes, portanto a escolha de uma forma nominal no lugar de um processo verbal implica novos significados mais ou menos congruentes.

Gouveia (2013, p. 3) apresenta um modelo funcional de língua em contexto que evidencia os níveis da linguagem em que diferentes significados podem ser observados conforme mostra a Figura 3:

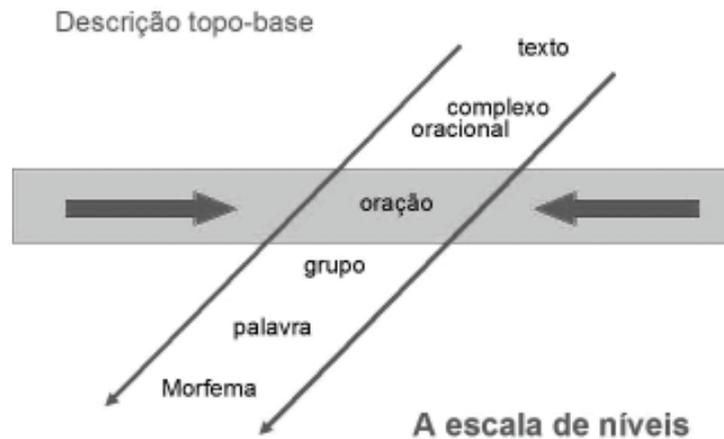
Figura 3 – Modelo Funcional de língua em contexto



Fonte: Gouveia (2013, p.3).

Segundo Gouveia (2009, p. 20), “a léxico-gramática realiza-se em função de uma escala de níveis que, na configuração topo-base, começa na oração, passa pelo sintagma/grupo, passa pela palavra e termina no morfema”.

Figura 4 – Representação da escala em níveis e do movimento descritivo na gramática



Fonte: Gouveia (2009, p.20).

Na Figura 4 é possível observar as relações entre os níveis, tendo por referência as realizações do sistema a partir do texto. A caracterização da descrição em movimento é feita do topo (o texto) para a base (o morfema) e a oração fica na centralidade.

Os significados são mais ou menos congruentes em função das metáforas gramaticais empregadas nas orações. Conforme Halliday e Matthiessen (2014), as metáforas gramaticais podem ser classificadas em dois tipos: interpessoais e ideacionais. A metáfora interpessoal está relacionada com a metafunção interpessoal que tem a ver com as relações sociais. Na infância, as metáforas interpessoais são bastante utilizadas, pois as crianças têm necessidade de fazer perguntas, compartilhar sentimentos e pontos de vista com os adultos. Já a metáfora ideacional está relacionada com a metafunção ideacional que tem a ver com a construção da experiência: quem faz o que a quem, como e por quê. Devido ao foco deste estudo, olharemos apenas para a Metáfora Ideacional.

### 2.2.1 Metáfora Ideacional

Na adolescência e início da vida adulta, as metáforas ideacionais são recursos característicos no uso da linguagem. Halliday e Matthiessen (2014) explicam:

[A]o contrário da metáfora interpessoal, o outro tipo de metáfora gramatical, metáfora ideacional é aprendida mais tarde por crianças e não faz parte da gramática da conversa normal, espontânea que as crianças encontram em casa e na vizinhança, em vez disso, ela é associada com os discursos da Educação, da Ciência, da burocracia e da lei. As crianças são suscetíveis de satisfazer o tipo de representações da metáfora quando atingem os níveis superiores da escola primária, mas a sua força total só vai aparecer quando elas começam a lidar com os discursos especializados baseado em assuntos do ensino secundário (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 709-710).

Christie e Derewianka (2010) analisaram narrativas e relatos de alunos com idades entre 6 e 17 anos para verificar quais recursos linguísticos eram usados na escrita. Os resultados apontaram que, no início da infância, os alunos usam a congruência gramatical, criando orações simples, com nomes simples, grupos verbais e frases preposicionais. Pelo final da infância, entre 9 e 12 anos, eles usam tipos oracionais mais variados e orações encaixadas. É nessa fase que a nominalização surge como o primeiro passo da metáfora gramatical. Além disso, os textos conseguem melhorar a densidade lexical, as fontes de grupos nominais e verbais são expandidas, as frases preposicionais e adverbiais – especialmente as de modo – fornecem mais informações circunstanciais e expressões experienciais e atitudinais são, de modo geral, mais enriquecidas. Enfim, segundo as autoras, há um avanço em relação à organização do texto em virtude do controle mais confiante do Tema.

A análise das autoras diagnosticou que os alunos entre 12 e 15 anos assumem posicionamentos éticos e morais bastante claros na escrita e que a linguagem usada nessa fase é criativa e imaginativa. A gramática usada é não congruente e a metáfora gramatical aparece com maior frequência. Os Temas marcados surgem expressos em orações não finitas, os grupos nominais são expandidos e as orações encaixadas antecipam as ações. Além disso, surge na escrita o julgamento e a apreciação de eventos, os valores experienciais e atitudinais são expandidos e as escolhas lexicais são bastante ricas. Já nos textos dos alunos com idades entre 15 e 17 anos segue o uso de valores atitudinais e experienciais, de metáforas lexicais e gramaticais. Nessa fase, os grupos nominais aparecem expandidos em mais de um modo e as sequências temporais são realizadas não apenas por conectivos temporais evidentes, mas por orações e circunstâncias de tempo. Também surge o uso de frases singulares para enfatizar ou aguçar os eventos, predominam Temas-tópicos não marcados e orações não-finitas.

Em virtude disso, a pesquisa de Christie e Derewianka (2010) comprova que, conforme os alunos vão passando da infância para a adolescência, os recursos linguísticos vão

sendo expandidos. Assim, é na adolescência que eles alcançam habilidades reforçadas/melhoradas na construção de abstração e generalização. Portanto, essa pesquisa reforça o que já foi apontado por Halliday: metáforas ideacionais são usadas por escritores mais experientes.

As metáforas ideacionais se caracterizam por transformar orações congruentes em orações não congruentes por meio de nominalizações de processos/qualidades e por meio do uso de processos causadores em lugar de conjunções. O Quadro 4 evidencia a variação não congruente e congruente.

Quadro4 – Variação congruente e não congruente

Congruente	Oração dependente	Oração dependente da razão	
	Os gregos derrotaram os Persas	porque a marinha grega era forte.	
Não congruente	Fator nominalizado	Processo causador	Resultado nominalizado
	A força naval da Grécia	levaram à	derrota dos Persas.

Fonte: Christie e Derewianka (2010, p.128-129).

Nessa perspectiva, o que ocorreu foi a transformação de uma estrutura nominal abstrata, densa e metafórica em estruturas oracionais mais próximas do uso cotidiano e oral da língua. Halliday e Matthiessen (2014) conceituam a metáfora ideacional como “uma estratégia que nos permite transformar nossa experiência de mundo: o modelo de experiência interpretado de modo congruente é reconstruído no modelo metafórico, criando um modelo distante de nossa experiência cotidiana” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 718).

É importante destacar que as metáforas ideacionais são bastante recorrentes em complexos oracionais. Rose e Martin (2012) sugerem uma atividade de desconstrução de complexos oracionais por meio da reformulação das orações constituintes em frases simples, com as alterações léxico-gramaticais necessárias. Também, sugerem a desconstrução do texto em fases que permitiriam apreender com maior facilidade e clareza seus significados.

Na subseção a seguir, apresentamos dois tipos de metáfora ideacional: nominalização e processo causal. Neste trabalho, apresentamos a classificação das metáforas ideacionais de

acordo com Martin (1992) e com Moss et al. (2013). Segundo os autores, as metáforas ideacionais podem ser do tipo nominalização de processos e qualidade (metáfora experiencial) e podem ser do tipo uso de processos causais no lugar de conjunções (metáfora lógica).

### *2.2.1.1 Nominalização*

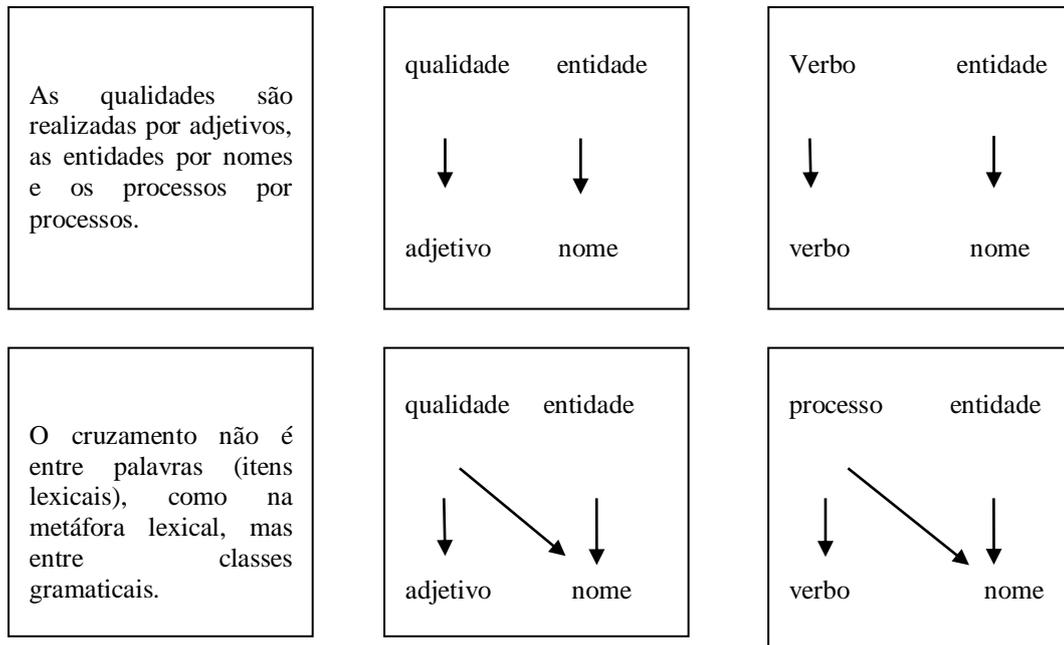
A nominalização é um tipo de metáfora gramatical ideacional que traz consequências para o discurso. Giudice (2013) analisou, embasada na LSF, os manuais de Ciências Sociais (7º ano) da Educação Básica na Argentina, identificando os recursos léxico-gramaticais e a escolha genérica por meio da qual o discurso da história interpretou e reconstruiu fatos que geravam forte controvérsia: a resistência ou a aceitação de grupos sociais frente à última ditadura militar. Como um dos resultados significativos, a pesquisa revelou a recorrência de nominalizações, abstrações e tecnicidade em um grande número de textos, demonstrando que esses usos tornam os textos mais complexos. Ela sinaliza que tais características dificultam o acesso à leitura autônoma por parte dos estudantes não experientes e, ao mesmo tempo, legítima e deslegitima uma interpretação dos acontecimentos.

Halliday e Matthiessen (2014) conceituam nominalização:

[...] é um poderoso recurso para a criação da metáfora gramatical [...] processos (congruentemente formulados como processos) e propriedades (congruentemente formulados como adjetivos) são reformulados metaforicamente como substantivos, em vez de funcionar na frase como processo ou atributo, funcionam como coisa no grupo nominal (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 729).

Gouveia (2013) apresenta um esquema representativo da nominalização:

Figura 5–Nominalização



Fonte: Gouveia (2013, p. 6).

Desse modo, a nominalização é a transformação de um processo ou um atributo para um nome, e o grupo nominal é o recurso primário usado pela gramática para o empacotamento da informação. Moss (2013) explica que

no caso de um processo, na oração congruente, este iria acompanhado de participantes (atores, metas, beneficiários, etc.) e de circunstâncias nas quais ocorre o processo. Na versão nominalizada, perde-se a informação acerca dos participantes e, normalmente, das circunstâncias. Isso se chama empacotamento da informação. O processo inverso (converter a nominalização em uma forma congruente) é denominado desempacotamento (CHAMORRO, 2003; HALLIDAY, 2004 apud MOSS, 2013, p.92).

O empacotamento no texto é uma característica própria do discurso científico e escrito distanciando-se da linguagem natural, cotidiana e oral utilizada pelos alunos. Assim, a falta de habilidades específicas para a leitura deste tipo de discurso pode comprometer o aprendizado de conceitos considerados significativos para tal série/ano. Por isso, Giudice (2013) acredita ser fundamental a mediação do professor para desempacotar o texto e, desse modo, torná-lo congruente. Moss (2013) exemplifica:

Quadro 5 – Desempacotamento do texto

Texto Empacotado	Desempacotando	Texto Desempacotado
As difíceis condições sociais criadas pela industrialização levaram alguns intelectuais e obreiros a criticar o novo modelo de organização econômica e social.	<p>A industrialização criou difíceis condições sociais.</p> <p>As indústrias aumentaram e isso criou difíceis condições sociais.</p> <p>Intelectuais e obreiros criticaram o novo modelo de organização econômica e social.</p> <p>Intelectuais e obreiros criticaram o novo modelo para organizar a economia e a sociedade.</p>	As indústrias aumentaram e isso criou difíceis condições sociais, então alguns intelectuais e obreiros começaram a criticar o novo modelo para organizar a economia e a sociedade.

Fonte: Moss (2013, p.92-93).

Conforme observado, o desempacotamento da informação é apresentado em vários passos, de modo a tornar o texto mais típico do dizer. Os elementos léxico-gramaticais assumem a sua função primária: verbos na função de processos, substantivos na função de participantes e advérbios na função de circunstâncias, depois a informação é reconstruída de modo congruente.

Moyano (2013) afirma que é

necessário que o professor desconstrua textos com os estudantes, centrando-se em recursos chave como os tipos de processos característicos de cada gênero, os participantes envolvidos, especialmente abstrações, tecnicismos e metáforas gramaticais ideacionais (nominalizações) [...] (MOYANO, 2013b, p. 292).

Em virtude disso, o professor se torna um mediador de aprendizagens significativas, podendo desconstruir os significados empacotados e, posteriormente, construir tais significados de forma mais congruente com os alunos.

### 2.2.1.2 Processos Causais

Outro tipo metáfora gramatical ideacional é a que ocorre mediante o uso de processos causais. Esse tipo de metáfora apresenta uma relação de causa e efeito por meio de processos (material, mental, verbal, comportamental, existencial) em vez de conjunções causais.

Nesse caso, a relação causal se apresenta condensada e implícita no processo e esse arranjo torna incompreensível tal relação. Se a relação causal se apresenta na conjunção, a realização é congruente, explícita e revela de forma clara a inequívoca a causa e a relação da causa. Caso contrário, temos o uso de uma forma não congruente, conforme mostra o Quadro6.

Quadro6– Causalidade por meio de processo

Não congruente	<i>A aparição das máquinas <b>significou</b> uma grande ruptura com as tradicionais formas de produção.</i>
Congruente	<i>As máquinas foram inventadas e, como consequência, deixaram de usar as tradicionais formas de produzir as coisas.</i>

Fonte: Moss (2013, p. 97).

A relação causa e efeito por meio de processo empacota a informação juntamente com as nominalizações dos processos e a ausência de participantes. Segundo Moss, (2013 apud Martin, 1992) essa combinação de metáforas se caracteriza por apresentar um alto grau de abstração. Com toda essa abstração, o texto exige maior interpretação dos leitores.

Christie e Derewianka (2010) ao analisar textos de explicação histórica escritos por alunos de meados para o final da adolescência, identificaram as principais características do desenvolvimento da língua escrita. Os resultados apontaram para a produção de textos organizados com uma série de fatores causais e uso de uma gama de estruturas gramaticais para expressar essa causalidade. Entre esses usos apareceram processos causais, avaliação do significado relativo aos fatores causais e julgamento da capacidade daqueles que afetam o curso da história. Desse modo, comprova-se novamente que são os escritores mais maduros os que têm familiaridade com metáforas gramaticais desse tipo.

Por tudo que foi exposto, é de suma importância compreender os mecanismos de empacotamento de um texto para desenvolver com os alunos, menos experientes, as habilidades de leitura necessárias à área disciplinar, em específico, na disciplina de geografia. Além disso, é imprescindível conhecer as Etapas e demais características do gênero que realizam o texto para facilitar a desconstrução dos significados metaforizados. A partir desse

momento, apresentamos a Pedagogia de gêneros, mais conhecida como Escola de Sidney cujo propósito é ensinar a ler e escrever diferentes gêneros textuais por meio de um ensino explícito do gênero.

### 2.3 PEDAGOGIA DE GÊNEROS – ESCOLA DE SIDNEY

Para Bakhtin (2003), os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis, que são utilizados em situações reais de comunicação com base em propósitos comunicativos. A Linguística Sistêmico-Funcional também conceitua gênero a partir de uma perspectiva social e semiótica. Nesse viés, o contexto de cultura é determinante para compreender o gênero. Essa teoria considera a análise de dois tipos de contexto: o contexto de situação (registro) e o contexto de cultura. Desse modo, o gênero compreende um processo social orientado para um objetivo e é realizado pelo registro que apresenta variáveis do contexto: campo, relações e modo, ou seja, escolhas ideacionais, interpessoais e textuais. “O registro contextualiza a linguagem e, por sua vez, é contextualizado pelo gênero” (MARTIN, 1997, p.37).

O gênero é um processo social orientado a uma meta e organizado em Etapas ou Fases. Isso significa, essencialmente, que quando prestamos atenção ao gênero estamos interessados no modo como se alcança um propósito social, o que se faz normalmente em mais de um passo (MARTIN, 1993a, p.8).

De acordo com Gouveia (2014), “o gênero contextualmente está além do registro de um dado texto e denota o seu propósito social” (p. 208). Segundo Martin (1985apudMOYANO, 2013a, p.46) “o gênero é responsável por legitimar combinações de campo (atividades), relações (pessoas) e modo (linguagem) em uma cultura”. O propósito social do texto é alcançado por meio de uma série de Etapas e Fases que constituem a estrutura esquemática do gênero. Cada Etapa e Fase do gênero apresenta um tipo de estratégia verbal utilizada para alcançar tal propósito. Moyano (2013) esclarece que

determinar a estrutura esquemática permitirá inferir o tipo de atividade social, o propósito pretendido e a forma como esse é realizado em Etapas numa dada cultura. Mas, também, permitirá prever os recursos linguísticos que, como realização do registro, se encontrarão nos níveis discursivo-semântico e léxico-gramatical (MOYANO, 2013a, p. 46-47).

Assim, caracterizar um gênero implica, além de conhecer o contexto de cultura e o contexto de situação, conhecer sua estrutura esquemática. As informações, significados ou conceitos avançam no texto conforme este se desenvolve em Etapas e Fases com o objetivo de

alcançar a sua meta social. Com base na LSF, Martin e um grupo de linguistas desenvolveram uma pedagogia para a leitura e produção de gêneros no contexto escolar conhecida como Escola de Sidney ou Australiana.

O objetivo desse grupo foi orientar os alunos, com um ensino curricular, em todos os níveis dos anos escolares, a ler e a escrever com sucesso os diversos gêneros escolares, percebendo as práticas sociais presentes, a fim de desenvolver uma atitude crítica. Para isso, eles procuraram mostrar para os alunos o modo como a linguagem em uso constrói significados, conforme diferentes gêneros, em diferentes áreas. Na Austrália, essa escola surgiu como resposta a um ensino de produção de textos que desconsiderava a realidade social e cultural nas práticas de letramento. Influenciada pelos projetos de Halliday, a escola apresenta um ensino explícito com vistas à mudança social e ao empoderamento dos sujeitos.

Os projetos desta Escola desenvolveram-se em três fases distintas: a primeira fase foi marcada pelo mapeamento de gêneros e de afirmação do ciclo de aprendizagem, relacionada aos projetos *Writing e Language and Social Power*, a segunda fase relacionada ao projeto *Write it Right* e, por fim, a terceira fase associada ao Programa *Reading to Learn* (ROSE; MARTIN, 2012).

Segundo Gouveia (2014, p.213), “a primeira fase começou em 1980 com o início do projeto *Writing* (1980-1985), cujo objetivo foi mapear os tipos de escrita que os estudantes dos seis primeiros anos de escolaridade da Nova Gales do Sul eram solicitados a produzir”. Desse mapeamento e da observação de aulas constatou-se que os alunos escreviam livremente sem uma pedagogia clara sobre como e o que escrever. A falta de uma pedagogia explícita prejudicava a alfabetização dos alunos, pois os temas e as formas de produção de texto não eram objeto de reflexão, assim eles acabavam produzindo sempre os mesmos textos (GOUVEIA, 2014).

Após o projeto *Writing*, surgiram os projetos *Language and Social Power* (1985-1990) e *Write it Right* (1990-1995) cujos propósitos eram: i) saber que gêneros de textos liam e escreviam os alunos, ii) saber quais desses gêneros eram importantes para a aprendizagem do *curriculum*, iii) pensar estratégias de como ensinar os alunos, de modo a tornar eficaz a aprendizagem do *curriculum*.

Nessa perspectiva, a segunda fase da pedagogia de gêneros também desenvolveu a escrita escolar em níveis avançados de ensino e em diferentes disciplinas. Como resultado, o grupo identificou que diferentes disciplinas fazem uso de gêneros com características específicas para ensinar conceitos da área. Com base nisso, os professores de diferentes disciplinas podem trabalhar explicitamente os gêneros das suas disciplinas. Dessa forma, eles

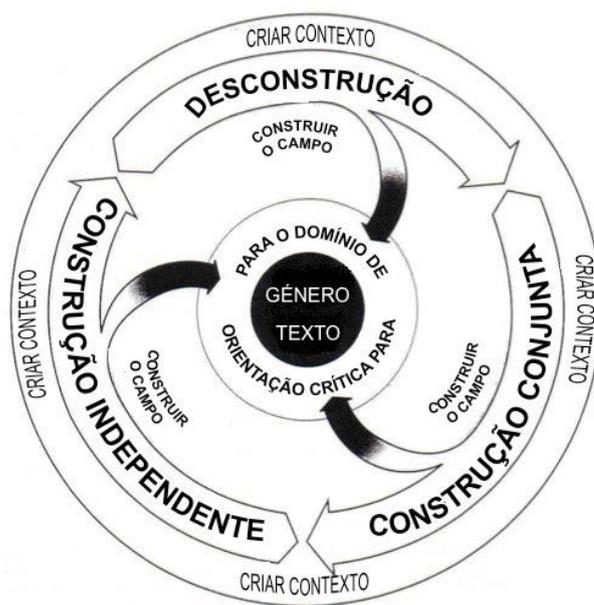
mostram para os alunos como a linguagem em uso constrói significados, conforme diferentes gêneros, em diferentes áreas. “O projeto *Write it Right* alargou, portanto, o âmbito da intervenção, propondo a escrita como transversal ao *currículo* da escola primária (no caso, os seis primeiros anos de ensino) e nas diferentes disciplinas do ensino secundário” (GOUVEIA, 2014, p. 216).

A escola de Sidney propõe um ciclo de ensino/aprendizagem que se caracteriza por apresentar momentos sequenciais para o ensino de um gênero. As três Etapas (Desconstrução, Construção Conjunta e Construção Independente) correspondem a três momentos distintos de trabalho de leitura e escrita em sala de aula. A ideia propõe trabalhar nessa sequência muitos exemplares de um dado gênero para servir de modelo para produções futuras.

Nesta pedagogia, os textos não são apenas usados na sala de aula como pretextos para a expressão e aquisição de conteúdos, isto é, como exemplos de um dado campo, eles são também, e sobretudo, usados como objetos autônomos, complexos, que requerem ensino explícito de como funcionam os textos (GOUVEIA, 2014, p. 215).

As Etapas de Desconstrução e Construção Conjunta correspondem à modelação das escolhas linguísticas e estrutura do texto em Etapas e a relação entre elas, bem como as noções de campo. Enfim, nessas fases, o professor é um guia na produção textual do aluno, ajudando-o a ter domínio do gênero e do campo para a produção independente.

Figura 6 – Ciclo de ensino/aprendizagem



Desse modo, para alcançar seus propósitos, os pesquisadores da Escola de Sidney propõem, primeiramente, três ciclos para desenvolver um trabalho de leitura e escrita de diferentes gêneros: Desconstrução, Construção Conjunta e Construção Independente.

A Preparação para Leitura e/ou Desconstrução do gênero objetiva a leitura do contexto de cultura e de situação do gênero por meio da leitura de textos, mais de um, com linguagem elaborada. Nessa fase, são enfocados i) os registros característicos do gênero, ii) quais Etapas o compõem, iii) de que modo cada Etapa contribui para produzir significados e para alcançar o propósito pretendido, iv) quais são os momentos de antecipação e síntese, v) quais características léxico-gramaticais são recorrentes, vi) quais são as marcas que permitem identificar o gênero. Ou seja, nesta fase, faz-se uma análise detalhada dos aspectos composicionais, linguísticos e sociocomunicativos do gênero. Nessas Etapas, o aluno começa a ler para aprender, esse processo se completa com a Reescrita Conjunta e Individual.

A segunda fase do ciclo de aprendizagem, denominada Construção Conjunta, acontece quando, depois de ler e analisar muitos textos que realizam o gênero, o aluno escreve um exemplar desse gênero coletivamente com o grupo e com o professor. É uma escrita conjunta que leva em conta todos os aspectos explorados na fase anterior. A reflexão começa novamente, surgindo questões sobre o registro, a função do gênero, o propósito, o contexto, o assunto do texto, estrutura esquemática do gênero, etc. Nessa fase, o professor dialoga, negocia, discute, esclarece e constrói junto com os alunos o texto. Assim, durante a escrita, os alunos têm a oportunidade de tirar dúvidas e perceber as diferentes estruturas gramaticais que permitem a coerência e a coesão do texto e como essas estruturas constroem os significados. É uma escrita compartilhada que todos os autores escrevem para aprender.

E, na última fase, denominada Escrita Autônoma, os alunos constroem, individualmente, seus textos com base na experiência adquirida na fase anterior. O professor continua sendo um guia, pois ele avalia, orienta e reavalia a produção do aluno até que ela esteja adequada.

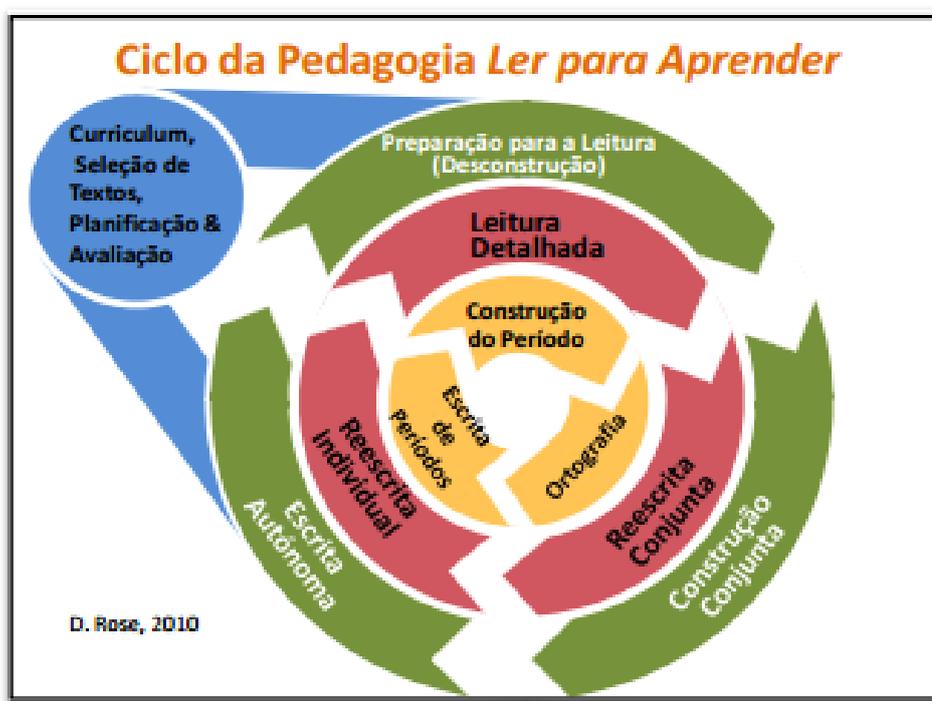
A terceira fase da pedagogia de gêneros se caracteriza por apresentar uma atenção à linguagem segundo níveis mais específicos e de uma forma mais alargada. Assim, surgiu o programa Ler para aprender (*Reading to Learn*) desenvolvido por David Rose e colaboradores. O programa inclui novos ciclos de ensino- aprendizagem em níveis mais específicos.

É um programa aplicado neste século, em diferentes contextos internacionais com grande sucesso, nomeadamente na Europa, onde foi trabalhado em 2012 e 2013, no

âmbito do projeto Tel4ELE- *Teacher Learning for European Literacy Education/* Formação de Professores para o desenvolvimento da literacia na Europa (GOUVEIA, 2014, p. 217).

Com base no mapeamento feito na segunda fase, professores utilizam a pedagogia *Learning to Write Reading to Learn* para ensinar a ler e a escrever em diferentes áreas da cultura: Biologia, História, Matemática, Geografia, entre outras, a fim de explicitar as Etapas e propósitos do gênero.

Figura 7 – Ciclo de aprendizagem da Pedagogia *Ler para Aprender*



Fonte: Gouveia(2013, p.221. Traduzido de Rose (2010).

Dessa forma, o projeto *Learning to Write Reading to Learn* capacita professores e alunos, auxiliando no mapeamento das estruturas esquemáticas de uma grande variedade de tipos de gêneros por meio da desconstrução, construção conjunta e escrita autônoma, para reconhecer os propósitos comunicativos e desse modo mediar a construção do conhecimento por meio do ensino explícito dos gêneros recorrentes na disciplina em estudo.

### 2.3.1 Os Gêneros na escola de Sidney

“A perspectiva da escola de Sidney para o ensino de gêneros se propõe a ter uma visão holística e transdisciplinar” (BUNZEN, 2004, p.6). A ideia é perceber como a língua produz significado em todas as áreas do currículo. Rose e Martin (2012) constataram que os gêneros importantes para a aprendizagem de disciplinas eram pouco explorados, por isso surgiu a necessidade de mapear os gêneros escolares e, desse modo, possibilitar o contato com os gêneros escritos mais valorizados na esfera comunicativa.

Rose e Martin (2012) mapearam os gêneros presentes no contexto escolar, a fim de propor uma taxonomia que auxiliasse os professores no processo de ensino e aprendizagem por meio de um ensino explícito de gêneros. O Quadro7 sistematiza os gêneros presentes no contexto escolar.

Quadro7 – Mapeamento dos gêneros presentes no contexto escolar

(continua)

	<b>Gênero</b>	<b>Propósito</b>	<b>Etapas</b>
Estórias	Relato	Relatando eventos	Orientação Registro de eventos
	Narrativa	Resolvendo uma complicação em uma estória	Orientação Complicação Resolução
	Exemplum	Julgando o caráter ou comportamento na estória	Orientação Incidente Interpretação
	Episódio	Compartilhando uma reação emocional	Orientação Evento importante Reação
Histórias	Relato Autobiográfico	Relatando eventos da própria vida	Orientação Eventos
	Relato Biográfico	Relatando Etapas da vida de outras pessoas	Orientação Eventos
	Relato Histórico	Relatando eventos históricos	Pano de fundo Eventos
	Relato Explicativo	Explicando eventos históricos	Pano de fundo Explicação do evento
Explicações	Explicação Sequencial	Explicando uma sequência	Fenômenos Explicação
	Explicação Condicional	Explicando causa e efeito	Fenômenos Explicação
	Explicação Fatorial	Explicando múltiplas causas	Fenômeno: resultado Explicação de fatores
	Explicação Consequencial	Explicando múltiplos efeitos	Fenômeno: causa Explicação: consequência

Quadro 7 – Mapeamento dos gêneros presentes no contexto escolar

(conclusão)

Procedimentos	Procedimento	Como fazer e experimentos e observações	Propósito Equipamento Passos
	Relato de Procedimento	Relatando observações	Propósito Método Resultados
Relatório	Relatório Descritivo	Classificando e descrevendo tipos de fenômeno	Classificação Descrição de um fenômeno
	Relatório Classificativo		Classificação Descrição de tipos de fenômenos
	Relatório Composicional		Classificação Descrição das partes de fenômeno
Argumentos	Exposição	Argumentando para um ponto de vista	Tese Argumento Reiteração
	Discussão	Discutindo dois ou mais pontos de vista	Problema Lados Resolução
Reação a textos	Resenha	Avaliando um objeto cultural	Contextualização Descrição do objeto cultural Avaliação
	Interpretação	Interpretando a mensagem de um texto	Avaliação Sinopse do texto Reafirmação
	Resposta crítica	Reagindo a mensagem de um texto	Avaliação Desconstrução Desafio

Fonte: Rose e Martin (2012, p.130).

De acordo com Martin (1993b, p. 206), “uma parte necessária para se tornar um estudante de ciência proficiente é aprender a ler e a escrever os vários gêneros do campo das ciências”. Em razão disso, esses autores também sinalizam quais gêneros são recorrentes para desenvolver o conhecimento científico e de que maneira os gêneros constroem esse conhecimento. Entre os gêneros citados por Martin (1993b, p. 206-210) estão os Relatórios e as Explicações.

Em uma análise piloto sobre quais gêneros constroem o conhecimento escolar na disciplina de Geografia, encontramos o predomínio dos Relatórios e das Explicações.

### 2.3.2 Relatórios

A Família dos Relatórios, conforme Martin e Rose (2008), tem o propósito de classificar e descrever uma entidade. Tais autores sinalizam que a ciência classifica e descreve os fenômenos em três tipos de Relatórios: Descritivos, Compositivos e Classificativos. O padrão comum do Relatório Descritivo é apresentar o fenômeno e descrever suas características. Geralmente, cada característica é uma fase da descrição. No Relatório Classificativo, o padrão é apresentar o fenômeno e descrever os tipos que o classificam. Nesse caso, há critérios para definir os tipos e até subtipos do fenômeno e tais critérios são determinantes para definir o gênero. No Relatório Compositivo, o padrão é apresentar o fenômeno, mas ao contrário de descrever os tipos do fenômeno, já o Relatório Compositivo preocupa-se em descrever as partes que compõem a totalidade do fenômeno.

A Família dos Relatórios não realiza uma descrição simples, particular ou cotidiana, mas descreve o todo com suas características e/ou o todo com suas partes ou o todo com seus tipos. Moyano (2013) sinaliza que

a ciência não estuda de forma individual cada objeto ou fenômeno, mas os agrupa e os organiza em classes, abstrações, generalizações, que são descritas levando em conta suas características genéricas, as quais podem ser consideradas comuns a toda a classe (MOYANO, 2013b, p.252).

Os textos que instanciam esses gêneros organizam o conhecimento numa hierarquia. Martin e Rose (2008, p.146) sinalizam que “na verdade, todos os campos envolvem algum grau de organização taxonômica” e que tal organização é um exemplo padrão da Família dos Relatórios. Christie e Derewianka (2008, p.183) complementam afirmando que “os Relatórios descrevem entidades naturais e outros fenômenos e são um tipo de escrita característico da infância onde são produzidos textos curtos”. Apresentamos a seguir exemplares de textos que instanciam a Família dos Relatórios.

#### 2.3.2.1 Relatório Descritivo

O gênero tem como propósito apresentar um fenômeno, seus atributos, propriedades e comportamentos. Apresenta duas Etapas em sua estrutura: Apresentação e Descrição. Esta

última Etapa está constituída de diferentes fases. O texto a seguir instancia o gênero Relatório Descritivo.

Quadro8–Relatório Descritivo

Gênero	Etapas do gênero	Fases	Texto
Relatório Descritivo	Apresentação	Definição	Um músculo esquelético típico <u>é</u> uma massa alargada de tecido, <u>formada</u> por milhões de fibras musculares individuais unidas por outras de tecido conjuntivo.
	Descrição das características do fenômeno	Características principais	Toda a estrutura <u>está</u> rodeada por uma bainha elástica e lisa de tecido conjuntivo, de modo que pode se mover sobre os músculos e outras estruturas adjacentes com um mínimo de fricção. Os dois extremos de um músculo <u>estão</u> unidos, geralmente, a dois ossos diferentes, embora poucos passam do osso para a pele, ou de uma parte da pele para outra, como o caso dos músculos faciais, utilizados para a palavra e a expressão.
		Composição	O extremo que <u>permanece</u> relativamente fixo quando o músculo se <u>contraí</u> , se <u>denomina</u> inserção de origem, o que se move, <u>inserção</u> terminal, e a parte grossa <u>compreendida</u> entre ambos, ventre. A inserção de origem do músculo bíceps <u>está</u> no ombro, e a terminal no rádio, no antebraço,
		Função	quando o bíceps se <u>contraí</u> , o ombro <u>permanece</u> fixo e o cotovelo se flexiona.

Fonte: Moyano (2013a, p. 47).

Nesse texto, a Apresentação está constituída pela definição do músculo esquelético, enquanto a Descrição inclui suas principais características, as partes que o constituem e sua função.

### 2.3.2.2 Relatório Composicional

Os Relatórios Composicionais apresentam um fenômeno, dão informações sobre as partes que o compõem e sua função. Esse gênero apresenta duas Etapas: Apresentação e Descrição das partes do fenômeno.

Quadro 9– Relatório Composicional

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Relatório Composicional	Apresentação	Definição	<b>O cérebro é o centro de controle da maior parte da atividade nervosa.</b>
		Função	Neste órgão se processa a informação sensorial que ingressa pelos órgãos dos sentidos, a transforma em sensações e se elaboram respostas.
		Definição	<b>(o cérebro) É também o centro da comunicação, a memória, a criatividade, a motivação, as emoções e o conhecimento.</b>
		Comparação	Embora muitos dos animais têm um centro onde se concentram neurônios, os humanos têm um capaz de realizar atividades que nenhum outro ser vivo pode fazer: criar cultura e transmiti-la.
	Descrição das partes do fenômeno	Composição	Na superfície o cérebrotem grande quantidade de dobras ou <b>circunvoluções</b> , de ranhuras menos profundas ou <b>estrias</b> , e de ranhuras muito profundas ou <b>fissuras</b> . A fissura mais profunda divide ao cérebro em duas metades, <b>os hemisférios cerebrais</b> direito e esquerdo, conectados entre si por uma massa de fibras chamada <b>corpo caloso</b> . Outras estrias e fissuras menos profundas delimitam quatro regiões ou lóbulos a cada lado do cérebro, cada um dos quais tem o nome do osso do crânio mais próximo: <b>lóbulos frontal, temporal, parietal e occipital</b> . Nestas regiões se localizam centros onde se recebe e interpreta informação sensorial. <b>O córtex</b> cerebral é a capa externa que cobre o cérebro. Está conformada por matéria cinza, quer dizer, por corpos neuronais que recebem informação, a processam, armazenam parte dela na memória e controlam movimentos voluntários. Devido a esta quantidade e variedade de atividades, se considera o <b>centro processador da informação</b> . A diferença da medula espinhal, no cérebro <b>a matéria branca</b> se encontra interiormente, por debaixo da matéria cinza.

Fonte: Moyano(2013b, p.258).

A primeira Etapa identifica a definição do cérebro segundo sua função que se encontra dividida em duas partes. A definição se completa com uma comparação entre as funções do cérebro humano e dos animais para distinguir a espécie humana entre as outras por sua capacidade intelectual. A segunda Etapa tem como propósito identificar partes do fenômeno, denominá-las para construir termos técnicos e estabelecer relações.

### 2.3.2.3 Relatório Classificativo

O Relatório Classificativo organiza os fenômenos em classes de acordo com critérios explícitos e/ou implícitos que definem tais fenômenos e os subclassificam.

Quadro 10 – Relatório Classificativo

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Classificação	Baleias  Existem muitas espécies de baleias. Dividem-se convenientemente em <b>dentadas</b> e <b>barbadas</b> .
	Descrição de tipos do fenômeno	Descrição 1	<b>As baleias dentadas</b> se encontram a todo lugar do mundo em grande quantidade. A maior delas é a <b>Cachalote</b> , que cresce até alcançar o tamanho de um vagão de carga de ferro. Outras espécies familiares aos Canadenses são as <b>Beluga</b> ou <b>Baleia Branca</b> , a <b>Narval</b> , com sua presa que a faz parecer a um unicórnio, a <b>baleia assassina</b> ou <b>Orca</b> , a <b>Calderón</b> ou <b>Pothead</b> , que se encontra comumente enalhada nas praias, o <b>golfinho Manchado</b> e o <b>Acrobata</b> , que criam um problema para os caçadores de atum, e as <b>Marsopas</b> , que comumente se veem ao longo de nossas costas.
		Descrição 2	Existem menos espécies das grandes <b>baleias barbadas</b> , que filtram krill e pequenos peixes através de suas telas. A maior é a <b>Baleia Azul</b> , que se vê frequentemente no Golfo de St.Lawrence. Alcança ao longo de 100 pés e um peso de 200 toneladas, equivalente a aproximadamente 30 elefantes africanos. Sua cria tem 25 pés ao longo do nascimento e aumenta por volta de 200 libras por dia com sua dieta de leite. Outras espécies são a <b>Rorcual comum</b> , que ao alcançar ao longo de 75 pés expele fortes correntes de água de 20 pés, a veloz nadadora <b>Sei</b> , a <b>Baleia cinza</b> , mais comumente vista em migrações ao longo de nossa costa no Pacífico entre a Baixa Califórnia e o mar de Bering, a <b>Baleia de Groelândia</b> , de águas de Alaska, a <b>França</b> , seriamente ameaçada, a <b>Jubarte</b> , que os turistas desfrutam em lugares como Hawaii e Alaska, a menor, <b>Baleia de Rorcual tropical</b> e a menor de todas, a <b>baleia Rorcual Alibranco</b> , que continua sendo abundante ao longo do mundo.
Comentário	Assim com o crescente interesse nas baleias, um número cada vez maior de pessoas pode distinguir as diferentes espécies.		

Fonte: Adaptado de Martin (1993a, p.2).

O texto apresenta uma família biológica, os Cetáceos, dividindo-a em dois grupos. A primeira Etapa começa com a Apresentação de duas categorias de baleias: dentadas e barbadas. Logo, na segunda Etapa, temos a Descrição em tipos que se divide em três Fases. A descrição 1 introduz a categoria “Dentadas”, apresenta as baleias desse grupo e descreve cada uma delas. A descrição 2 introduz a categoria “Barbadas”, seguida de apresentação das espécies características cada espécie. O texto é finalizado com um Comentário sobre a observação das baleias como uma atividade recreativa popular em aumento.

### 2.3.3 Explicações

Christie e Derewianka (2008, p. 183) apontam que “os gêneros Relatório e Explicação são importantes para construir o conhecimento dos fenômenos naturais”.

uma diferença fundamental entre os relatórios e as explicações é o papel do tempo na sua estruturação: explicações constroem sequências de atividades, enquanto os relatórios são focados em entidades, organizadas por classificação e composição, ao invés de se desdobrar no tempo (MARTIN; ROSE, 2008, p.166, grifos nossos).

Segundo Moyano (2013b), as ciências não só definem, descrevem ou organizam os fenômenos, mas também se preocupam em explicar como e por que eles acontecem. Desse modo, de acordo com Martin e Rose (2008), a Família das Explicações divide-se tipos gerais

que podem consistir de uma sequência simples de causas e efeitos; uma Explicação Sequencial; que pode envolver múltiplas causas, uma Explicação Fatorial, ou vários efeitos, uma Explicação Consequencial; ou os efeitos podem variar dependendo das condições variáveis, uma Explicação Condicional (MARTIN; ROSE, 2008, p. 150, grifos nossos).

A Família das Explicações tem como característica relevante a organização interna dos textos, dando maior relevância à estrutura retórica que às relações entre objetos e atividades do mundo que constroem (MOYANO, 2013b, p. 231). As Explicações buscam explicar como os fenômenos acontecem, seja por meio da explicação de uma sequência, de uma explicação de causas, de uma explicação de efeitos ou de uma explicação de causas e consequências dependentes de certas condições.

O padrão comum na Explicação Sequencial é apresentar uma série de fenômenos com uma relação causal entre eles. Os fenômenos são apresentados em uma sequência de implicação que se sucede. Na Explicação Fatorial, o padrão comum é apresentar o fenômeno

e explicar os fatores que o determinam. Geralmente, cada fator corresponde a uma fase do gênero. Na Explicação Consequencial, o padrão comum é apresentar o fenômeno e as consequências decorrentes do fenômeno. Cada fase do gênero, geralmente, apresenta uma consequência. Por fim, na Explicação Condicional, o padrão comum é apresentar um fenômeno, mas as causas e consequências desse fenômeno dependem de certas condições. Aqui, também, as condições apresentadas correspondem às fases do gênero.

Os textos que instanciam tais gêneros explicam o conhecimento na ciência, evidenciando relações temporais de causa e consequência dos fenômenos. Esse é um padrão que caracteriza a Família das Explicações.

Os Relatórios focam na descrição, composição das partes ou classificação dos fenômenos em tipos segundo um ou mais critérios, e as Explicações focam nas condições de causa e efeito dos fenômenos. Apresentamos a seguir exemplares de textos que instanciam a Família das Explicações.

#### *2.3.3.1 Explicação Sequencial*

As Explicações Sequenciais são tipicamente construídas como uma série de eventos em que uma relação causal obrigatória é implícita entre cada evento (MARTIN, ROSE, 2008, p.150). É um gênero que realiza o propósito particular de dar conta de um fenômeno, apresentando o modo como os eventos se concatenam causalmente numa sequência temporal. Para cumprir com esse propósito, este texto se estrutura nas seguintes Etapas: Apresentação e Explicação.

Quadro 11 – Explicação Sequencial

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Explicação sequencial	Apresentação	Fenômeno	Origem e Evolução dos assentamentos urbanos  Os primeiros assentamentos urbanos podem ser datados no período neolítico, quando o homem, que havia começado a cultivar e criar animais, foi capaz de produzir um excedente que poderia ser armazenado e comercializado. Por este motivo, já não precisava mudar de lugar de residência para conseguir o sustento. Como consequência, o homem construiu melhores casas, teve uma dieta mais equilibrada e melhorou sua organização social.
	Explicação da sequência de eventos	Sequência explicativa	Uma vez assentado em agrupamentos urbanos, o homem passou de nômade a sedentário. A cidade neolítica se converteu em um modelo de convivência, concentrando a produção e o mercado cresceu em extensão e em população. Seu tamanho estava limitado pela baixa produtividade agrícola, a capacidade do mercado e as possibilidades técnicas. Por volta do ano 3500 a. C., os simples povoados neolíticos começaram a se transformar nas primeiras cidades, os localizados na Mesopotâmia asiática e Egito tiveram uma rápida urbanização.
		Dedução	O crescimento desses assentamentos urbanos não foi fortuito, mas respondeu à organização social daqueles que o construíram e habitaram. Assentaram-se em planícies aluviais que proporcionou boas oportunidades para a agricultura, acesso direto à água e bons meios de comunicação, provando que a cidade antiga dependia do ambiente imediato.

Fonte: Escobar e Jovenich (2013, p. 336).

A primeira Etapa apresenta o fenômeno e cumpre a função de estabelecer o que se explicará na segunda. A segunda Etapa desenvolve a explicação sobre o acontecimento e a Fase “Dedução” elabora uma interpretação sobre o que foi explicado. É uma relação de ampliação. A sequência explicativa completa o fenômeno da primeira Etapa e a Dedução interpreta os significados que explicam a origem e evolução dos assentamentos urbanos.

### 2.3.3.2 Explicação Fatorial

Para Martin e Rose (2008) os eventos históricos podem ser explicados por dois ou mais fatores que o determinam. Esse padrão é visto em Explicações do tipo Fatorial. As Explicações Fatoriais se caracterizam por apresentar um fenômeno e explicar os fatores que

contribuíram para que tal fenômeno existisse. No texto “O que é globalização?” a primeira Etapa é a Apresentação seguida da Explicação dos fatores que determinaram o fenômeno.

Quadro 12–Explicação Fatorial

Gênero	Etapas	Fases	Texto
<b>Explicação Fatorial</b>	<b>Apresentação</b>	Fenômeno	O que é globalização?  Os fatores mais importantes para explicar a globalização estão relacionados aos avanços tecnológicos, o fim do confronto entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética (Guerra Fria), a projeção do mundo todo do modelo ocidental e da proliferação de empresas multinacionais.
		Fatores	A tecnologia tem alcançado, em muitos casos, superação das barreiras das distâncias e permitido que o que acontece em uma das extremidades do planeta seja conhecido, quase ao mesmo tempo, no outro lado do planeta, apresentando, assim, a ideia da união mundial. A globalização política surgiu com o fim do confronto entre os Estados Unidos e a União Soviética, o que demonstra o triunfo do capitalismo sobre o consumismo e a vitória da democracia liberal sobre as ditaduras. A mundialização dos modelos ocidentais é basicamente baseada na mídia, que espalhou pelo mundo toda a ideologia ocidental, tais como os direitos humanos, os princípios democráticos e o tipo de consumo. Finalmente, a dimensão econômica se explica pela liberação do tráfego rodoviário de mercadorias, pessoas, dinheiro e de capital, a internacionalização da produção, e o domínio de empresas multinacionais. A globalização se origina antes da queda do modelo de produção fordista, e cria as condições necessárias para o novo modelo de produção, a pós-fordista.
	Contextualização do fenômeno	A globalização se produz em situações de desigualdade entre diferentes regiões do mundo e até mesmo dentro dos próprios países. Falar dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos não é muito preciso. Algumas cidades em países periféricos expõem indicadores socioeconômicos semelhantes ao dos centros.	

Fonte: Escobar e Jovenich (2013, p. 350).

Na Etapa Apresentação o fenômeno *a globalização* é evidenciado e apresentam-se os fatores do fenômeno que serão desenvolvidos na próxima Etapa. A Etapa Explicação das múltiplas causas aponta os fatores da globalização. Nessa parte do texto são retomados os quatro fatores antecipados na primeira Etapa, o último deles explica de que maneira cada fator contribuiu para que o fenômeno se realizasse. Finalmente, a Contextualização do Fenômeno tem como função completar a construção do fenômeno, explicando como se deram as causas por meio da descrição do cenário socioeconômico em que se produz a globalização.

### 2.3.3.3 Explicação Consequencial

Assim como acontece nas consequências da história para a sociedade, um evento único pode ter duas ou mais consequências no mundo natural (MARTIN; ROSE, 2008, p. 159). As Explicações Consequenciais se caracterizam por apresentar um fenômeno e as consequências decorridas de tal fenômeno. Na Etapa Apresentação o fenômeno é evidenciado e na Etapa Explicação dos múltiplos efeitos são explicadas as consequências do fenômeno.

Quadro 13–Explicação Consequencial

<b>Gênero</b>	<b>Etapas</b>	<b>Fases</b>	<b>Texto</b>
	<b>Apresentação</b>	Fenômeno	Florestas do sul No sul da Austrália, as florestas foram limpas para plantar culturas como trigo e outros cereais. Ovelhas e gado são pastoreados em pastos introduzidos.
<b>Explicação Consequencial</b>	<b>Explicação dos múltiplos efeitos</b>	Consequência 1	Quando a terra foi limpa pela primeira vez, pequenos aglomerados de árvores ou árvores solteiras foram deixados para sombra. Hoje essas árvores estão chegando ao fim de suas vidas e morrendo.
		Consequência 2	A limpeza das árvores causou problemas na utilização da terra para a agricultura. Sem árvores a terra foi corroída pelo vento e pela chuva. Hoje os agricultores estão replantando as árvores para tentar parar essa erosão.
		Consequência 3	Os animais como os roedores contam com os troncos caídos para seu abrigo. Os troncos de árvores velhas têm cavidades neles e os animais pequenos das florestas se escondem neles. Se estes troncos são limpos e removidos, os animais já não têm lugares para se abrigar.

Fonte: Adaptado de Martin e Rose(2008, p. 159).

Nesse texto, o fenômeno apresenta a causa de três consequências. A primeira consequência do fenômeno é a morte da árvore. A segunda é a erosão do solo e a terceira é a perda do habitat dos animais. Assim, a Etapa Explicação Consequencial aponta as consequências resultantes, em sentido amplo, da devastação das árvores.

### 2.3.3.4 Explicação Condicional

Como em outros tipos de Explicações, a Explicação Condicional implica obrigatoriamente relações entre eventos, mas esses eventos são interpretados como contingentes aos fatores. Nas Explicações condicionais, o fenômeno tipifica geralmente a variabilidade da causação, por exemplo, como pode ser afetado. A contingência de efeitos é frequentemente explícita assim como vários resultados são hipotéticos (MARTIN; ROSE, 2008, p. 161).

Quadro 14 – Explicação Condicional

Gênero	Etapas	Fases	Texto
<b>Explicação condicional</b>	<b>Apresentação</b>	Fenômeno	Populações de predadores e presas O tamanho da população de uma espécie pode ser afetado pelo tamanho da população de outra espécie. Isso é verdade no caso de uma espécie de predadores e de espécies de presas das quais se alimenta. Ao longo do tempo, vários resultados são possíveis:
	<b>Explicação da causa e efeito</b>	Condição 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• se o predador estiver ausente, a população de presas aumentará exponencialmente, mas acabará por "falhar" quando seu número ficar muito alto para ser apoiado pelos recursos alimentares no habitat.</li> </ul>
		Condição 2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• se a população de presas é muito pequena, a população predatória morrerá de fome.</li> </ul>
		Hipótese	Em alguns casos, ciclos de "altos e baixos" podem ser observados em ambas as populações, com o pico na população predatória ocorrendo após o pico na população de presas. Por quê?

Fonte: Martin e Rose(2008, p. 161).

O texto explica o que acontece às populações animais sob três condições: se os predadores estão ausentes, se as presas são poucas e se o número de predadores ou presas diminuir e/ou aumentar novamente. O Fenômeno é apresentado e suas causas são variáveis, assim também vários resultados são hipotéticos. A Etapa Explicação Condicional é sinalizada com o adjunto conjuntivo "se" e aponta uma hipótese no ciclo predatório.

Em virtude do exposto sobre Relatórios e Explicações, sinalizamos que tais gêneros desempenham papéis relevantes, organizando o conhecimento nas ciências. É comum que os gêneros Relatório e Explicação apareçam híbridos em muitos textos, contribuindo para a ampliação dos significados pretendidos. Desse modo, passam a fazer parte de textos maiores,

mais amplos, denominados macrogêneros, por exemplo, capítulos de livros didáticos e/ou unidades. Nesse sentido, os gêneros são usados para ajudar o macrogênero a alcançar seu propósito.

Moyano (2013) sinaliza:

[O]s manuais escolares, como outros textos tanto ou menos extensos em nossa cultura, combinam diferentes gêneros para poder alcançar seu propósito global. Em consequência, são considerados macrogêneros, o que significa que estão constituídos por textos adjacentes que se diferenciam entre si por seu propósito e por suas características discursivas, mas que contribuem conjuntamente a alcançar um objetivo mais amplo (MOYANO, 2013b, p.235).

Tão importante quanto saber os conceitos das disciplinas, é saber as diferentes formas de construção desses conhecimentos. Assim, é imprescindível que os alunos tenham consciência dos gêneros e dos recursos de linguagem usados nos quais as disciplinas envolvem seus discursos. Conhecendo os gêneros e a linguagem empregada, os alunos terão facilidade para construir o conhecimento científico e desenvolvê-lo por meio da escrita.



### 3 METODOLOGIA

Quando a pesquisa está centrada na linguagem, estamos diante de muitas possibilidades de abordagem. Esta pesquisa se situa no paradigma qualitativo e quantitativo. A pesquisa qualitativa se caracteriza por sua grande flexibilidade e adaptabilidade. O objetivo dessa modalidade de pesquisa é explicar o porquê das coisas, evidenciando o que precisa ser feito, mas não quantificam valores nem quaisquer dados numéricos, se valem apenas de diferentes abordagens. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade: universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. É uma investigação mais profunda das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser quantificados. A pesquisa quantitativa, ao contrário, preocupa-se em quantificar dados, centra-se na objetividade dos fatos. Essa modalidade de pesquisa considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados.

Assim, enquanto a pesquisa qualitativa se centra em interpretações das realidades encontradas em textos baseadas em diferentes abordagens, a pesquisa quantitativa se centra em análises de estatísticas de dados numéricos coletados em levantamentos.

Conforme Fonseca (2002, p.20), “a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”. Além disso, a associação entre a análise estatística e investigação dos significados das relações humanas privilegia a melhor compreensão do tema a ser estudado, facilitando a interpretação dos dados. Em virtude disso, esta pesquisa se classifica em relação à abordagem qualitativa e quantitativa, pois houve a necessidade de quantificar a recorrência de gêneros textuais foram instanciados pelos textos de Geografia e também a necessidade de interpretá-los, segundo o universo de significados presentes nos textos.

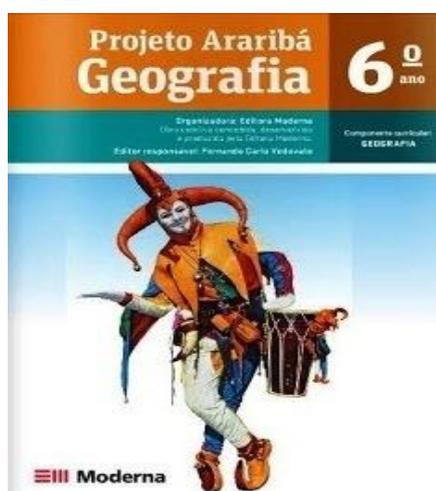
#### 3.1 UNIVERSO DE ANÁLISE

A temática de nosso estudo está em conformidade com o que se propõe no projeto guarda-chuva *A transversalidade da leitura e da escrita nas diferentes áreas disciplinares: descrição, análise e didatização* que tem por objetivo descrever e analisar a prática de leitura e escrita na escola a fim de oferecer uma sistematização das características composicionais, linguísticas e semântico-discursivas dos gêneros textuais com vistas à produção de material didático para o ensino e aprendizagem nas diferentes áreas disciplinares. Neste trabalho, não

pretendemos produzir material didático, mas, de fato, oferecer uma sistematização das características composicionais, linguísticas e semântico-discursivas dos gêneros instanciados em dois livros didáticos de Geografia.

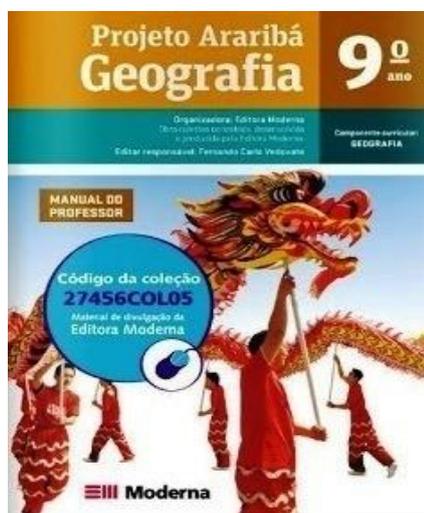
Considerando que a construção do conhecimento no contexto escolar é mediada, em grande medida pelos livros didáticos, selecionamos como universo de análise o livro de Geografia Projeto Araribá, 2010, do 6º e 9º ano - publicado pela Editora Moderna, tendo como editor responsável Fernando Carlo Vedovate.

Figura 8–Livros de Geografia Projeto Araribá do 6º



Fonte: Vedovate(2010a, capa).

Figura 9– Livro de Geografia Projeto Araribá do 9º ano



Fonte: Vedovate (2010b, capa).

A escolha do livro justifica-se por ser o livro mais utilizado nas escolas do Rio Grande do Sul. Conforme o Plano Nacional do Livro Didático - PNLD, essa coleção teve maior distribuição por componente curricular no estado em 2014 e foi redistribuída nas escolas em 2015 e 2016. A Figura 10 apresenta esses dados.

Figura 10– Coleções mais distribuídas por componente curricular

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO Programa Nacional do Livro Didático - PNLD							
PNLD 2014 - Coleções mais distribuídas por componente curricular Geografia							
	Código	Título	Tipo	Qtde.	Cad.	Quantidade	Quantidade
1ª	27456C0524	PROJETO ARARIBÁ - GEOGRAFIA	L	216	14,5	905.593	3.333.109
	27456C0524	PROJETO ARARIBÁ - GEOGRAFIA	M	320	21	17.397	
	27456C0525	PROJETO ARARIBÁ - GEOGRAFIA	L	216	14,5	829.695	
	27456C0525	PROJETO ARARIBÁ - GEOGRAFIA	M	312	20,5	16.522	
	27456C0526	PROJETO ARARIBÁ - GEOGRAFIA	L	216	14,5	782.383	
	27456C0526	PROJETO ARARIBÁ - GEOGRAFIA	M	320	21	16.044	
	27456C0527	PROJETO ARARIBÁ - GEOGRAFIA	L	240	16	749.469	
	27456C0527	PROJETO ARARIBÁ - GEOGRAFIA	M	344	22,5	16.006	
2ª	27367C0524	EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS	L	272	18	483.831	1.771.873
	27367C0524	EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS	M	368	24	9.188	
	27367C0525	EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS	L	280	18,5	445.076	
	27367C0525	EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS	M	384	25	8.772	
	27367C0526	EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS	L	304	20	413.662	
	27367C0526	EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS	M	400	26	8.426	
	27367C0527	EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS	L	296	19,5	394.512	
	27367C0527	EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS	M	408	26,5	8.406	
3ª	27466C0524	PROJETO TELÁRIS - GEOGRAFIA - O ESPAÇO NATURAL E A AÇÃO	L	280	18,5	310.993	1.117.130
	27466C0524	PROJETO TELÁRIS - GEOGRAFIA - O ESPAÇO NATURAL E A AÇÃO	M	384	25	6.016	
	27466C0525	PROJETO TELÁRIS - GEOGRAFIA - O ESPAÇO SOCIAL E O ESPAÇO	L	288	19	282.593	
	27466C0525	PROJETO TELÁRIS - GEOGRAFIA - O ESPAÇO SOCIAL E O ESPAÇO	M	400	26	5.653	
	27466C0526	PROJETO TELÁRIS - GEOGRAFIA - O SUL GEOECONÔMICO - 8º ANO	L	336	22	256.455	
	27466C0526	PROJETO TELÁRIS - GEOGRAFIA - O SUL GEOECONÔMICO - 8º ANO	M	456	29,5	5.389	
	27466C0527	PROJETO TELÁRIS - GEOGRAFIA - OS PAÍSES DO NORTE E O	L	344	22,5	244.686	
	27466C0527	PROJETO TELÁRIS - GEOGRAFIA - OS PAÍSES DO NORTE E O	M	464	30	5.345	

Fonte: Brasil (2014, p. 8).

No livro didático de Geografia Projeto Araribá do 6º ano, destacam-se os conceitos da Geografia Física: clima, massa, relevo e seus agentes, distribuição dos animais e plantas. É o estudo das características naturais existentes na superfície terrestre. Nesse sentido a Geografia do 6º ano aborda conceitos sobre o Planeta Terra. Já o livro didático de geografia Projeto Araribá do 9º ano apresenta conceitos da Geografia Humana: crescimento, distribuição e estrutura das populações e movimentos populacionais, transformações na agricultura, transformações nas cidades, classificação, desenvolvimento e distribuição das indústrias, atividades ligadas aos transportes, às comunicações e a outros serviços. O 9º ano destina-se ao estudo dos Continentes.

### 3.2 CORPUS DE ANÁLISE

Neste trabalho, como critério de análise, selecionamos as unidades e temas ímpares dos livros didáticos de Geografia Projeto Araribá do 6º e do 9º ano. A escolha das séries 6º ano e 9º ano se justifica por marcarem o início e o final do Ensino Fundamental II e para termos uma visão panorâmica do livro. Nesse sentido, é relevante observar como se organizam os textos do livro didático de Geografia no início do Ensino Fundamental e no final desse nível de ensino, a fim de verificar quais Famílias de gêneros e suas características são encontradas nas unidades selecionadas. A seguir apresentamos os Quadros 15 e 16 que mostram tais Unidades e Temas que compõem o corpus dessa pesquisa.

Quadro 15 – Corpus Projeto Araribá do 6º ano

<b>PROJETO ARARIBÁ 6º ANO</b>		
<b>UNIDADES</b>	<b>TEMA 1</b>	<b>TEMA 3</b>
1 - A Geografia e a Compreensão do Mundo	Paisagem, espaço e lugar	Orientação no espaço geográfico
3 – Os continentes, As ilhas e Os oceanos	Os continentes	Os oceanos e os mares
5 – Clima e Vegetação	O clima	As grandes paisagens vegetais da Terra
7 – Extrativismo e Agropecuária	Recursos naturais e atividades econômicas	A agricultura

Fonte: Autora.

Quadro 16 – Corpus Projeto Araribá do 9º ano

<b>PROJETO ARARIBÁ 9º ANO</b>		
<b>UNIDADES</b>	<b>TEMA 1</b>	<b>TEMA 3</b>
1 - Países e Conflitos Mundiais	Estado, nação, território e país	Conflitos: as razões e os principais focos
3 – O Continente Europeu	Quadro natural e problemas ambientais	A economia europeia
5 – O Continente Asiático	Ásia: um continente de contrastes	A economia do continente asiático
7 – O Continente Africano	Quadro natural e regionalização da África	As Fronteiras da África

Fonte: Autora.

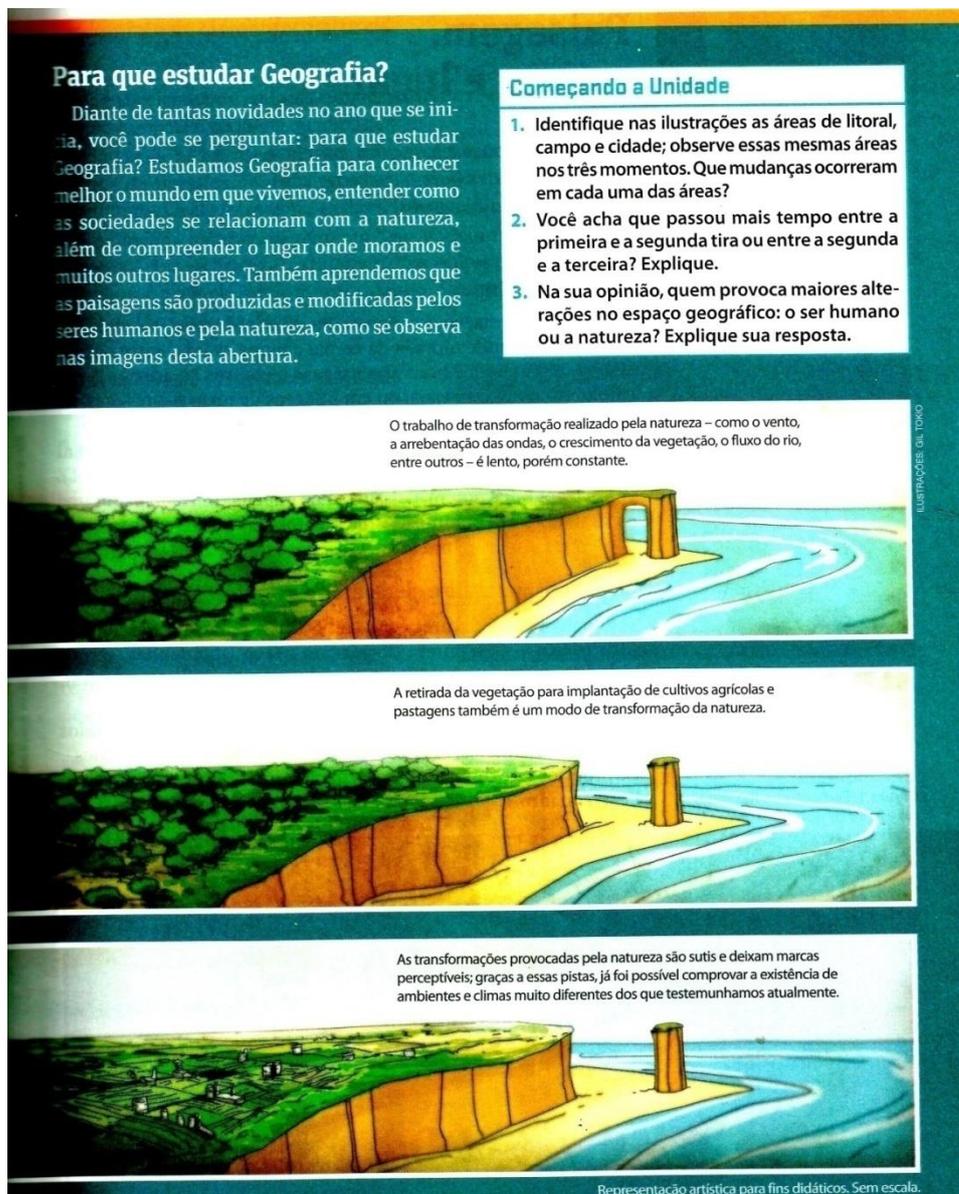
Todas essas unidades apresentam, segundo a organização dos livros dessa coleção, seções sequenciais: abertura, desenvolvimento do conteúdo conceitual e/ou factual, atividades, programas de representações gráficas, de leitura e compreensão de textos. As Figuras 11 e 12 evidenciam a abertura da Unidade 1 do livro de Geografia Projeto Araribá do 6º ano.

Figura 11 – Abertura da unidade 1 do livro didático Projeto Araribá do 6º ano (parte 1)



Fonte: Vedovate (2010a, p. 10).

Figura 12 – Abertura da unidade 1 do livro didático Projeto Araribá do 6º ano (parte 2)



Fonte: Vedovate (2010a, p. 11).

Após a apresentação do corpus da pesquisa, é fundamental delinear o caminho percorrido para sua análise.

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A análise do corpus foi dividida em duas etapas: a análise contextual e a análise textual. A análise contextual compreendeu uma pesquisa sobre o histórico do livro didático até a implantação do PNLD - Plano Nacional do Livro Didático. Além disso, apresentamos

uma abordagem sobre o livro didático de Geografia – o papel que desempenha o livro didático nessa área, objetivo de ensino e quais critérios são utilizados pelo PNLD para avaliar o livro didático de Geografia. Por fim, investigamos no Guia do Livro Didático (BRASIL, 2013b) sobre a coleção de Geografia Projeto Araribá – organização das seções do livro, temas e unidades, a concepção do processo de ensino-aprendizagem na coleção, como os conteúdos são abordados e como é a linguagem utilizada segundo o Guia.

A análise textual compreendeu, inicialmente, as unidades selecionadas do 6º ano e, posteriormente, as unidades selecionadas do 9º ano. Analisamos somente os textos escritos, desconsiderando mapas, gráficos e tabelas.

O primeiro procedimento foi entender a organização do contexto dos gêneros instanciados nas Unidades. Como categoria de análise, utilizamos as variáveis do registro (Halliday, 2013). Entendemos que para chegar ao estrato do gênero, é imprescindível fazer a leitura dos padrões de registro por meio das variáveis do registro: o campo – para entendermos a ação social que ocorre, as relações – para entendermos papéis entre os participantes – e o modo – para entendermos a organização simbólica do texto. Para encontrar tais padrões de registro, nossas lentes focaram os padrões de linguagem.

O segundo procedimento foi mapear os gêneros recorrentes nas Unidades. Com base na Linguística Sistêmico-Funcional e na Teoria de Gêneros da Escola de Sidney, analisamos os gêneros recorrentes em cada unidade, olhando para as Etapas e Fases de cada gênero bem como seu propósito social e estrutura esquemática (MARTIN; ROSE, 2008; MOYANO, 2013; CHRISTIE; DEREWIANKA, 2010).

Para que tivéssemos mais clareza sobre qual gênero estava sendo instanciado, como terceiro procedimento, identificamos as características linguísticas e semântico-discursivas evidenciadas nessas Etapas e Fases. Nesse sentido, adotamos como categorias de análise os Sistemas gramaticais de transitividade e de Estrutura temática (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). O Quadro 17 evidencia o modelo utilizado para mapear o gênero.

Quadro 17 – Modelo para mapear o gênero

Nome do Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Parcela de texto

Fonte: Autora.

O quarto procedimento foi a segmentação e quantificação dos dados obtidos, ou seja, quais Famílias de gêneros foram encontradas e dentro dessas Famílias quais gêneros. Esses dados foram computados por meio de gráficos. Foram analisados 29 textos no livro de Geografia Projeto Araribá do 6º ano e 38 textos no livro didático Projeto Araribá do 9º ano, totalizando 67 textos que instanciam gêneros no corpus desta pesquisa.

Por fim, o quinto procedimento consistiu na interpretação dos resultados obtidos que além de sinalizar de que forma, como e por que esses e não outros gêneros compõem as unidades, mostra como esses gêneros se organizam para atingir seus propósitos. Nesse sentido, elencamos um texto de cada gênero para exemplificar, nesse trabalho, os resultados da pesquisa. As tabelas encontram-se em CD anexado a este trabalho.

Apresentado o caminho metodológico adotado nesta pesquisa, no capítulo a seguir analisamos e discutimos os resultados a respeito de como os textos instanciam os gêneros com suas características composicionais, linguísticas e semântico-discursivas.

## 4 ANÁLISE DOS GÊNEROS

Neste capítulo apresentamos a análise contextual e textual. A primeira está relacionada ao primeiro objetivo específico desta pesquisa que é conhecer a área de Geografia para compreender as práticas de leitura dos alunos. A segunda está relacionada ao segundo objetivo que é descrever e analisar os gêneros recorrentes na disciplina de Geografia.

### 4.1 ANÁLISE CONTEXTUAL

A análise contextual compreende uma breve investigação sobre o histórico do livro didático, um panorama sobre os livros didáticos de Geografia e um olhar específico para o livro didático de Geografia Projeto Araribá.

#### 4.1.1 Histórico do Livro Didático

Na escola, o livro didático é dos recursos pedagógicos mais utilizados e desempenha um papel importante, é um norteador das práticas de ensino.

O livro didático tem despertado interesse de muitos pesquisadores nas últimas décadas. Depois de ter sido desconsiderado por bibliógrafos, educadores e intelectuais de vários setores, entendido como produção menor enquanto produto cultural, o livro didático começou a ser analisado sob várias perspectivas, destacando-se os aspectos educativos e seu papel na configuração da escola contemporânea (BITTENCOURT, 2004, p.1).

Tal centralidade se justifica em função do interesse editorial e da concepção histórica de ensino de grande parte dos professores que considera o livro didático um aliado para obtenção de resultados positivos em diferentes áreas do saber. Desse modo, o uso do livro didático é uma prática antiga e legitimada, sendo um recurso pedagógico importante no processo de ensino-aprendizagem, presente na escola há pelo menos dois séculos.

“A necessidade de promover a cultura nacional fazendo com que os estudantes tivessem acesso ao livro didático originou uma política pública no Brasil” (BITTENCOURT, 2004, p. 1). Assim, em 1929 o livro didático é legalizado pelo Instituto Nacional do Livro, órgão criado pelo Estado brasileiro. Através do Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/38, cria-se a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), responsável pela primeira legislação, controle e produção de livros didáticos. Mais tarde, pelo Decreto-Lei nº 8.460, de 26/12/45, o Estado firma a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático.

Para coordenar as atividades referentes à produção, edição e distribuição do livro didático, em 1966, o Estado fecha um acordo com o MEC e USAID (Ministério da Educação e *United States Agency for International Development*). Pela portaria nº 35, de 11/03/70, o MEC implanta o sistema de co-edição de livros com as editoras nacionais, com recursos do INL (Instituto Nacional do Livro) que em 1971, passa a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), administrando e gerenciando os recursos financeiros até então a cargo da Comissão do Livro Técnico E Didático (COLTED).

Em 1976 pelo Decreto nº 77.107, o governo assume a compra de uma parcela dos livros para distribuí-los em algumas escolas e nas unidades federadas. Com o fim do INL, a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME) assume o programa do livro didático com recursos principalmente do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Nesse mesmo período, as escolas municipais são excluídas do programa por falta de recursos e surge a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) que engloba o PLIDEF. Nesse contexto, um grupo que era encarregado de avaliar os livros didáticos, propõe a participação dos professores na escolha dos livros e a ampliação do programa.

Desse modo, surge o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) pelo Decreto nº 91.542, de 19 de agosto de 1985, em substituição ao PLIDEF. O PNLD tem o objetivo de “prover com livros didáticos de qualidade as escolas públicas dos ensinos fundamental e médio das redes de ensino que participam do Programa” (BRASIL, 2013a, p.8). A função desse Programa é avaliar, indicar, comprar e distribuir livros didáticos para as escolas públicas, ficando a escolha da coleção a cargo do professor.

Com o PNLD, a qualidade do material didático passou a ser determinante na compra dos livros, já que são aceitos os que estão de acordo com as propostas oficiais de ensino. Em 1995, uma equipe de especialistas de cada área passa a analisar as diferentes coleções e a elaborar pareceres sobre os livros inscritos para o PNLD. Desse modo, em 1997, surge o primeiro Guia de Livros Didáticos resultado de um processo de avaliação do material que seria utilizado em sala de aula por alunos e professores.

Com o passar do tempo, o programa se expande. São distribuídos às escolas públicas dicionários de Língua Portuguesa, livros didáticos em Braille, dicionários enciclopédicos trilíngues, cartilhas, CD-ROM e livros didáticos de todas as disciplinas.

Hoje, os programas como o PNLD (Programa Nacional do Livro didático), o PNLEM (Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio) e o PNLA (Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos) são mantidos pelo FNDE (Fundo Nacional de Educação).

O Guia de Livros Didáticos disponibilizado pelo MEC (Ministério da Educação) é um importante documento, pois tem como finalidade oferecer aos professores um material que os auxilie na escolha do livro didático. O FNDE lança edital que estabelece as regras para a inscrição das editoras e determina o prazo para apresentação das obras. Após as inscrições das editoras, inicia-se o processo de avaliação do material. As obras são avaliadas pelo MEC que publica o Guia de Livros Didáticos com as coleções aprovadas. Especialistas analisam as obras cujos critérios são baseados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e em princípios éticos e educacionais a fim de elaborar as resenhas dos livros aprovados. Tais resenhas passam a compor o Guia de Livros didáticos. Sposito (2006) sinaliza que O MEC avalia o livro didático observando alguns critérios: i) a coerência teórico-metodológica, ii) a presença de erros conceituais ou de informação e iii) a presença de preconceito ou indução a ele.

Os professores podem analisar e escolher a coleção que mais corresponde a sua realidade, pois o Guia é disponibilizado na internet um ano antes da sua utilização em sala de aula. Os pedidos das coleções também são realizados pela internet por meio de uma senha fornecida pelo FNDE à escola. Após o contrato com as editoras, inicia-se a produção dos livros, com supervisão dos técnicos do FNDE. Por fim, as escolas recebem os livros de forma gratuita que devem ser utilizados por três anos consecutivos. Passando esse tempo, todo o processo é retomado novamente.

Com o PNLD (BRASIL, 2013a), o MEC passa a distribuir, além das coleções didáticas impressas, um conteúdo multimídia complementar aos livros. Assim, ao escolher as coleções acompanhadas de conteúdo multimídia, a escola recebe, além dos livros didáticos, os DVDs correspondentes a essas obras com seus respectivos conteúdos multimídia que também são disponibilizados no portal do professor – [portaldoprofessor.mec.gov.br](http://portaldoprofessor.mec.gov.br).

O Guia do PNLD do Ensino Fundamental (BRASIL, 2013a) sinaliza que o livro didático é um apoio valioso para professores e alunos, bem como os diversos materiais distribuídos:

[O]o acesso ao conjunto de materiais de leitura e pesquisa distribuídos pelo MEC pode proporcionar aos professores e aos alunos a ampliação de seus conhecimentos sistematizados e levá-los a experiências de aprendizagem significativas (BRASIL, 2013a, p. 6).

O MEC, ao disponibilizar os conteúdos digitais, objetiva inserir aluno e professor às novas tecnologias que, segundo o PNLD (BRASIL, 2013a), é uma demanda da sociedade moderna:

como estabelecido no Edital de Convocação para o Processo de Inscrição e Avaliação de Coleções Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2014, é importante promover a integração das tecnologias ao trabalho escolar, ‘visto que sua utilização é uma competência básica fundamental que deve ser desenvolvida no ambiente escolar, tendo em vista sua relevância para a formação de cidadãos críticos e aptos a utilizar essa competência no ambiente de trabalho, nos estudos e em outros contextos’ (BRASIL, 2013a, p.5).

Assim, o PNLD (BRASIL, 2013a) oferece dois tipos de coleções a serem escolhidas pelo professor. Coleções do Tipo 1: *conjunto de livros impressos* – que já são familiares aos professores e coleções do Tipo 2: *conjunto de livros impressos e conteúdos multimídia*. Além disso, sinaliza que os livros do tipo 1 não perdem em qualidade por não serem acompanhados de conteúdo multimídia, tal fator não acarreta prejuízo para o processo de ensino e aprendizagem, mas ressalta que as coleções que se encontram no *Guia* diferem entre si, quer no grau de adesão aos critérios de qualidade, quer na forma com que organizam suas propostas didáticas, propiciando dinâmicas de trabalho às vezes bastante diferenciadas. Acrescenta ainda que diferem entre uma disciplina e outra, uma vez que para cada matéria são construídos critérios próprios.

Diante disso, o PNLD (BRASIL, 2013a) aconselha que os professores façam uma leitura coletiva do Guia e uma análise cuidadosa das resenhas para que a escolha da obra seja a que melhor atenda ao Projeto Político Pedagógico da escola e que melhor se adapte à realidade de seus alunos. E, por fim, orienta que,

uma vez escolhido o livro, façam todo o esforço possível para que esse trabalho coletivo continue ao longo do triênio. Discutam e avaliem o uso da obra escolhida, planejem, coletivamente, a exploração didática do livro ao longo do ano, reúnam-se periodicamente para trocar experiências, (re) avaliem o livro e, no caso da coleção Tipo 2, os DVDs quanto aos seus diferentes usos, do ponto de vista da *eficácia* em *sala de aula* e, portanto, da prática docente. Esse trabalho possibilitará a otimização dos esforços pessoais e a programação das atividades de adaptação, complementação e superação do próprio trabalho proposto pelo livro didático e pelos conteúdos multimídia (BRASIL, 2013a, p. 7).

Além disso, o PNLD (BRASIL, 2013a) orienta quais são os passos necessários para registrar a escolha do livro didático, os compromissos relativos à escola e o código das coleções.

A cada dia, são produzidos novos títulos didáticos pelo mercado editorial. “O livro didático corresponde a uma boa parte dos lucros gerados pelas editoras no Brasil e o MEC é o maior comprador de livros didáticos” (CHOPPIN, 2004). Nesse contexto, o livro didático nasce de um possível diálogo entre o Estado, professores, editoras e a própria sociedade que

dita como deve ser tal obra, por isso muitas pesquisas apontam o livro didático como um produto histórico e cultural.

No Brasil, há um aumento significativo de pesquisas sobre o livro didático de Geografia (SHAFFER, 1988; FREITAG et al., 1993; SILVA, 2011; TONINI, 2014). Os temas de pesquisa são variados e possibilitam uma visão sobre o contexto dessa produção.

#### **4.1.2 Livro Didático de Geografia**

Em 1997, as obras de Geografia do Ensino Fundamental começaram a ser distribuídas, já as do Ensino Médio apenas em 2007, após a criação do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM). A cada triênio, as coleções são analisadas e se renovam para atender as exigências do MEC.

O ensino da Geografia objetiva que o aluno compreenda sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza, que tenha consciência de suas atitudes e responsabilidades, assumindo uma posição de solidariedade e de comprometimento frente às futuras gerações, conforme PCNs de Geografia (BRASIL, 1998, p. 56). Nessa perspectiva, a Geografia pode ter um papel importante na formação do sujeito crítico que deve perceber como o mundo se organiza, qual o lugar de cada país no conjunto do planeta e de cada pessoa e de si mesmo na sociedade. Portanto, o livro didático pode ser entendido como recurso pedagógico que auxilia a área de Geografia a alcançar seus objetivos. “É por meio do livro didático que a sociedade, ou uma parcela dela, estabelece o que deve ser lembrado e o que é realmente importante conhecer em determinado período” (ALBUQUERQUE, 2014, p.165).

Rauber e Tonini (2014) apontam que há uma transição da Geografia tradicional para a Geografia crítica. Esta última sugere que o livro didático não seja seguido à risca e, que o professor se preocupe, antes de tudo, em conhecer o contexto:

a Geografia deve preocupar-se com a questão da organização do espaço, definida de forma diferenciada, em função do tipo de apropriação que dele se faz. Para que tal situação seja percebida pelo aluno é indispensável desenvolver a capacidade de observação, interpretação, reflexão e análise dos objetos geográficos: natureza e sociedade (CASTROGIOVANNI; GOULART, 1988, p.17).

Tais autores acreditam que não será possível um trabalho efetivo, contextualizado e significativo se o professor não trabalhar a realidade dos alunos. “A ciência geográfica é essencialmente humana e social e, por isso, não pode ficar reduzida a um conjunto de

conteúdos que seguem a mesma sequência, em uma lógica linear que prevê uma aprendizagem simplista” (RAUBER; TONINI, 2014, p. 5).

Nesse sentido, Castrogiovanni e Goulart (1988) afirmam que para propiciar uma visão da Geografia, segundo perspectiva crítica, deve-se levar em consideração: i) a fidedignidade das informações, ii) o estímulo à criatividade, iii) uma correta representação cartográfica, iv) uma abordagem que valoriza a realidade, e v) enfocar o espaço como uma totalidade.

A Associação de Geógrafos Brasileiros vem contribuindo com pesquisas e debates sobre o livro didático de Geografia, pois tem publicado um crescente número de artigos em revistas especializadas sobre o tema. Segundo Schäffer (1988), algumas considerações são encontradas de forma quase unânime entre os autores de artigos sobre o livro didático de Geografia. Nessas considerações é destacado que

- i) a qualidade do processo de ensino e aprendizagem depende muito mais do desempenho do professor do que da qualidade do livro didático;
- ii) o livro didático mantém-se, senão como o único, como o recurso instrucional de mais largo uso em sala de aula;
- iii) as críticas e sugestões ao livro didático de Geografia devem ser elaboradas e encaminhadas aos setores competentes (editoras, órgãos públicos de ensino, associações de classe) pelos professores;
- iv) deve-se exigir, no caso das obras distribuídas pelo Estado à rede escolar, uma divulgação ampla, em tempo hábil, dos títulos disponíveis para aquisição, possibilitando uma escolha criteriosa do material;
- v) importa que o professor consiga efetivar uma boa RELAÇÕES entre o aluno e o livro didático, tentando criar um vínculo e uma disposição para leitura que permita ao aluno a autonomia na busca de informação (SCHÄFFER, 1988, p. 12-14).

Diante disso, observa-se que cabe ao professor realizar ou não um trabalho com o livro didático que prime pela qualidade do ensino. O professor pode alcançar sucesso na aprendizagem dos alunos com um livro didático com muitos recursos ou não. Isso dependerá de como esse processo é encaminhado e/ou desenvolvido por ele. Por isso, é necessário e relevante que o professor cuide de seu permanente aperfeiçoamento.

O PNLD (BRASIL, 2013b) de Geografia objetiva contribuir no processo de escolha dos livros didáticos, subsidiando o trabalho dos docentes que atuam nos anos finais do ensino fundamental. Os especialistas que avaliaram os livros didáticos de Geografia apontam que o livro didático é

um importante material de apoio para o trabalho do professor, auxiliando-o no planejamento geral, na organização de atividades, no fornecimento de informações corretas e atualizadas, na apresentação de conteúdo coerente com o estágio do conhecimento científico em geral e da ciência geográfica, na utilização de métodos e teorias educacionais em vigor e no cumprimento das diretrizes curriculares nacionais (BRASIL, 2013b, p.5).

O PNLD (BRASIL, 2013b) de Geografia salienta que o livro didático não deve ser o único material de ensino usado em sala de aula, mas que o livro pode servir até como instrumento de formação continuada para o professor. Daí a importância da escolha dos livros didáticos de Geografia que irão compor o PNLD ser feita por professores que tenham domínio do conhecimento em Geografia aliado à prática de sala de aula. Por isso, o PNLD sinaliza:

foram selecionados avaliadores com formação nas áreas de Geografia e ensino de Geografia, isentos de relações comerciais e profissionais com editoras ou empresas ligadas à produção de livros didáticos nos últimos dois anos. Com origem em diferentes estados brasileiros, esses professores contribuíram para o trabalho com visões e experiências diversificadas sobre o ensino da Geografia no país (BRASIL, 2013b, p. 5).

Desse modo, 24 coleções foram aprovadas na avaliação do PNLD 2013. Segundo os especialistas, esses livros, de forma geral, estão bem elaborados em termos de conteúdo, metodologia, estética e projeto editorial. Apresentam diversidade teórico-metodológica para atenderem à complexidade da sociedade brasileira e à diversidade das escolas públicas, respeitam os princípios éticos e democráticos vigentes e cumprem as determinações da legislação nacional. Tal avaliação contemplou os critérios definidos no edital de convocação e inscrição:

1. o respeito à legislação brasileira e às diretrizes e normas oficiais do ensino Fundamental;
2. a observação dos princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social;
3. a coerência e adequação da abordagem teórico-metodológica proposta;
4. a apresentação de conceitos, informações e procedimentos corretos e atualizados;
5. um manual do professor adequado e compatível com a linha pedagógica adotada;
6. uma estrutura editorial e um projeto gráfico apropriado aos objetivos didático-pedagógicos (BRASIL, 2013b, p.9).

Antes de apresentar as resenhas dos livros didáticos aprovados, o PNLD de Geografia, 2013, afirma que as coleções possibilitam à escola em diferentes níveis:

- analisar a realidade, percebendo suas semelhanças, diferenças e desigualdades sociais, e apresentar propostas para sua transformação,
- compreender as interações entre sociedade e natureza, para explicar os processos de produção do espaço e dos territórios,
- compreender o espaço geográfico como resultado de um processo de construção social, e não como uma enumeração de fatos e fenômenos desarticulados,
- utilizar adequadamente os conceitos de paisagem, espaço, território, região e lugar para analisar e refletir sobre a realidade social e ambiental,
- pensar o espaço imediato, articulado a escalas mais amplas,

- utilizar variáveis básicas como distância, localização, semelhanças, diferenças, hierarquias, atividades e sistemas de relações, para identificar e inter-relacionar formas, conteúdos, processos e funções,
- permitir a discussão e a crítica, estimulando atitudes para o exercício da cidadania,
- favorecer a apropriação da linguagem cartográfica para estabelecer correlações e desenvolver as habilidades de representar e interpretar o mundo (BRASIL, 2013b, p.10).

Em função dos editais, os autores dos livros didáticos têm adequado suas obras conforme o solicitado para alcançarem a aprovação do PNLD, o que pode representar um avanço na qualidade do livro didático com o passar do tempo. Cabe, também, aos professores que farão a escolha do livro didático para sua escola ter bastante domínio do conhecimento Geográfico aliado à prática de sala de aula para também fazer a escolha mais adequada para sua realidade escolar.

Além do Guia do Livro Didático, as escolas recebem alguns exemplares dos livros aprovados para que os professores possam visualizar melhor as obras. Os professores podem escolher duas coleções, marcando qual coleção é selecionada como primeira opção e qual como segunda. Porém, nem sempre a coleção selecionada como primeira opção é a que chega até a escola e, às vezes, nem a segunda opção. Quando isso acontece, a coleção que a escola recebe é uma qualquer, selecionada não pelos professores, mas pelo MEC. Presumimos que tal fato aconteça porque há grande solicitação da mesma coleção por muitas escolas e a editora não consegue atender a todas. Assim, as escolas ficam sem a coleção solicitada e, nesse caso, o Programa falha. Portanto, entendemos que seja imprescindível que a escola receba a coleção solicitada como primeira opção para que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) funcione.

#### **4.1.3 Livro Didático de Geografia Projeto Araribá**

O livro de Geografia Projeto Araribá, 2010, do 6º e 9º ano - publicado pela Editora Moderna, tendo como responsável Fernando Carlo Vedovate, foi uma das obras aprovadas pelo PNLD (BRASIL, 2013b).

Segundo a resenha dos especialistas, a coleção apresenta livros impressos e DVDs. Os conteúdos dos livros estão organizados em oito unidades estruturadas em quatro temas. Nas páginas de abertura, o autor do livro sinaliza que o aluno é motivado para o estudo com imagens e são apresentadas questões que provocam reflexões sobre o tema. A abordagem descritiva, que prioriza os conteúdos conceituais e factuais, amplia-se e se enriquece com a inserção de textos complementares nas seções “Saiba mais” e “Lugares interessantes”

articulados a questões reflexivas. O trabalho de alfabetização cartográfica é destaque, bem como a ênfase na interpretação de texto, especialmente nas seções “Representações gráficas” e “Compreender um texto”. As Figuras 13 e 14 apresentam a organização das unidades.

Figura 13 – Organização das unidades (parte 1)

## Organização da Unidade

**Um livro organizado**  
Seu livro tem 8 unidades, que apresentam uma organização clara e regular: abertura, estudo dos temas, **Atividades**, **Representações gráficas** e **Compreender um texto**.

**Abertura da unidade**  
Um pequeno texto apresenta os conteúdos que serão desenvolvidos na unidade.

**UNIDADE 3 O continente europeu**

**Decifrando a Europa**  
A Europa é o segundo maior continente do planeta, tem 50 milhões de habitantes e é o continente mais desenvolvido do mundo. A diversidade de paisagens e a intensa diversidade étnica são marcas do continente europeu. Ao longo da história, a Europa foi palco de grandes conflitos, que influenciaram profundamente a civilização ocidental. Hoje, sabemos pouco de diversos aspectos que moldaram a história e a cultura europeia, como o desenvolvimento econômico, as mudanças sociais, a política internacional e a cultura local. Neste capítulo, vamos conhecer a história e a cultura europeia.

**Compreendendo a Unidade**  
1. Você sabe dizer alguns países da Europa? E suas respectivas capitais?  
2. Quais são as principais montanhas europeias e em qual país elas estão localizadas?  
3. Qual a importância atual da Europa no desenvolvimento do mundo tecnológico?  
4. Qual a importância do Espaço Comum da Europa (UE)? Qual seria o seu objetivo?  
5. Como a vida de um atleta, tanto olímpico quanto profissional, é diferente da vida de um cidadão comum?



As questões propostas convidam você a analisar as imagens da abertura e a recordar o que já sabe sobre o assunto que será estudado.

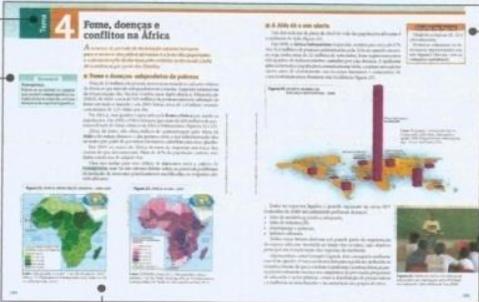
**Estudos dos temas**  
Cada unidade apresenta 4 temas, que desenvolvem os conteúdos de modo claro e organizado, mesclando texto e imagens.

As colunas laterais trazem glossário e informações adicionais.

**UNIDADE 4 Fome, doenças e conflitos na África**

**A fome e as doenças na África**  
A África é o segundo maior continente do planeta, com uma população de cerca de 1 bilhão de habitantes. Apesar de ser um continente rico em recursos naturais, a África enfrenta sérios problemas de fome e doenças. Isso ocorre devido a vários fatores, como a falta de infraestrutura, a pobreza e a instabilidade política. Neste capítulo, vamos conhecer a situação da África e as causas desses problemas.

**Compreendendo a Unidade**  
1. Qual é a principal causa da fome na África?  
2. Quais são as principais doenças que afetam a população da África?  
3. Como a África pode superar esses problemas?  
4. Qual é a importância da África para o mundo?



Atividades práticas solicitam a interpretação de dados de tabelas e gráficos, para que você tire suas conclusões a partir dessas análises. Também o estimulam a explorar as imagens e a relacioná-las com as informações do texto, ajudando a fixar o que está sendo estudado.

Infográficos, mapas, tabelas e gráficos estimulam a leitura de informações em diferentes linguagens.

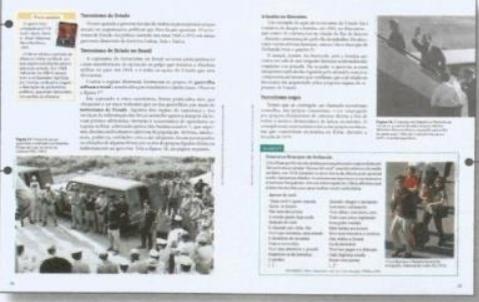
Nas laterais do texto informativo, há sugestões de leituras, filmes e sites para você aprofundar seus conhecimentos.

Elementos visuais, como ilustrações e fotos, exemplificam e complementam os conteúdos desenvolvidos na unidade.

**UNIDADE 5 O Brasil**

**Formação do Brasil**  
O Brasil é um país muito grande, com uma população de cerca de 200 milhões de habitantes. A formação do Brasil é um processo muito longo e complexo, envolvendo a colonização portuguesa, a escravidão e a independência. Neste capítulo, vamos conhecer a história do Brasil e as causas da formação desse país.

**Compreendendo a Unidade**  
1. Qual é a principal causa da formação do Brasil?  
2. Quais são as principais características do Brasil?  
3. Como o Brasil pode superar os problemas que enfrenta?  
4. Qual é a importância do Brasil para o mundo?



Ao longo do desenvolvimento dos temas há quadros que aprofundam o assunto estudado.

Figura 14 – Organização das unidades (parte 2)

**Páginas especiais**  
A seção **Saiba mais** traz informações complementares sobre um assunto já abordado na unidade.

**Lugares interessantes**  
Você conhecerá diferentes lugares do Brasil e do mundo que têm relação com os temas da unidade.

Nos dois casos, há atividades de compreensão da leitura apresentada.

**Atividades**  
**Organize o conhecimento**  
Atividades de síntese, compreensão e sistematização dos conteúdos aprendidos.

**Aplique seus conhecimentos**  
As atividades desta seção apresentam situações relativamente novas, relacionadas ao conteúdo da unidade, e desenvolvem a habilidade de leitura de textos e imagens.

**Desafio!**  
Ao fim de cada unidade, há questões selecionadas de vestibulares e do Enem que o familiarizam com a linguagem e os temas dos vestibulares.

**Representações gráficas**  
O programa desenvolve, em cada unidade, um tipo específico de representação gráfica.

**O que é**  
Explica, em uma linguagem clara e direta, o que é, como é feito, como é utilizado cada um dos instrumentos desenvolvidos no programa.

**Pratique**  
Propõe atividades de leitura, análise e aplicação dos conhecimentos desenvolvidos na seção.

**Compreender um texto**  
Seção com diferentes tipos de texto e atividades que estimulam o aluno a gostar de ler e a compreender o que lê.

**Interpretar**  
Você vai relacionar, interpretar e avaliar as informações do texto.

**Obter informações**  
Desenvolve a habilidade de identificar e fixar as principais ideias do texto.

**Pesquisa/Reflexão/Use sua criatividade!**  
Você vai pesquisar novas informações, associar o que leu com seus próprios conhecimentos ou elaborar um trabalho pessoal.

O livro didático Projeto Araribá – Geografia do 6º ano organiza os conteúdos em oito Unidades: 1. A Geografia e a compreensão do mundo, 2. O planeta Terra, 3. Os continentes, as ilhas e os oceanos, 4. Relevo e hidrografia, 5. Clima e vegetação, 6. O campo e a cidade, 7. Extrativismo e agropecuária, e 8. Indústria, comércio e prestação de serviços. A Figura 15 exemplifica como estão organizadas as unidades e temas no livro de Geografia Projeto Araribá do 6º ano.

Figura 15 – Organização das unidades e temas no 6º ano

Sumário	
<b>UNIDADE 5 CLIMA E VEGETAÇÃO</b>	<b>114</b>
■ <b>TEMA 1 – O clima</b>	116
Tempo e clima não são sinônimos, 116	
■ <b>TEMA 2 – Os climas da Terra e do Brasil</b>	120
Os tipos de clima, 120 - Os climas do Brasil, 121 - Os climas que não ocorrem no Brasil, 123	
Atividades – Temas 1 e 2	124
• Saiba mais – As mudanças do tempo em São Paulo, 125	
■ <b>TEMA 3 – As grandes paisagens vegetais da Terra</b>	126
Os tipos de paisagem vegetal, 126	
■ <b>TEMA 4 – A vegetação brasileira</b>	130
Os tipos de vegetação no Brasil, 130	
• Lugares interessantes – Jalapão, um mosaico de paisagens, 133	
Atividades – Temas 1, 3 e 4	134
Representações gráficas – Escala	136
Compreender um texto – As veredas do grande sertão estão desaparecendo	138

Fonte: Vedovate (2010a, p. 6, 6º ano).

O livro didático Projeto Araribá – Geografia do 9º ano também organiza os conteúdos em oito Unidades: 1. Países e conflitos mundiais, 2. Globalização e organizações mundiais, 3. O continente europeu, 4. Leste europeu e CEI, 5. O continente asiático, 6. Ásia: destaques regionais, 7. O continente africano, e 8. Oceania e regiões polares. A Figura 16 exemplifica como estão organizadas as unidades e temas no livro didático de Geografia Projeto Araribá do 9º ano.

Figura 16 – Organização das unidades e temas no 9º ano

<b>Sumário</b>	
<b>UNIDADE 1 PAÍSES E CONFLITOS MUNDIAIS</b> .....	<b>10</b>
■ <b>TEMA 1 – Estado, nação, território e país</b> .....	12
O mapa do mundo, 12 - O Estado, 12 - A nação, 13 - O território, 13 - O país, 13	
■ <b>TEMA 2 – As grandes guerras e a Guerra Fria</b> .....	14
O imperialismo europeu, 14 - Antecedentes da guerra, 15 - A Primeira Guerra Mundial, 15 - O período entreguerras, 16 - A Segunda Guerra Mundial, 17 - A Guerra Fria, 18	
Atividades – Temas 1 e 2.....	20
• Saiba mais – Fugas em tempos de Guerra Fria, 21	
■ <b>TEMA 3 – Conflitos: as razões e os principais focos</b> .....	22
Conflitos em escala global, 22	
■ <b>TEMA 4 – Terrorismo</b> .....	24
O que é terrorismo, 24 - Tipos de ações terroristas, 25	
Atividades – Temas 2 a 4.....	30
Representações gráficas – Mapa histórico.....	32
Compreender um texto – Música e juventude em meio aos conflitos mundiais.....	34

Fonte: Vedovate (2010b, p. 6, 9º ano).

Como podemos observar, em ambos os livros, as Unidades estão estruturadas em quatro temas. Os temas que desenvolvem os conceitos de geografia propõem atividades de síntese, compreensão e sistematização. Os conteúdos em unidades e temas são apresentados de modo padronizado em todos os livros desta coleção. Os dois livros apresentam Manual do professor com uma parte comum composta pelos seguintes títulos: “O ensino de Geografia”, “A concepção de Geografia nesta coleção”, “A concepção do processo de ensino-aprendizagem desta coleção”.

Sobre a concepção de Geografia nessa coleção, o Manual do Professor do livro de Geografia Projeto Araribá do 9º ano apresenta:

[A]creditamos que o papel da Geografia escolar e, portanto, a visão que os alunos têm dele vêm sofrendo mudanças, buscando-se cada vez mais construir uma ciência que dialogue com o espaço mais próximo do aluno, seja local ou global. Concordamos com a professora Helena Callai<sup>2</sup> quando aponta os principais motivos para se ensinar Geografia: compreender o mundo para obter informações a seu respeito, conhecer o espaço produzido pelo ser humano e a relação da sociedade com a natureza, fornecer aos alunos condições para sua formação para a cidadania (VEDOVATE, 2010b, p.6).

Sobre a análise dessa coleção, o PNLD (BRASIL, 2013b) conclui que a coleção respeita a legislação, as normas oficiais e diretrizes que regulamentam o Ensino Fundamental. Há uma abordagem de conteúdos conceituais e factuais, um trabalho de alfabetização

<sup>2</sup> CALLAI, H. C. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula: prática e reflexões**. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS/AGB Seção Porto Alegre, 2001.

cartográfica e de leitura e interpretação de imagens e textos, bem como uma reflexão crítica sobre os conteúdos em estudo.

Essa coleção apresenta em cada tema um glossário que está presente nas margens das páginas, o que contribui para a compreensão dos textos e estimula a apropriação de vocabulário geográfico. Sobre a linguagem empregada no livro, o PNLD de Geografia 2013 aponta que

[A]lém da correção conceitual, destaca-se a linguagem utilizada na elaboração dos textos: clara, simples e adequada ao estágio cognitivo do estudante, o que não implica perda de rigor conceitual. Os textos são bem escritos, sem erros de revisão ou falhas similares (BRASIL, 2013b, p. 55).

O PNLD (BRASIL, 2013b) sinaliza ainda que os livros de Geografia Projeto Araribá não apresentam erros de localização dos fenômenos e fatos geográficos e as informações básicas estão atualizadas, com dados obtidos nas pesquisas quantitativas e estimativas da última década.

Embora o PNLD (BRASIL, 2013b) traga todas essas informações sobre a coleção de Geografia Projeto Araribá, seria necessário um olhar mais atento a fim de averiguar se as obras dessa coleção contemplam tudo o que é apresentado no Guia. Por exemplo, o Guia afirma que a linguagem utilizada na elaboração dos textos “é clara, simples e adequada ao estágio cognitivo do estudante” e a análise que apresentaremos a seguir nos mostra que essa linguagem está repleta de abstrações e tecnicidade que são características da linguagem das ciências, porém pode não estar plenamente adequada ao nível de ensino. Esse fato sinaliza que há, em certa medida, um descompasso entre a análise do Guia e a análise proposta nesse trabalho. Também evidencia que há necessidade de investigar cada vez mais as coleções, pois o PNLD não apresenta critérios para avaliar a linguagem empregada nos livros didáticos.

Apresentamos a seguir a análise textual dos gêneros instanciados no livro Projeto Araribá de Geografia. Primeiramente, apresentamos a descrição e a análise dos gêneros instanciados pelos textos do livro do 6º e, posteriormente, do 9º ano.

## 4.2 ANÁLISE TEXTUAL

Apresentamos a seguir a análise textual que compreende a investigação sobre as Famílias de gêneros e suas respectivas características evidenciadas nos textos pertencentes ao

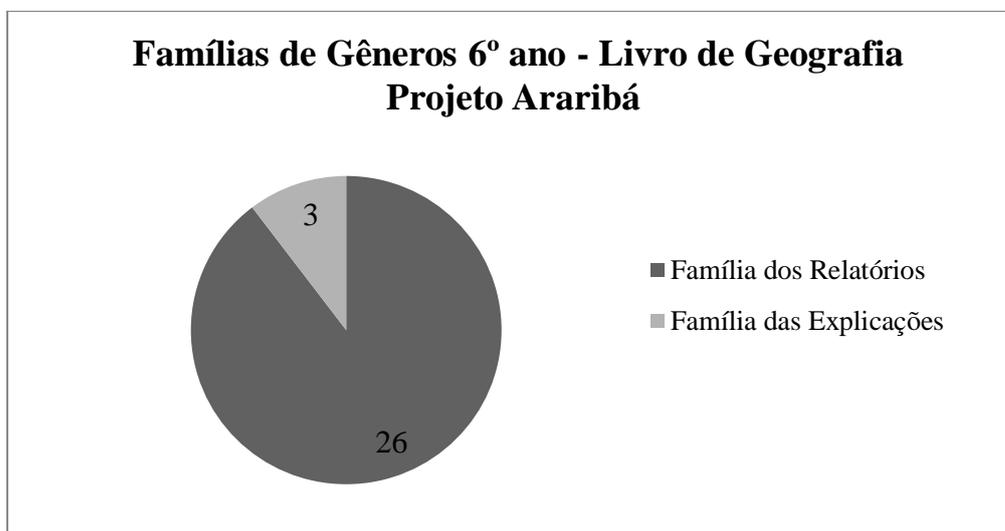
livro didático Projeto Araribá de Geografia. O livro didático apresenta textos que instanciam os gêneros e estes organizam o conhecimento em cada Unidade do livro.

A área de Geografia busca apresentar o mundo com suas características físicas, bem como as relações estabelecidas entre o homem e a natureza. No livro didático, os gêneros presentes nas Unidades ajudam a área a alcançar tal propósito. Nesta seção, retomamos, inicialmente, as características subjacentes à Família dos Relatórios e à Família das Explicações para, em seguida, descrevermos e analisarmos os gêneros instanciados no livro didático Projeto Araribá de Geografia do 6º ano e do 9º ano conforme o corpus selecionado nesta pesquisa.

#### 4.2.1 Análise: Livro Didático Projeto Araribá do 6º ano

Analisamos 29 textos no livro didático de Geografia Projeto Araribá do 6º ano, dos quais identificamos 3 textos que instanciam a Família das Explicações e 26 textos que instanciam a Família dos Relatórios como mostra o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – Número de gêneros da Família dos Relatórios e da Família das Explicações no 6º ano



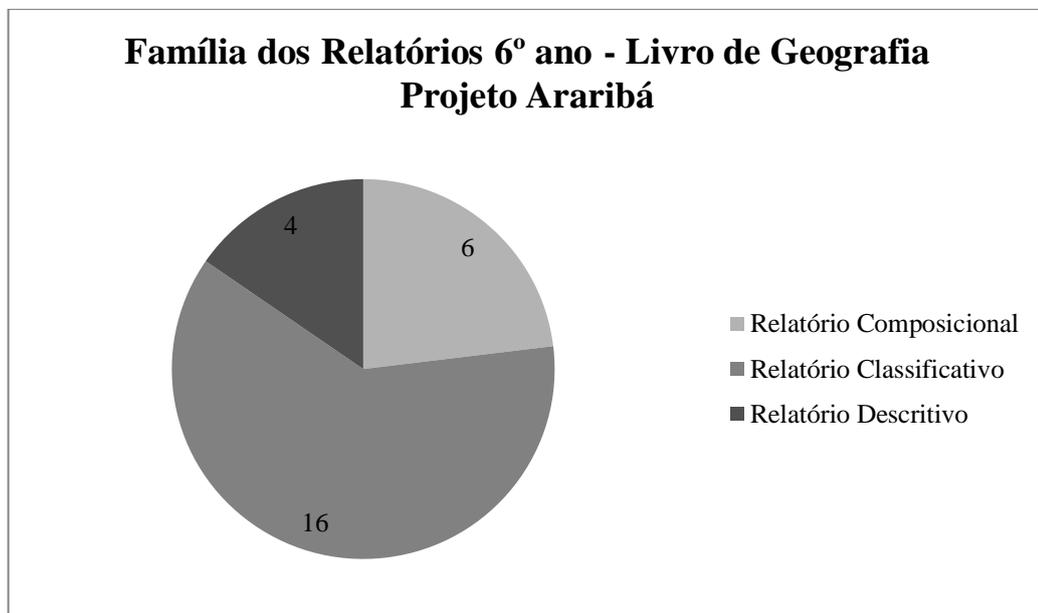
Fonte: Autora.

No livro didático Projeto Araribá de Geografia do 6º ano, a Família dos Relatórios estrutura o conhecimento sobre os elementos naturais e culturais da paisagem, o espaço geográfico, a localização, os mares, os oceanos, o tempo, o clima, a economia e a produção

agrícola. Já a Família das Explicações estrutura o conhecimento sobre a paisagem, o tempo e as massas de ar.

Conforme constatado no Gráfico 1, os textos instanciam predominantemente os gêneros da Família dos Relatórios, indicando, em certa medida, que o propósito do livro didático Projeto Araribá do 6º ano é descrever de forma taxonômica os fenômenos do mundo, apresentando suas características, seus tipos e/ou suas partes. Dentre os tipos recorrentes de Relatórios foram identificados textos que instanciam o gênero Relatório Classificativo, Composicional e o Relatório Descritivo, como mostra o Gráfico2.

Gráfico 2 – Números de Relatório Composicional, Classificativo e Descritivo no 6º ano



Fonte: Autora.

Sendo predominante o Relatório Classificativo no livro didático Projeto Araribá do 6º ano, entendemos que o propósito comunicativo das Unidades analisadas é descrever os tipos de fenômenos subjacentes à área de Geografia. Isso também está relacionado aos conceitos de Geografia do 6º ano que desenvolvem a Geografia física, ou seja, é necessário descrever características do clima, do relevo, das massas, das paisagens do espaço. A seguir analisamos as ocorrências dessa Família de gêneros no livro didático do 6º ano.

Conforme visto na seção de Revisão da Literatura, o Relatório Classificativo tem por objetivo descrever os tipos que caracterizam o fenômeno, conforme expresso no Quadro 18.

Quadro 18 – Relatório Classificativo no livro do 6º ano

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno e Classificação em tipos Critério: rendimento das terras e o destino da produção	<b>Tipos de produção agrícola</b> Podemos ainda <u>agrupar</u> as atividades agrícolas <u>segundo rendimento das terras e o destino da produção</u> . De acordo com <u>esses critérios</u> , há a <u>agricultura familiar</u> e <u>agricultura comercial</u> .
	Descrição de tipos	Classificação 1	<b>Agricultura familiar</b> <u>É praticada</u> em pequena escala de produção, em pequenas propriedades, com técnicas tradicionais ou rudimentares e, basicamente mão de obra familiar. Em geral, sua prática <u>ocorre</u> de forma extensiva. No Brasil <u>é</u> principalmente a agricultura familiar que supre o mercado interno. Agricultura familiar também pode ter como principal objetivo o sustento da família. Nesse caso, ela pode ser chamada de agricultura familiar de subsistência.
		Classificação 2	<b>Agricultura comercial</b> <u>É praticada</u> em grande escala para abastecer grandes mercados consumidores nacionais e internacionais. Geralmente <u>emprega</u> máquinas e moderna tecnologia para ter alta produtividade. O sistema de produção intensivo <u>é</u> mais comum na agricultura comercial e nas grandes empresas agrícolas (VEDOVATE, 2010a, p.176).

Fonte: Autora.

Enfocaremos, inicialmente, as variáveis de registro. Desse modo, podemos perceber que o campo apresentado no texto se refere à classificação da produção agrícola em tipos. Essa atividade fica evidente já no título do texto que usa o vocábulo *tipos*. Na Etapa Apresentação, o processo *agrupar* e a circunstância *segundo* sinalizam que serão agrupados os tipos de produção agrícola conforme alguns critérios que são apresentados explicitamente no texto. Na sequência, por meio da circunstância de ângulo *de acordo com esses critérios* é apresentada a classificação em dois tipos de produção agrícola *agricultura familiar* e *agricultura comercial*. Dessa forma, percebe-se o que o foco está na caracterização de entidades e não na sequência dessas atividades.

No que se refere às relações sociais estabelecidas entre os participantes da interação, percebemos que se trata de um professor-autor do livro didático dirigindo-se aos alunos do 6º ano. A distância social entre os participantes pode ser considerada máxima, pois há uma diferença de poder entre os participantes, marcada pelo grau de conhecimento que possui o

professor-autor do livro didático e o aluno do 6º ano. Na Etapa Descrição o apagamento do agente na voz passiva em *é praticada* confere um distanciamento entre os participantes da interação.

Sobre a descrição da variável modo, o texto apresenta linguagem predominantemente verbal, foi escrito para ser lido, não há recursos que indiquem interatividade entre os participantes, caracterizando-se como um texto informativo em que prevalece a voz do autor.

A partir dessa análise, podemos concluir que o propósito sociocomunicativo do Relatório Classificativo instanciado é subclassificar os tipos de produção agrícola no Brasil. Para isso, o gênero Relatório Classificativo está organizado em Etapas e Fases que possibilitam o alcance de tal propósito.

O gênero Relatório Classificativo, neste exemplar, apresenta a seguinte estrutura esquemática Apresentação ^ Descrição de Tipos. Na Etapa Apresentação temos o fenômeno produção agrícola e a classificação dessa produção em *agricultura familiar* e *agricultura comercial*. O processo *agrupar* aponta a classificação e as circunstâncias de ângulo *segundo* e *de acordo com os critérios* apontam que a classificação se dá com base em dois critérios: *rendimento das terras* e *o destino da produção*.

Na Etapa Descrição de Tipos, temos a classificação 1 denominada *agricultura familiar* e a classificação 2 denominada *agricultura comercial* que correspondem, respectivamente, à segunda e à terceira Fase do gênero. O processo material *é praticada* apresentado numa estrutura passiva e em posição temática introduz a descrição da classificação 1 e 2. Nesse caso, não há explicitação de participantes humanos na oração como podemos visualizar no esquema a seguir.

A agricultura familiar	É praticada	[pela família]
A agricultura comercial	É praticada	[pelas máquinas]
Participante	Processo Material	Participante

Em sentido geral, as orações predominantes na Etapa Descrição de Tipos são orações materiais e orações relacionais. O processo relacional caracteriza e define as práticas de produção como podemos constatar:

O sistema de produção intensivo	é	(mais) comum	na agricultura comercial e nas grandes empresas agrícolas.
Participante	Processo	(circunstância) Participante	Circunstância

A recorrência de orações materiais e relacionais justifica-se, já que orações materiais são categorizadas como *fazer/acontecer* e orações relacionais como *caracterizar/ identificar*. Nesse sentido, tais orações contribuem para orientar e materializar o propósito da Etapa que é descrever os tipos de produção agrícola.

O Relatório Composicional tem por propósito descrever as partes que compõem um todo, conforme podemos observar no exemplar de gênero a seguir.

Quadro 19 – Relatório Composicional no livro do 6º ano

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Composicional	Apresentação	Definição Do fenômeno Composição em partes	<b>A formação do clima</b> O clima de uma região é <b>formado</b> pela <b>combinação</b> dos elementos e fatores climáticos que nela atuam. Os principais elementos climáticos <u>são</u> a temperatura do ar atmosférico, a precipitação e a pressão atmosférica.
		Composição 1	<b>Temperatura.</b> Depende da insolação, isto é, na quantidade de luz e do calor do sol que chegam ao lugar. Há uma distribuição desigual do calor irradiado pelo sol na superfície terrestre. A mesma quantidade de radiação solar se espalha por uma área maior à medida que se aproxima do polo.
	Descrição das Partes	Composição 2	<b>Precipitação.</b> <u>Refere-se</u> à água presente na atmosfera e que pode precipitar-se (cair) na forma de chuva, neve, granizo etc.
		Composição 3	<b>Pressão atmosférica.</b> <u>É</u> a pressão que o ar exerce sobre tudo o que existe na superfície terrestre. Ela varia de um lugar para outro, e a diferença de pressão atmosférica entre dois lugares dá origem aos ventos e às massas de ar. (VEDOVATE, 2010a, p.119)

Fonte: Autora.

Nesse exemplar de gênero, o campo apresentado no texto se refere à combinação de elementos e fatores que formam o clima. Essa atividade está evidenciada na Etapa Apresentação, em que o processo na passiva *é formado* e o vocábulo *combinação* sinalizam que os elementos se combinam para a formação do clima. Na sequência, são apresentados os

elementos climáticos *temperatura do ar atmosférico, precipitação e pressão atmosférica* que são caracterizados na Etapa Descrição das Partes.

No que se refere às relações sociais estabelecidas entre os participantes da interação, percebemos que se trata de um professor-autor do livro didático dirigindo-se aos alunos do 6º ano. Assim como no gênero analisado anteriormente, a distância social entre os participantes pode ser considerada máxima, pois há uma diferença de poder entre os participantes, marcada pelo grau de conhecimento que possui o professor-autor do livro didático e o aluno do 6º ano.

Sobre a descrição da variável modo, o texto apresenta linguagem verbal, foi escrito para ser lido, não há recursos que indiquem interatividade entre os participantes, há termos de cunho técnico-científico como *precipitação, insolação*, entre outros. É um texto informativo no qual prevalece a voz do autor.

A partir dessa análise, podemos concluir que o propósito sociocomunicativo do Relatório Composicional instanciado é apresentar os elementos que compõem o clima no Brasil, ou seja, elementos que se compõem para formar o clima. O gênero Relatório Composicional é organizado em Etapas e Fases que possibilitam o alcance de tal propósito.

Quanto à estrutura esquemática do gênero instanciado temos Apresentação ^ Descrição das Partes. A Etapa Apresentação define o fenômeno e evidencia as partes que formam o clima. Um dos recursos linguísticos que caracterizam essa Etapa é o uso de orações relacionais como em *são a temperatura do ar atmosférico, a precipitação e a pressão atmosférica*. Na Etapa Descrição das Partes, temos a composição 1 denominada *Temperatura*, a composição 2 denominada *Precipitação* e a composição 3 denominada *Pressão Atmosférica* que correspondem, respectivamente, à segunda, terceira e quarta Fases do gênero. Em termos de recursos linguísticos característicos da Etapa Descrição das Partes, identificamos novamente orações relacionais usadas para descrever os elementos que se combinam para a formação do clima como podemos visualizar a seguir:

Precipitação	Refere-se	à água presente	na atmosfera
Participante	Processo relacional	Participante	Circunstância

Segundo Moyano (2013b), o Relatório Composicional apresenta o objeto de estudo e dá informações sobre as partes que o compõe, o que pode ser comprovado nesse exemplar analisado.

O Relatório Descritivo também é um dos gêneros instanciados no livro didático de Geografia Projeto Araribá. Apresentamos a seguir um exemplar desse gênero.

Quadro 20 – Relatório Descritivo no livro do 6º ano

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Relatório Descritivo	Apresentação 1	Definição do fenômeno	<b>Empresas agrícolas e agroindústria</b> As <b>empresas agrícolas</b> <u>são grandes propriedades</u> que utilizam muita tecnologia no processo de produção.
	Descrição	Caracterização 1	<u>Caracterizam-se</u> pela seleção de sementes, aplicação de fertilizantes, uso de máquinas no preparo do solo, no plantio e na colheita, além do acompanhamento de todas as Etapas da produção por técnicos e engenheiros agrícolas, o que contribui para aumentar sua produtividade. A produção obtida nessas empresas abastece tanto o mercado interno quanto o externo.
	Apresentação 2	Definição Do fenômeno	Muitas empresas agrícolas transformam o produto que cultivam em bens industrializados no próprio local de cultivo, <u>na chamada agroindústria.</u>
	Descrição das Características	Caracterização 1	É o que ocorre, <u>por exemplo</u> , com a laranja, transformada em suco, ou com a cana-de-açúcar, transformada em álcool e seus derivados e açúcar, no próprio espaço onde são cultivadas.
		Caracterização 2	Atualmente há uma infinidade de produtos agrícolas que passam por algum processo industrial. <u>Por exemplo</u> , legumes e verduras pré-cozidos, polpa de frutas processadas e congeladas ou até refeições completas prontas, bastando descongelar.
		Caracterização 3	<u>Todos esses produtos</u> saem da agroindústria, que pode estar instalada no campo ou na cidade, e vão abastecer os supermercados por todo o país, podendo, ainda, ser exportados(VEDOVATE, 2010a, p.177).

Fonte: Autora.

Sobre a descrição das variáveis de registro, podemos perceber que o campo apresentado no texto se refere à descrição do que são as empresas agrícolas e posteriormente o que é a agroindústria. Essa atividade é realizada já na Etapa Apresentação que define o que são empresas agrícolas com o uso da oração relacional *são grandes propriedades*. Essas definições são construídas ao longo da Etapa de Descrição das Características, em que são apresentados diversos aspectos que definem as empresas agrícolas e a agroindústria.

No que se refere às relações sociais estabelecidas entre os participantes da interação, percebemos que, como nos outros gêneros instanciados, trata-se de um professor-autor do livro didático dirigindo-se aos alunos do 6º ano. Assim, a distância social entre os participantes pode ser considerada máxima, pois há uma diferença de poder entre os

participantes, marcada pelo grau de conhecimento que possui o professor-autor do livro didático e o aluno do 6º ano.

No que se refere ao modo do registro, o texto apresenta linguagem verbal e foi escrito para ser lido como nos exemplos anteriores. Não há interatividade entre os participantes. Mas, aqui, os exemplos utilizados como *laranja*, *álcool*, *legumes* e *verduras* podem ser mais próximos da realidade dos alunos do 6º ano. Por fim, trata-se de um texto informativo que descreve o que são empresas agrícolas e o que é uma agroindústria, prevalecendo a voz do autor.

A partir desses dados, podemos considerar que o propósito sociocomunicativo do texto é apresentar a definição do que é uma empresa agrícola e uma agroindústria. Com base nesse propósito o gênero define tais fenômenos em Etapas e Fases.

Quanto à estrutura esquemática temos Apresentação ^ Descrição ^ Apresentação ^ Descrição. Esse gênero apresenta as mesmas Etapas propostas por Martin e Rose (2008), porém as Etapas se repetem para, inicialmente, apresentar o conceito de *empresas agrícolas* e caracterizá-lo e, posteriormente, para apresentar o conceito de *agroindústria* e caracterizá-lo.

Podemos identificar como recurso linguístico caracterizador das Etapas Apresentação 1 e 2 orações relacionais e orações verbais:

As empresas agrícolas	são	(grandes) propriedades
Participante	Processo relacional	Participante

Muitas empresas agrícolas	transformam	o produto
Participante	Processo material	Participante

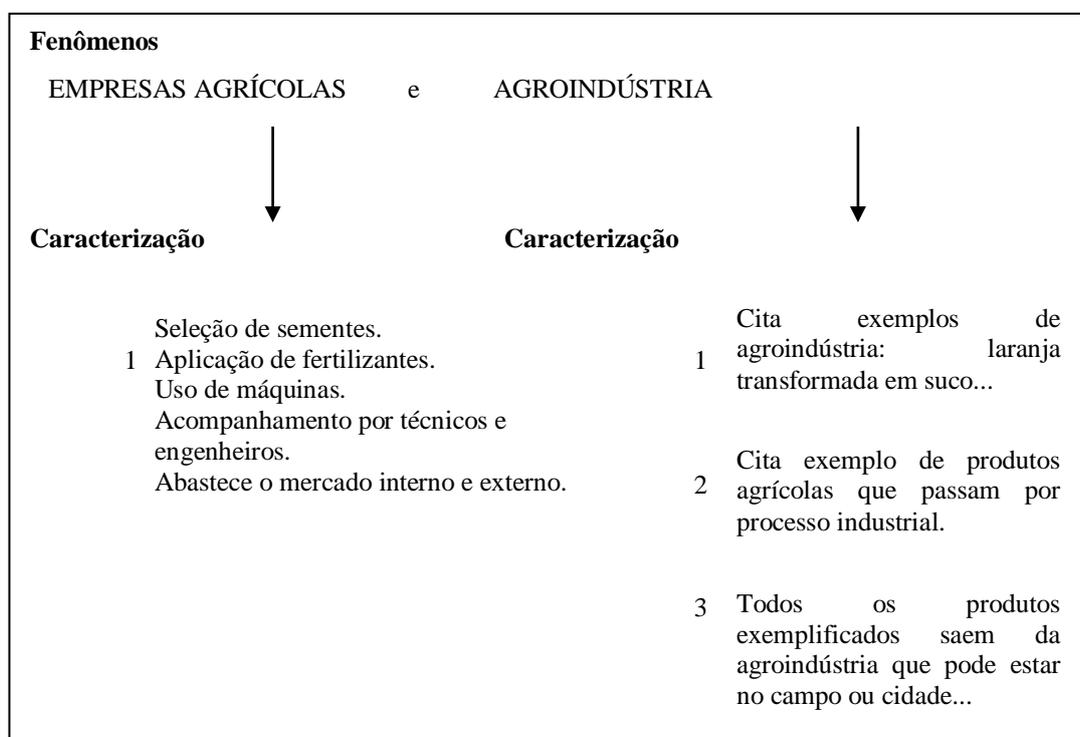
Na Etapa Descrição das Características, a informação está organizada em Caracterização 1 que descreve as *Empresas Agrícolas* e Caracterização 1,2 e 3 que caracterizam *Agroindústria* que correspondem, respectivamente, à segunda fase, quarta, quinta e sexta. O elemento linguístico que marca a Caracterização 1 do fenômeno *Empresas Agrícolas* é principalmente a oração relacional, conforme o exemplo a seguir.

[Empresas agrícolas]	caracterizam-se	pela seleção de sementes...
Participante	Processo relacional	Participante

O elemento linguístico que marca a Caracterização 1 e a Caracterização 2 do fenômeno *Agroindústria* é o conectivo *por exemplo* que ilustra produtos agrícolas que passam por algum processo industrial. Esse recurso linguístico contribui para caracterizar o fenômeno.

O elemento linguístico que marca a Caracterização 3 do fenômeno *Agroindústria* é a retomada da informação sobre os produtos pela expressão *todos esses produtos* que traz uma nova informação *vão abastecer os supermercados por todo o país*, terminando, finalizando a caracterização do fenômeno.

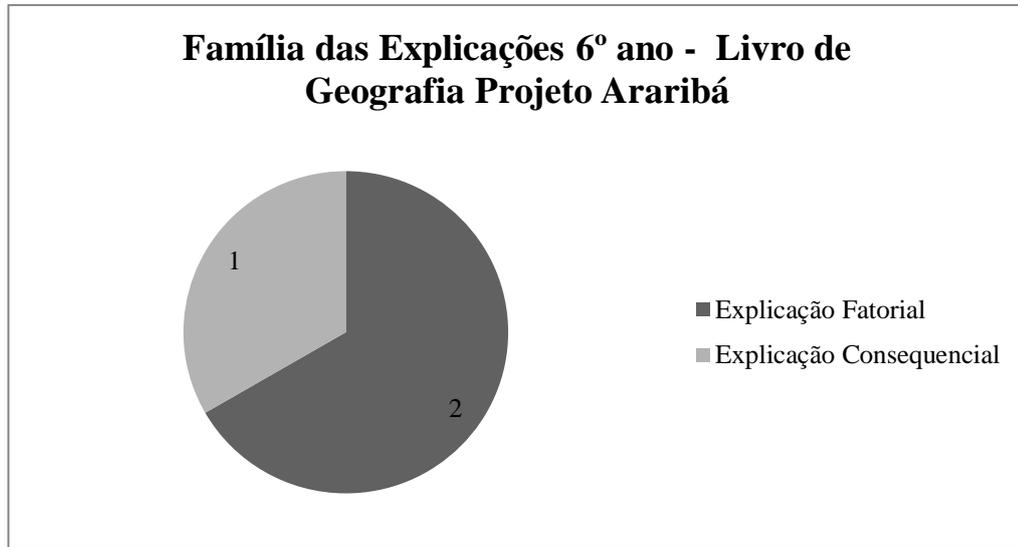
Figura 17 – Esquematização do gênero Relatório Descritivo



Fonte: Autora.

Em relação à Família das Explicações<sup>3</sup>, identificamos textos que instanciam o gênero Explicação Fatorial e um texto que instancia o gênero Explicação Consequencial. As Explicações do tipo Fatorial buscam explicar as relações causais, ou seja, os inúmeros fatores que provocam o fenômeno, e as Explicações do tipo Consequencial buscam explicar as múltiplas consequências provocadas pelo fenômeno. Apresentamos esses dados no Gráfico 3.

<sup>3</sup> A descrição e a análise dos exemplares da Família das Explicações será apresentada do livro do 9º ano por encontrarmos maior recorrência dessa Família nesse nível.

Gráfico 3 – Números de Explicação Fatorial e Consequencial no 6º ano<sup>4</sup>

Fonte: Autora.

Para melhor visualização dos gêneros encontrados no livro didático Projeto Araribá de Geografia do 6º ano, apresentamos o quadro a seguir que sistematiza os resultados. Como observado, a Família dos Relatórios é predominante nos 29 textos analisados no livro didático de Geografia Projeto Araribá do 6º ano, conforme comprova o Quadro 21.

Quadro 21 – Esquematização dos gêneros encontrados no livro didático Projeto Araribá do 6º ano

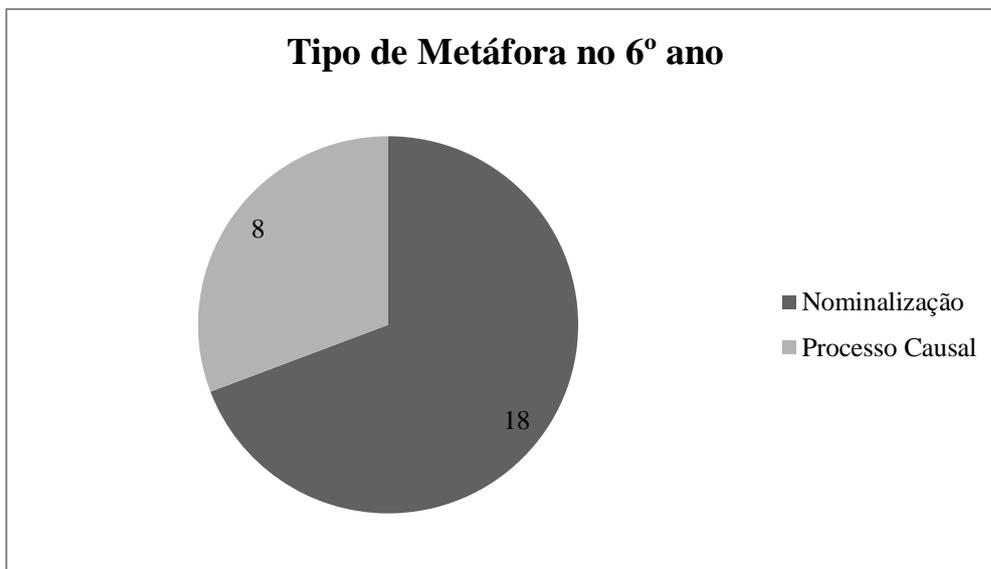
FAMÍLIAS	GÊNEROS	Número de textos
RELATÓRIOS	Classificativo	16
	Composicional	6
	Descritivo	4
EXPLICAÇÕES	Fatorial	2
	Consequencial	1

Fonte: Autora.

Como já sinalizado na Revisão da Literatura, a ciência reconstrói o mundo em uma linguagem diferente do sentido comum. Isso significa que os livros didáticos, neste caso de Geografia, também apresentam uma linguagem peculiar em relação ao léxico e à gramática. Um dos recursos linguísticos encontrados com frequência são as Metáforas Gramaticais Ideacionais entre elas as Nominalizações e os Processos Causais, conforme o Gráfico 4.

<sup>4</sup>A Família das Explicações será analisadas na seção 4.2.2, visto a sua recorrência no *corpus*.

Gráfico 4 – Ocorrências de Nominalização e Processo Causal no 6º ano



Fonte: Autora.

As metáforas gramaticais do tipo causais sinalizam uma relação de causa e efeito por meio de um processo que empacota a informação juntamente com as nominalizações dos processos e a ausência de participantes.

Quadro 22 – Desempacotamento de Metáforas do tipo Processos Causais

Texto Empacotado	Desempacotando	Texto Desempacotado
O desmatamento pode <u>afetar</u> a formação de chuvas ao <u>provocar</u> a redução da umidade do ar.	O homem desmata a vegetação. A falta de vegetação pode atingir a formação de chuvas O desmatamento reduz a umidade do ar. O desmatamento pode afetar a formação de chuvas.	Há redução da umidade do ar <b>porque</b> o homem desmata a vegetação e <b>por causa disso</b> a chuva não se forma.

Fonte: Autora.

No processo de desempacotamento de metáforas gramaticais do tipo nominalizações, os elementos léxico-gramaticais assumem a sua função primária: verbos na função de processos, substantivos na função de participantes e advérbios na função de circunstâncias, depois a informação é reconstruída de modo congruente.

Quadro 23 – Desempacotamento de Metáforas do tipo Nominalizações

Texto Empacotado	Desempacotando	Texto Desempacotado
O <u>represamento</u> de rios para gerar energia elétrica ou irrigar plantações e a <u>mudança</u> dos cursos de águas para favorecer a <u>ocupação</u> humana são exemplos da <u>intervenção</u> do homem.	O homem represa o rio para gerar energia elétrica e irrigar plantações. O homem muda os cursos de água para ocupar o espaço. O homem intervém na paisagem.	O homem represa o rio para gerar energia elétrica e irrigar plantações. Além disso, muda os cursos de água para ocupar espaço por isso intervém na paisagem.

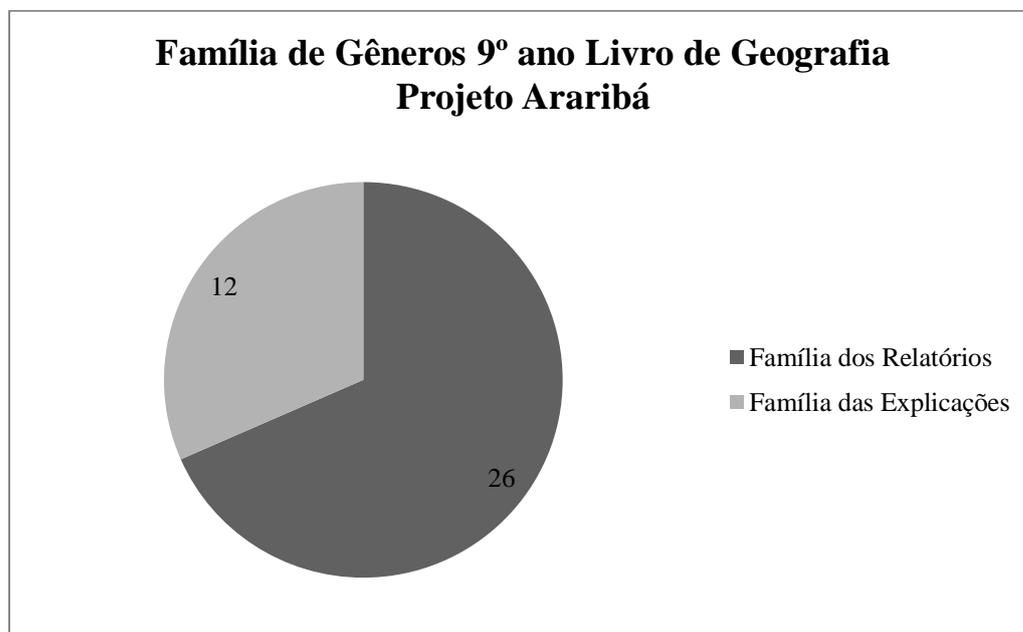
Fonte: Autora.

No livro didático 6º ano, identificamos a recorrência de metáforas do tipo Nominalização mais que de Processo causal, conforme já apontado no Gráfico 4. Entendemos que esse recorrente emprego pode ser uma característica desse nível de ensino, uma vez que os gêneros da Família dos Relatórios (também recorrentes nesse contexto) se propõem a descrever fenômenos, como o clima e o relevo e encapsulam conceitos científicos.

#### 4.2.2 Análise: Livro Didático Projeto Araribá do 9º ano

Analisamos 38 textos no livro didático de Geografia Projeto Araribá do 9º ano, desses identificamos 12 textos que instanciam a Família das Explicações e 26 textos que instanciam a Família dos Relatórios, como mostra o Gráfico 5 a seguir.

Gráfico 5 – Número de gêneros da Família dos Relatórios e da Família das Explicações no 9º ano

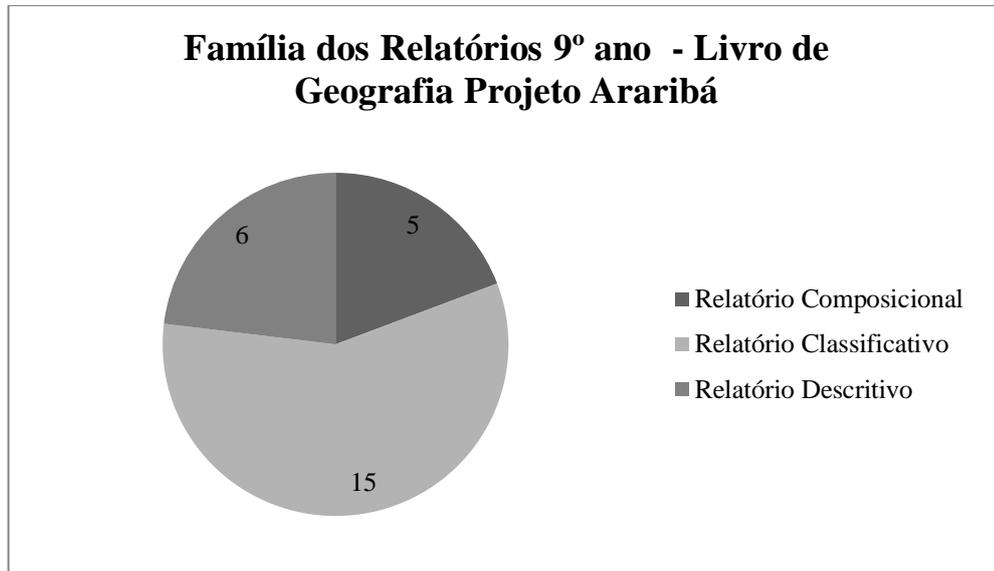


Fonte: Autora.

No livro didático Projeto Araribá do 9º ano, a Família das Explicações estrutura o conhecimento sobre dificuldades, conflitos, problemas que enfrentam os países do continente europeu, africano e asiático, e a Família dos Relatórios estrutura a construção de conhecimento sobre o clima, o relevo, a hidrografia, a vegetação, a economia de países do continente europeu, africano e asiático.

Nesse livro, a Família dos Relatórios também é predominante, o que nos leva a inferir que o propósito 9º ano também é descrever os fenômenos do mundo, apresentando suas características, seus tipos e/ou suas partes de forma taxonômica. Assim, encontramos 15 textos que instanciam o gênero Relatório Classificativo, 6 textos que instanciam o gênero Relatório Descritivo e 5 textos que instanciam o gênero Relatório Composicional.

Gráfico 6 – Números de Relatório Composicional, Classificativo e Descritivo no 9º ano

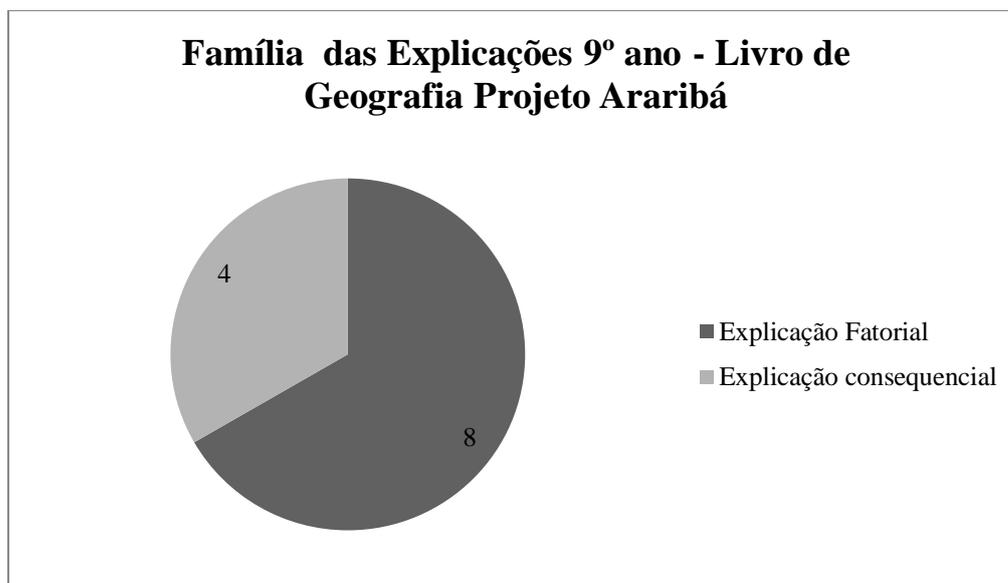


Fonte: Autora.

No entanto, foi identificado um maior número de exemplares de textos que instanciam a Família das Explicações no livro didático Projeto Araribá do 9º que no livro do 6º ano. Enquanto no livro do 6º ano há 3 exemplares dessa família, no livro do 9º, há 12 exemplares. Isso significa que também é propósito do livro didático de Geografia do 9º ano é explicar como e por que os fenômenos acontecem.

Entendemos que isso se deve ao fato de o livro do 9º ano trabalhar conceitos fundamentais sobre a transformação das populações, cidades, agricultura, indústrias entre outros e, nesse sentido, surge a necessidade de apontar quais são as causas de tais transformações e também suas consequências. Nesse contexto, foram mapeados 8 textos que instanciam a Explicação Fatorial e 4 textos que instanciam a Explicação Consequencial como mostra o Gráfico 7.

Gráfico 7 – Números de Explicação Fatorial e Consequencial no 9º ano



Fonte: Autora.

Com o intuito de sistematizar os gêneros encontrados no livro didático Projeto Araribá do 9º ano, apresentamos o Quadro 24.

Quadro 24– Esquematização dos gêneros encontrados no livro didático Projeto Araribá do 9º ano

FAMÍLIAS	GÊNEROS	Número de textos
RELATÓRIOS	Classificativo	15
	Composicional	5
	Descritivo	6
EXPLICAÇÕES	Fatorial	8
	consequencial	4

Fonte: Autora.

Por identificarmos maior ocorrência da Família das Explicações no livro didático Projeto Araribá do 9º ano que no livro do 6º ano, exemplificamos as ocorrências do gênero Explicação Fatorial e do gênero Explicação Consequencial a seguir com suas respectivas análises.

Quadro 25 – Explicação Fatorial no livro do 9º ano

Gênero	Etapas do gênero	Fases do gênero	Texto
Explicação Fatorial	Apresentação	Fenômeno	<b>Alemanha: indústria tecnologia</b> <i>Energia e desenvolvimento industrial</i> O setor industrial alemão é muito desenvolvido - em especial o siderúrgico - graças a <u>um conjunto de fatores</u> , entre eles:
	Explicação Das causas	Causa 1	<b>abundância de carvão mineral</b> : <u>garante</u> ao país o atendimento a grande parte da demanda de suas indústrias, <u>servindo</u> para a geração de energia termelétrica,
		Causa 2	<b>densa rede hidrográfica</b> : <u>favorece</u> o escoamento da produção dentro da Alemanha e para os demais países europeus, sendo o Reno o principal rio do país. (VEDOVATE, 2010b, p.78).

Fonte: Autora.

A partir da análise das variáveis de registro, podemos perceber que em relação à variável campo, a atividade social em atuação é explicar porque o setor industrial é muito desenvolvido. Isso pode ser evidenciado pela expressão *graças a* que empacota a conjunção causal *porque*, ou seja, torna implícita tal conjunção e pelos vocábulos *conjunto de fatores* que anunciam os fatores que desencadeiam o fenômeno.

No que se refere às relações sociais estabelecidas entre os participantes da interação, percebemos que, como nos outros gêneros instanciados, trata-se de um professor-autor do livro didático dirigindo-se aos alunos do 9º ano. Assim, a distância social entre os participantes pode ser considerada máxima, pois há uma diferença de poder entre os participantes, marcada pelo grau de conhecimento que possui o professor-autor do livro didático e o aluno do 9º ano.

No que se refere ao modo do registro, o texto apresenta linguagem verbal e foi escrito para ser lido como nos exemplos anteriores. Não há interatividade entre os participantes. Os fatores que desencadeiam o desenvolvimento da indústria aparecem em posição temática, destacados e seguidos por dois pontos, facilitando a identificação das causas do fenômeno por parte do leitor. Por fim, trata-se de um texto explicativo, prevalecendo a voz do autor.

Com base nos dados identificados na análise do registro, podemos concluir que o propósito do gênero é explicar como e por que o setor industrial, em especial o siderúrgico, da Alemanha é desenvolvido. Para lograr tal propósito, o gênero apresenta Etapas e Fases.

Quanto à estrutura esquemática do gênero, verificamos que o exemplar se organiza da seguinte forma: Apresentação ^ Explicação das Causas. Na Etapa Apresentação o fenômeno é evidenciado por meio da oração relacional *setor industrial alemão é muito desenvolvido*. Com a especificação de um setor – *em especial o siderúrgico* e a expressão *graças* há a sinalização de que serão apresentados os fatores que causam tal desenvolvimento. Na Etapa Explicação das Causas, a informação está organizada em Causa 1 e Causa 2 que correspondem, respectivamente, às Fases 2 e 3. O elemento linguístico que marca cada fase são as orações materiais como podemos visualizar a seguir.

densa rede hidrográfica:	favorece	O escoamento da produção	dentro da Alemanha.
Participante	Processo material	Participante	Circunstância

Na causa 1, temos um fator empacotado por uma metáfora gramatical abundância de carvão natural, a nominalização abundância empacota o conhecimento, ou seja, empacota um dos atributos do carvão e empacota as causas do desenvolvimento da indústria na Alemanha, omitindo a conjunção que explicita a causa. No desempacotamento dessa informação teríamos:

O carvão mineral é abundante	por isso	a indústria se desenvolve	na Alemanha
Oração 1	Conjunção causal	Oração 2	Circunstância

Além da Explicação Fatorial, outro gênero da Família das Explicações é instanciado no livro didático de Geografia Projeto Araribá do 9º: a Explicação Consequencial que apresentamos a seguir.

Quadro 26 – Explicação Consequencial no livro do 9º ano

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Explicação Consequencial	Apresentação	Fenômeno	<b>O desastre de Chernobyl</b> O mais grave acidente nuclear ocorrido na Europa deu-se na noite de 25 para 26 de abril de 1986. Um dos quatro reatores da usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia (então parte da União Soviética), explodiu,
		Consequência 1	<u>causando</u> o vazamento de resíduos nucleares na atmosfera. A nuvem radioativa que se <u>formou deslocou-se</u> para os países da Europa central.
	Explicação Das Consequências	Consequência 2	A explosão matou 47 funcionários da usina e <u>provocou</u> doenças e a morte de habitantes na região nos anos posteriores, <u>em consequência</u> da radiação recebida. Toda a região situada em um raio de 30 km da central de Chernobyl teve de ser desocupada. (VEDOVATE, 2010b, p.67).

Fonte: Autora.

A partir da análise das variáveis de registro, observamos que o campo apresentado se refere à explicação do que foi, onde, quando e o que causou o desastre de Chernobyl e as múltiplas consequências desse fenômeno. Essa atividade é realizada na Etapa Apresentação por meio da definição *O mais grave acidente nuclear ocorrido na Europa e das circunstâncias de lugar e de tempo na Europa – na Ucrânia (então parte da União Soviética), na noite de 25 para 26 de abril de 1986*. Também por meio da sinalização da causa do fenômeno *um dos quatro reatores da usina nuclear de Chernobyl explodiu*. As múltiplas consequências do fenômeno são apresentadas na Etapa Explicação marcadas pelos processos *causando*, *provocou* e pela locução conjuntiva *em consequência*.

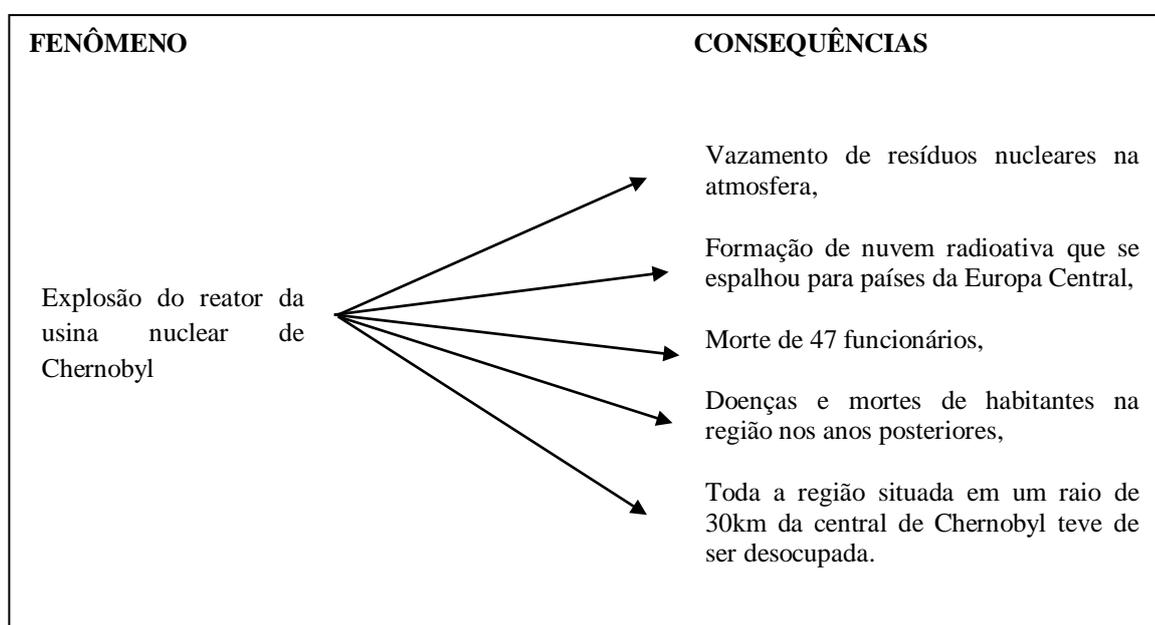
No que se refere às relações sociais estabelecidas entre os participantes da interação, percebemos que, como nos outros gêneros instanciados, trata-se de um professor-autor do livro didático dirigindo-se aos alunos do 9º ano. Assim, a distância social entre os participantes pode ser considerada máxima, pois há uma diferença de poder entre os participantes, marcada pelo grau de conhecimento que possui o professor-autor do livro didático e o aluno do 9º ano.

No que se refere ao modo do registro, o texto apresenta linguagem verbal e também foi escrito para ser lido como nos exemplos anteriores. Não há interatividade entre os participantes. Por fim, trata-se de um texto explicativo, prevalecendo a voz do autor.

Desse modo, podemos considerar que o propósito comunicativo do texto é explicar as consequências do desastre de Chernobyl. Com base nesse propósito, o gênero Explicação Consequencial se organiza em Etapas e Fases.

Na estrutura esquemática do gênero temos Apresentação ^ Explicação das Consequências. A Etapa de Apresentação traz como elemento linguístico caracterizador o uso de orações materiais *Um dos quatro reatores da usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia (então parte da União Soviética), explodiu*, e o uso de circunstâncias de tempo e de lugar *na noite de 25 para 26 de abril de 1986, na Europa*. Na Etapa Descrição das Consequências, identificamos que são apresentadas as consequências do desastre de Chernobyl expressos na Figura 18:

Figura 18 – Esquematização das consequências do desastre de Chernobyl



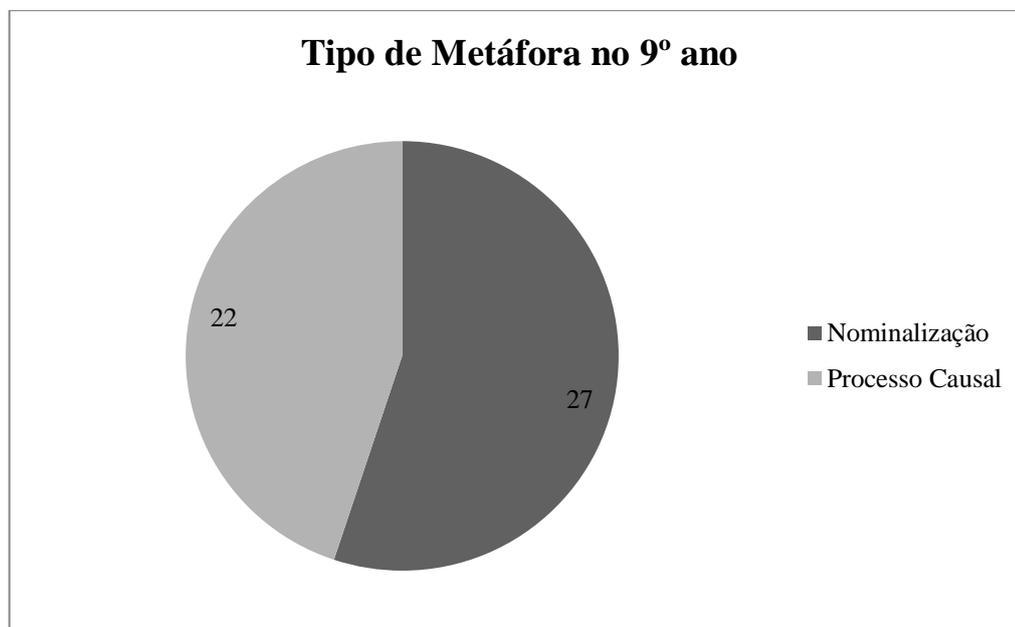
Fonte: Autora.

Nesse sentido, o elemento linguístico característico da Etapa Descrição das Consequências são também as orações materiais com destaque para os processos causais.

A explosão	<u>provocou</u>	doenças e a morte	de habitantes	na região	nos anos posteriores
Participante	Processo causal	Participante	Participante	Circunstância	Circunstância

No livro do 9º ano também identificamos Metáfora Gramaticais Ideacionais do tipo Nominalizações e Processo causal, conforme o Gráfico 8.

Gráfico 8 – Ocorrências de Nominalização e Processo Causal no 9º ano



Fonte: Autora.

No fragmento de texto a seguir, a relação causal entre os fenômenos é realizada por meio do processo *provocou*, a relação lógica não foi construída de maneira congruente, através de uma conjunção, mas foi construída por meio de processo causador. Além disso, nesse exemplo, temos a nominalização *independência* que deixou de ser adjetivo e passou a ser nome.

Quadro 27 – Desempacotamento de Metáforas do tipo Processos Causais e de Nominalizações<sup>1</sup>

Texto Empacotado	Desempacotando	Texto Desempacotado
A <u>independência</u> da Índia (1947) <u>provocou</u> a divisão do antigo protetorado britânico em dois Estados: a Índia (de maioria hindu) e o Paquistão (de maioria muçulmana).	A Índia se tornou independente em 1947. A Índia independente dividiu o antigo protetorado em dois Estados: a Índia (de maioria hindu) e o Paquistão (de maioria muçulmana).	A Índia se tornou <u>independente</u> e <u>por isso</u> dividiu o antigo protetorado britânico em dois Estados: a Índia (de maioria hindu) e o Paquistão (de maioria muçulmana).

Fonte: Autora.

Neste fragmento, temos um caso também de processo causador *permitem* no lugar de conjunção e vários elementos nominalizados: *uso* que deixa de ser processo e passa a ser

nome, inovação que deixa de ser processo e passa a ser nome e otimização que deixa de ser atributo para ser nome. Importante salientar o apagamento dos agentes humanos, característica típica de metáforas do tipo nominalização.

Quadro 28 – Desempacotamento de Metáforas do tipo Processos Causais e de Nominalizações<sup>2</sup>

Texto Empacotado	Desempacotando	Texto Desempacotado
O <u>uso</u> intensivo de tecnologia e a contínua <u>inovação</u> dos processos <u>permitem</u> a economia Europeia a <u>otimização</u> de seus recursos e um elevado índice de produtividade.	A economia Europeia usa intensamente a tecnologia. A economia Europeia inova continuamente seus processos. A economia Europeia tem ótimos recursos. A economia Europeia produz muito. A economia Europeia tem um índice elevado de produtividade.	A economia Europeia tem <u>ótimos</u> recursos e produz muito <u>porque usa</u> intensamente a tecnologia e <u>inova</u> continuamente seus processos.

Fonte: Autora.

No livro do 9º é recorrente os dois tipos de Metáforas: a Nominalização e o Processo Causal em um período. Como acontece no 6º ano, a Nominalização é predominante, no entanto, encontramos uma maior recorrência de Processo Causal no 9º ano que no 6º ano. Entendemos que isso ocorre porque, como investigado, é propósito do 9º ano explicar como e por que os fenômenos acontecem, apresentando um número maior de gêneros da Família das Explicações em relação ao 6º ano.

O uso de Metáforas Gramaticais Ideacionais confere ao texto uma elevada complexidade entre estratos da linguagem e, em consequência, uma alta densidade de significados. Em virtude disso, é imprescindível que os alunos tenham contato com essa linguagem peculiar da ciência de modo que ela seja explicitada e ensinada pelos professores. Além disso, o conhecimento sobre as Famílias de gêneros presentes nos livros didáticos aliado às suas características permite que o aluno compreenda os conteúdos das disciplinas durante a escolaridade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho objetivamos verificar que aspectos composicionais, linguísticos e semântico-discursivos dos gêneros são relevantes para a construção do conhecimento na disciplina de Geografia e como esses aspectos estão organizados nos textos do livro didático. Nesse sentido, dois objetivos específicos nortearam a pesquisa: i) conhecer a área disciplinar para compreender as práticas de leitura dos alunos e ii) descrever e analisar os gêneros recorrentes na disciplina de Geografia.

Para conhecer a área de Geografia realizamos uma breve pesquisa sobre o histórico do livro didático que apontou evolução nas políticas voltadas à produção e distribuição dos livros didáticos, principalmente, com a implantação do PNLD – Plano Nacional do Livro Didático. Também, buscamos compreender como se dá a escolha dos livros didáticos de Geografia nas escolas, para isso consultamos o Guia do PNLD (BRASIL, 2013a). Como resultado alcançado, entendemos que as editoras procuram contemplar os critérios estabelecidos pelo PNLD (BRASIL, 2013a) para que suas coleções sejam aprovadas. No entanto, sabe-se que o Programa não atende, em certa medida, o pretendido, porque o livro didático escolhido em primeira opção pelos professores muitas vezes não é o que chega até a escola. Delimitado esse contexto, focamos o livro didático de Geografia Projeto Araribá, por isso nossas lentes se voltaram para as obras que constituem o corpus desta pesquisa – o livro do 6º ano e do 9º ano e também para o Guia do PNLD de Geografia (BRASIL, 2013b) que apresenta a resenha dessa coleção elaborada por especialistas da área. Como resultado, a resenha da coleção conceitua muito bem os livros, apresenta as unidades e temas, a concepção da Geografia na coleção, os conteúdos e todas as seções do livro. Entendemos que um ponto sinalizado pelo Guia do PNLD de Geografia (BRASIL, 2013b) merece maior reflexão. Em relação à linguagem empregada nos livros, o Guia aponta que ela “é clara, simples e adequada ao estágio cognitivo do estudante”. Nossa análise demonstrou que tal linguagem não é tão simples assim, pelo contrário, a linguagem, nos textos do livro didático Projeto Araribá do 6º ano e do 9º ano, está repleta de tecnicidade e abstração. Desse modo, constatamos que os livros dessa coleção apresentam uma linguagem própria da ciência, isto é, uma linguagem distante da qual o aluno está familiarizado. Todavia, sabemos que é importante que o aluno seja alfabetizado em ciência, que ele domine pouco a pouco a linguagem abstrata e técnica presente nos textos dos livros didáticos. O que ocorre é que essa linguagem pode não estar adequada ao nível de ensino em que se encontra o aluno. Tal fato evidencia que há

necessidade de investigar cada vez mais as coleções, pois o PNLD não apresenta critérios para avaliar a linguagem apresentada nos livros didáticos.

Nesta pesquisa, enfocamos uma abordagem baseada em gênero, informada pela Linguística Sistêmico-Funcional e pela Pedagogia da Escola de Sidney que surge como resposta às preocupações sobre a eficácia de um ensino tradicional, perspectivas que caracterizaram, em épocas distintas, o ensino de produção textual na Austrália. Essa pedagogia caracteriza-se como explícita já que o professor introduz os estudantes às demandas linguísticas dos gêneros que são importantes para a participação na aprendizagem escolar e na comunidade maior.

O objetivo maior dessa proposta é a inserção crítica do estudante nas diferentes esferas de atividade humana. Para tanto, parte da concepção de que “os gêneros são configurações de significado com um propósito social” (MARTIN; ROSE, 2012), e, portanto, são representativos de uma determinada comunidade. Nesse sentido, o ato de ler e o ato de escrever são transversais ao ato de ensinar e de aprender e que, por isso, os gêneros respondem tanto às necessidades de ensino quanto às especificidades das disciplinas escolares que são recontextualizadas pelos professores.

A fim de recontextualizar a proposta para o contexto brasileiro de ensino, estabelecemos um caminho metodológico de análise de gêneros que se baseou nas teorias de Gêneros e Registro (MARTIN, 1993b), (HALLIDAY, 2013), Sistemas léxico-gramaticais de transitividade (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e a taxonomia proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional e estrutura temática (MARTIN; ROSE, 2008), (MOYANO, 2013b).

Nesse sentido, realizamos o segundo objetivo específico: descrever e analisar os gêneros recorrentes na disciplina de Geografia em seus aspectos composicionais, linguísticos e semântico-discursivos. Para isso, realizamos o mapeamento das Famílias de gêneros recorrentes na disciplina de Geografia com foco nesses aspectos. Esse mapeamento apontou para a recorrência dos gêneros da Família dos Relatórios e das Explicações.

No livro didático de Geografia Projeto Araribá do 6º ano, analisamos 29 textos, 26 desses textos instanciam a Família dos Relatórios e 3 textos instanciam a Família das Explicações. Esses dados apontam que no livro didático Projeto Araribá de Geografia do 6º ano, nas unidades analisadas, o propósito comunicativo principal é a descrição das características dos fenômenos. Nesse livro, da Família dos Relatórios, identificamos 16 textos que instanciam o gênero Relatório Classificativo, 6 textos que instanciam o gênero Relatório Composicional e 4 textos que instanciam o gênero Relatório Descritivo e da Família das

Explicações, identificamos 2 textos que instanciam a Explicação Fatorial e 1 texto que instancia a Explicação Consequencial.

A ciência constrói um mundo abstrato para explicar e interpretar os fenômenos. Na Geografia, logicamente, não é diferente. Assim, identificamos nos textos de Geografia recursos de linguagem peculiares em relação ao léxico e à gramática que são as Metáforas Gramaticais Ideacionais: as Nominalizações e os Processos Causais. No 6º ano, há recorrência de Nominalizações. Entendemos que isso ocorre pelo fato de também nesse nível de ensino termos identificado mais gêneros da Família dos Relatórios, cujo propósito é descrever objetos/coisas e as Nominalizações são utilizadas para apresentar processos ou qualidades como se fossem objetos/ coisas.

No livro didático de Geografia Projeto Araribá do 9º ano, analisamos 38 textos, 26 desses textos instanciam a Família dos Relatórios e 12 textos instanciam a Família das Explicações. Esses dados revelam que o propósito maior das unidades analisadas é descrever as características dos fenômenos e explicar como e por que os fenômenos acontecem. No livro do 9º ano, da Família dos Relatórios, encontramos 15 textos que instanciam o Relatório Classificativo, 6 textos que instanciam o gênero Relatório Descritivo e 5 textos que instanciam o Relatório Composicional e da Família das Explicações, encontramos 8 textos que instanciam o gênero Explicação Fatorial e 4 textos que instanciam o gênero Explicação Consequencial.

A Tabela 1 retoma a esquematização dos gêneros encontrados no livro didático de Geografia Projeto Araribá do 6º ano e do 9º ano.

Tabela 1 – Esquematização dos gêneros encontrados no corpus da pesquisa

<b>Famílias</b>	<b>Gêneros</b>	<b>Número de textos no 6º ano</b>	<b>Número de textos no 9º ano</b>
<b>RELATÓRIOS</b>	Classificativo	16	15
	Composicional	6	5
	Descritivo	4	6
<b>EXPLICAÇÕES</b>	Fatorial	2	8
	Consequencial	1	4
<b>Total de Textos</b>		<b>29</b>	<b>38</b>

Fonte: Autora.

Os Relatórios, Descritivo, Classificativo e Composicional, cumprem a função de construir uma representação do mundo físico, visto que apresentam, de forma taxonômica, a descrição, os tipos e as partes que compõem os fenômenos das unidades analisadas. As Explicações do tipo Fatorial objetivam explicar as relações causais, ou seja, os inúmeros

fatores que provocam determinado fenômeno e as Explicações do tipo Consequencial objetivam explicar as múltiplas consequências provocadas por determinado fenômeno.

Sendo predominante o Relatório Classificativo em ambos os livros, como percebemos na esquematização dos gêneros instanciados, entendemos que o propósito comunicativo predominante nas unidades analisadas é descrever em tipos os fenômenos subjacentes à área de Geografia. No 6º ano, o propósito está relacionado aos conceitos de Geografia que são desenvolvidos nesse nível de ensino que é a Geografia física, ou seja, é necessário descrever as características do clima, do relevo, das massas, das paisagens etc.

Em relação à Família das Explicações, se compararmos o livro do 6º ano com o livro do 9º ano, temos uma incidência maior dos gêneros Explicação Fatorial e Consequencial. Entendemos que isso se deve ao fato do livro do 9º ano trabalhar conceitos fundamentais sobre a transformação das populações, cidades, agricultura, indústrias entre outros e, nesse sentido, surge a necessidade de apontar quais são as causas de tais transformações e também as consequências, ou seja, o foco recai na sequência da atividade.

No livro do 9º também identificamos Metáforas Gramaticais Ideacionais: a Nominalização e o Processo causal. Nos textos do livro do 9º ano é comum encontrarmos em um mesmo período os dois tipos de Metáfora. Além disso, o uso de Processo Causal é mais recorrente nesse nível de ensino que no 6º ano. Entendemos que isso ocorre porque, como já apresentado, é propósito do 9º ano explicar como e por que os fenômenos acontecem, apresentando um número maior de gêneros da Família das Explicações em relação ao 6º ano.

Diante disso, compreendemos que é fundamental que a linguagem técnica, abstrata, metaforizada presentes nos textos científicos seja explicitada e ensinada para os alunos pelos professores, um modo de explicitar tal linguagem é desempacotar o conhecimento no texto, tarefa que pode ser realizado em conjunto com o professor de Geografia e de Língua Portuguesa.

Com base na análise das variáveis do registro, a atividade desenvolvida comprovou o propósito comunicativo do gênero: descrever as características e taxonomias ou explicar causa e consequências dos fenômenos. No que se refere às relações sociais estabelecidas entre os participantes da interação, percebemos que se trata de um professor-autor do livro didático dirigindo-se aos alunos do 6º ano ou 9º ano. Consideramos que a distância social entre os participantes como máxima, pois há uma diferença de poder entre os participantes, marcada pelo grau de conhecimento que possui o professor-autor do livro didático e o aluno do 6º ano ou do 9º ano. Por fim, verificamos que todos os textos analisados apresentam linguagem predominantemente verbal, são informativos, foram escritos para serem lidos, sem

interatividade entre os participantes e com a prevalência da voz do autor, conforme os padrões de linguagem que comprovaram tais padrões de registro.

Com base na análise dos textos, verificamos que as Etapas e Fases estão diretamente relacionadas a funções léxico-gramaticais e semânticas específicas. Por exemplo, identificamos que, quando os gêneros são da Família dos Relatórios, temos orações do tipo relacional, material e quando são da Família Explicações, temos orações materiais e processos causais, predominantemente.

Como podemos perceber, a estrutura composicional do gênero textual está relacionada às escolhas linguísticas, semânticas e discursivas que são determinados pelo registro: campo, relações e modo. Todos esses fatores juntos contribuem para que o gênero alcance seu propósito que pode ser definir e descrever o fenômeno caracterizando-o em tipos ou em partes como pode ser explicar como e por que o fenômeno acontece, quais fatores o provocam ou quais consequências decorrem dele.

A compreensão leitora pode ser entendida como a capacidade de compreender diferentes gêneros, de apropriar-se desse conhecimento a aplicá-lo em situações mais amplas. Aprender a ler um texto é, em última instância, aprender a decodificar o mundo, construindo um repertório de significados que possibilita aos alunos interagir com sua realidade (Guia e Recursos Didáticos, Geografia Projeto Araribá do 9º ano, p.15). Diante disso, para que os alunos leiam e escrevam textos na disciplina de Geografia, é fundamental que conheçam os gêneros instanciados pelos textos em seus aspectos composicionais, linguísticos e semântico-discursivos. Desse modo, terão maiores chances de compreender os conceitos da área.

Entendemos que os resultados por nós encontrados podem ter uma finalidade educacional, já que evidencia quais, como e por que alguns aspectos composicionais, linguísticos e semântico-discursivos dos gêneros se concatenam para construir o conhecimento na Geografia. Além disso, evidenciamos um caminho de leitura, desconstrução e construção dos gêneros na área de Geografia, sendo, como sugere o título desse trabalho, um desafio interdisciplinar para professores de linguagens e Geografia.

Quanto aos estudos futuros, sugerimos pesquisas que analisem gêneros em outras Etapas escolares da educação básica a fim de verificar em que medida são encontradas as mesmas Famílias e, assim, teríamos uma visão geral das Famílias de gêneros em toda a coleção de Geografia Projeto Araribá destinada ao Ensino Fundamental II. Além disso, outras coleções poderiam ser analisadas a fim de verificar comparações e/ou similaridades quanto às Famílias de gêneros instanciadas em suas unidades.



## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. A. M. Livros didáticos e currículos de Geografia: uma história a ser contada. In: CATROGIOVANNI, A. C. et al. (Org.). **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 161- 174.
- ASSIS, F. A. **Gêneros Textuais nos Livros Didáticos de Geografia**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: Ministério da Educação, 1998. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Guia de livros didáticos: PNLD 2014: apresentação: ensino fundamental: anos finais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013a.
- \_\_\_\_\_. **Guia de Livros Didáticos: PNLD 2014: geografia: ensino fundamental: anos finais**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2013b.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero: História, Teoria, Pesquisa, Ensino**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BITTENCOURT, C. M. F. Em foco: história, produção e memória do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 1-3. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a07v30n3.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2017.
- BUNZEN, C. O ensino de "gêneros" em três tradições: implicações para o ensino aprendizagem de língua materna. In: COVRE et al. (Org.). **Quimera e a peculiar atividade de formalizar a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin**. São Carlos: Grupos de Estudos dos Gêneros do Discurso, 2004. p. 221-257. Disponível em:<[http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/o\\_ensino\\_de\\_generos\\_Clecio Bunzen.pdf](http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/o_ensino_de_generos_Clecio_Bunzen.pdf)>. Acesso em: 6 out. 2016.
- BUTT, D. et al. **Using Functional Grammar An Explorer's Guide**. 2. ed. Sydney: Macquarie University, 2000.
- CASTROGIOVANNI, A. C.; GOULART, L. B. A questão do livro didático em geografia: elementos para uma análise. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre. UFRGS, 1988. p. 17-20.
- CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte Tradução de Maria Adriana C. Cappello. **Educação & pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.3, p. 549-566, et./dez. 2004.
- CHRISTIE, F.; DEREWIANKA, B. **School discourse: Learning to write across the years of schooling**. Londres: Continuum, 2010.

DUTRA, V. L. Concepção Sistêmico Funcional e o Processo Semiótico de Construção dos Sentidos do Texto. **Linguagem em (Re)vista**, Niterói, ano 7, ns 13/14, p.131-147, 2012.

EGGINS, S.; MARTIN. J. R. Genres and registers of discourse. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). **Discourse as structure and process**. v. 1. Londres: Sage, 1997.p. 230-256.

ESCOBAR, S.; JOVENICH, M. I. Un acercamiento a los géneros explicativos em Geografía: El caso de la Explicación secuencial y la Explicación factorial. In: MOYANO, E. I. (Org.). **Aprender Ciencias y Humanidades: una cuestión de lectura y escritura – Aportes para la construcción de un programa de inclusión social a través de la educación lingüística**. 1. ed. Los Polverines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2013.p. 333-363.

FAIRCLOUGH. N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora UnB, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em língua portuguesa**. Santa Maria: DLV, UFSM, 2014.

FREITAG, B. et Al. **O livro didático em questão**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GIUDICE, J. La narración del periodo 1976-1983 en manuales de Ciencias Sociales argentinos: tipo de lenguaje y elección genérica. In: MOYANO, E. I. (Org.). **Aprender Ciencias y Humanidades: una cuestión de lectura y escritura– Aportes para la construcción de un programa de inclusión social a través de la educación lingüística**. 1. ed. Los Polverines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2013.p. 297-332.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e Gramática: Uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. Universidade de Lisboa & Instituto de Linguística Teórica e computacional, Portugal. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n.24, p. 13-47, jan./jun.2009.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros escolares e a disciplinarização do saber: contributos da linguística sistêmico funcional para a promoção do sucesso escolar**. [Apresentação em Power Point]. XIII InLetras (Seminário Internacional em Letras): Linguagens em (inter)ação. UNIFRA, Santa Maria, RS, 11-14 de junho, 2013, 69 slides.

\_\_\_\_\_. Compreensão Leitora como Base Instrumental do Ensino da Produção Escrita. In: SILVA, W. R., SANTOS, J. S., MELO, M. A. **Pesquisas em Língua(gem) e Demandas do Ensino Básico**. Campinas: Pontes, 2014.p.203-231.

HALLIDAY. M.A.K. **El Lenguaje como Semiótica Social. La Interpretacion Social Del lenguaje y del significado**. Tradução Jorge Ferrero Santana. México: FCE, 2013.

\_\_\_\_\_; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **Halliday's Introduction to functional grammar**. London: Hodder Arnold, 1994.

\_\_\_\_\_; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. New York; London: Routledge, 2014.

\_\_\_\_\_; RUQAIYA, H. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1985.

IKEDA, S.N. A Noção de Gênero textual na linguística crítica de Roger Fowler. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.p.46-64.

MARTIN, J. R. **English Text**: System and structure. Philadelphia: John Benjamins, 1992.

\_\_\_\_\_. Analysing genre: functional parameters. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J.R. (Eds.). **Genre and Institutions**: social processes in the workplace and school. London: Pinter. 1997. p. 3-39.

\_\_\_\_\_. Una Teoría Contextual del Lenguaje. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. **The powers of Literacy**: A Genre Approach to Teaching Writing. London: The Falmer Press, 1993a.p. 1-23.

\_\_\_\_\_. Literacy in Science: Learning to Handle Text as Technology. In: HALLIDAY, M.A.K.; MARTIN, J. R. **Writing science**: literacy and discursive power. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1993b.p.184-222.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Genre Relations**: mapping culture. London: Equinox, 2008.

MOSS et al. La metáfora gramatical en los textos escolares de Ciencias Sociales en español. **ONOMÁZEIN Revista semestral de lingüística, filología y traducción**, Chile, v. 28, p. 88-104, 2013.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, M.V. O Conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan. In: MEURER J. L.; BONINI. A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 12-28.

MOYANO, E. I. El Lenguaje de las disciplinas y los géneros de su recontextualización escolar una aproximación desde la lingüística sistémico funcional. In: MOYANO, E. I. (Org.). **Aprender Ciencias y Humanidades**: una cuestión de lectura y escritura – Aportes para la construcción de un programa de inclusión social a través de la educación lingüística. 1. ed. Los Polverines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2013a.p. 31-78.

\_\_\_\_\_. Género y discurso en los manuales de Biología: construcción del conocimiento y la actividad científica. In: MOYANO, E. I. (Org.). **Aprender Ciencias y Humanidades**: una cuestión de lectura y escritura – Aportes para la construcción de un programa de inclusión social a través de la educación lingüística. 1. ed. Los Polverines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2013b.p. 229-296.

RAUBER, J.; TONINI, I. M. Livro didático de geografia: pensando as aprendizagens. ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: UFSC, 2014. 15f. Disponível em: <<http://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br>>. Acesso em: 12 set. 2017.

ROSE, D.; MARTIN, J. R. **Learning to Write, Reading to Learn**: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School. London: Equinox, 2012.

SCHAFFER, N. O. **O livro didático e o desempenho pedagógico**: anotações de apoio à escolha do livro texto. Porto Alegre: UFRGS/AGB, 1988.

SILVA, J. R. **Livro Didático como Documento Histórico**: Possibilidades, Questões e Limites de Abordagem. Revista de Teoria da História. Goiás, ano 2, n. 5, p.177 – 197, junho, 2011.

SILVA, T. S. **Nos caminhos da natureza**: análise de gêneros na Abordagem sistêmico-Funcional em livros didáticos de Ciências naturais. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

SPOSITO, E. S. O livro didático de Geografia: Necessidade ou dependência? Análise da avaliação das coleções didáticas para o ensino fundamental. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Livros didáticos de História e Geografia**: Avaliação e Pesquisa. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2006.p. 55-71.

TAVERNIERS, M. Grammatical metaphor in SFL: a historiography of the introduction and initial study of the term. In: SIMON-VANDERBERG, A.; TAVERNIERS, M.; RAVELLI, L. (Eds.). **Grammatical metaphor**. Amsterdam: John Benjamins, 2003.p.5-33.

TONINI, Ivaine. M. Livro didático: Textualidades em rede? In. TONINI, Ivaine. M. et al. (Orgs) **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

VEDOVATE, Fernando Carlo. **Projeto Araribá**: Geografia, 6º ano. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2010a.

VEDOVATE, Fernando Carlo. **Projeto Araribá**: Geografia, 9º ano. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2010b.

VIAN JR, O.; LIMA-LOPES, R. E. A perspectiva Teleológica de Martin para análise dos Gêneros Textuais. In: MEURER, J.L.; BONINI,A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.29-45.

## ANEXO 1 – CORPUS DO 6º ANO

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Explicação Consequencial	Apresentação	Contextualização do Fenômeno	<b>A transformação da paisagem</b> Paisagens são transformadas pela ação humana para dar lugar, por exemplo, a plantações, cidades, rodovias ou para a <b>obtenção</b> de recursos naturais, como madeira, minérios, água e outros. Essas intervenções podem <b>provocar</b> sérios <b>danos ao meio ambiente</b> , como veremos nos itens a seguir:
		Fenômeno	
	Explicação das Consequências	Consequência 1	<p>Destruição da vegetação O desmatamento pode afetar a <b>formação</b> de chuvas ao <b>provocar</b> a <b>redução</b> da umidade do ar. <u>Além disso</u>, animais que viviam na região desmatada têm de buscar alimento em outras áreas, e eles nem sempre o encontram, havendo assim, o risco de espécies animais e vegetais desaparecerem antes mesmo de serem conhecidas ou estudadas.</p> <p>Com a retirada a vegetação, o solo também fica exposto à ação das águas e do vento. As enxurradas, <u>por exemplo</u>, além de “lavar“ nutrientes do solo, carregam detritos (fragmentos de rochas, solo) que preenchem o leito dos rios (assoreamento), causando o transbordamento de suas águas (enchentes).</p> <p>No continente europeu, praticamente toda a vegetação original já foi destruída. No Brasil, restam poucas manchas de Mata Atlântica, e a Floresta Amazônica e o Cerrado têm sido muito devastados nas últimas décadas.</p>
		Consequência 2	<p>Exploração do Solo Para realizar atividades agrícolas, os seres humanos exploram o solo de extensas áreas do nosso planeta. A vegetação original é derrubada e uma lavoura é plantada em seu lugar, alterando profundamente a paisagem natural.</p> <p>Quando explorado sem os devidos cuidados, o solo pode perder sua fertilidade. Produtos químicos (fertilizantes e agrotóxicos) usados incorretamente podem filtrar-se no solo e contaminar lençóis de água subterrânea. Podem também chegar aos rios, contaminando a água usada para abastecer populações humanas ou os locais de reprodução de peixes.</p> <p>Outras atividades de exploração do solo que causam grande impacto nas paisagens são a criação extensiva de gado e a extração de recursos minerais, como zinco e o carvão mineral.</p>
Consequência 3	<p>Uso de rios e Oceanos O represamento de rios para gerar energia elétrica ou irrigar plantações e a mudança dos cursos de água para favorecer a ocupação humana são outros exemplos de intervenção antrópica nas paisagens.</p> <p><u>Além disso</u>, resíduos lançados por indústrias e empresas mineradoras, assim como esgoto e lixo domésticos, podem poluir as águas da superfície e do subsolo terrestre.</p> <p>A paisagem dos oceanos também tem sido transformada pela ação humana, <u>por exemplo</u>, com a construção de pontes, plataformas de exploração petrolífera e oleodutos.</p>		

Gênero	Etapas do gênero	Fases do gênero	Texto
Explicação Fatorial	Apresentação	Fenômeno	<b>As Paisagens Preservadas</b> Paisagens predominantemente naturais ou que sofreram pequenas <b>intervenções</b> humanas precisam ser preservadas. Isso é importante <u>porque</u> :
	Explicação das Causas	Causa 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• muitas apresentam espécies vegetais e animais em risco de extinção;</li> </ul>
		Causa 2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• são fontes de pesquisas científicas;</li> </ul>
		Causa 3	<ul style="list-style-type: none"> <li>• algumas espécies vegetais podem ser empregadas pela medicina para a cura de doenças;</li> </ul>
		Causa 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• apresentam interesse para o desenvolvimento do turismo;</li> </ul>
		Causa 5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• nelas há comunidades humanas que vivem de maneira tradicional, alterando pouco o ambiente, e devem ter sua cultura preservada. É o caso das comunidades ribeirinhas do rio Amazonas.</li> </ul>
	Contextualização	Essas paisagens podem estar em áreas particulares, cujo uso e proteção são responsabilidade do proprietário, ou em terras do Estado, que deve assegurar a conservação e a preservação desses lugares, restringindo sua utilização.	

Gênero	Etapas do gênero	Fases do gênero	Texto
Explicação Fatorial	Apresentação	Contextualização	<b>O tempo e as massas de ar</b> As <b>mudanças</b> de tempo em determinado lugar estão relacionadas a vários fatores, em especial aos movimentos das massas de ar.
	Explicação das Causas	Fenômeno Definição	<b>Massas de ar são</b> grandes porções de ar que adquirem as características de temperatura e umidade das áreas onde se originam.
		Causa 1	As que se formam nas proximidades das zonas polares <b>são frias</b> e <b>provocam</b> a queda da temperatura nos lugares por onde passam. Já as que se originam em regiões <b>quentes</b> provocam <b>aumento de temperatura.</b>
		Ampliação do fenômeno	Além da temperatura, as massas de ar assumem as características de umidade do lugar onde se formam.
		Causa 2	Se sua origem <b>é</b> no oceano, a massa de ar <b>é úmida</b> e normalmente provoca chuvas; se ela se origina no continente, geralmente <b>sua umidade é baixa.</b>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno	<p><b>As Unidades de Conservação</b> Para que as paisagens sejam preservadas, cabe ao Estado elaborar leis de proteção ambiental, bem como estabelecer mecanismos de fiscalização e controle das áreas naturais protegidas.</p>
	Descrição dos Tipos	Definição do Fenômeno Classificação em tipos	<p>As áreas naturais protegidas <u>são</u> superfícies de terra ou mar dedicadas à proteção e à manutenção da diversidade da flora e da fauna, assim como da população e da cultura locais. <u>São</u> as chamadas unidades de conservação. As unidades de conservação podem ser divididas em dois grupos:</p>
		Classificação 1 Critério: objetivo	<p>Unidades de uso sustentável, cujo <b>objetivo</b> principal <u>é</u> combinar conservação da natureza e o <b>uso</b> sustentável de parte de seus recursos.</p>
		Classificação 2	<p>Unidades de proteção integral, cujo <b>objetivo</b> <u>é</u> preservar a natureza, sendo proibida a exploração de seus recursos.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Contextualização Definição	<p><b>A orientação</b> Quando queremos nos orientar em relação às pessoas e aos objetos, é comum que no dia a dia usemos termos como “à frente”, “atrás”, “à direita”, “à esquerda”, “para cima”, “para baixo” entre outros. Também empregamos elementos das paisagens como pontos de referência: “atrás da igreja”, “na frente do supermercado”, “vire à direita depois da ponte”, “à esquerda depois da praça”.</p> <p>Mas como nos orientar em espaços maiores, como em alto-mar ou em um deserto, ou numa floresta densa, quando não existem pontos de referência? Há muito tempo, observando os astros, os seres humanos perceberam que <u>é possível</u> se orientar em espaços <b>onde não haja pontos de referência</b> conhecidos.</p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: onde não haja pontos de referência	<p><b>A orientação pelo Sol</b> Observando o Sol, o ser humano percebeu que este astro surge (ao amanhecer) e desaparece (ao anoitecer) aproximadamente nas mesmas direções todos os dias. Com base nessa observação, <u>foi determinado</u> um conjunto de pontos de orientação, chamados pontos cardeais: leste, oeste, norte e sul. A direção do Sol ao nascer ficou determinada como leste (L) ou oriente (que significa nascente). O lado oposto, em que o Sol desaparece, <u>ficou determinado</u> como oeste (O) ou ocidente (que significa poente). Determinados os pontos leste e oeste, foram estabelecidos o norte (N), ou setentrional ou boreal, e o sul (S), ou meridional ou astral.</p>
		Classificação 2	<p><b>A orientação pela Lua</b> Mas o que fazer à noite, sem a luz do Sol ou sem instrumentos de orientação? Se o céu estiver sem nuvens, poderemos usar a Lua, que também surge na direção leste e desaparece na direção oeste. O procedimento para determinar os pontos de orientação tomando a Lua como referência são os mesmos adotados para Sol.</p>
		Classificação 3	<p><b>A orientação pela bússola</b> A bússola <u>é</u> um instrumento de orientação que se parece com um relógio. Inventada pelos chineses há muito tempo, ela possui uma agulha imantada, que gira sobre um eixo, e um mostrador, no qual está desenhada a rosa dos ventos. A agulha imantada aponta sempre para o norte, atraída pelo pólo magnético da Terra, que atua como um grande íma. Esse pólo magnético, porém, não corresponde exatamente ao pólo norte geográfico, apresentando uma diferença de cerca de 1.400 quilômetros em relação a ele. Para não se desviar da direção norte geográfica, aviões e embarcações que empregam a bússola como instrumento de orientação usam também mapas especiais, chamados cartas de navegação. Essas cartas corrigem a diferença entre os pólos magnético e geográfico, permitindo que o deslocamento a longas distâncias ocorram de maneira mais precisa, com mínimos erros.</p>

		Classificação 4	<p><b>Os modernos instrumentos de orientação</b></p> <p>Hoje, além do Sol e da bússola, existem modernos e sofisticados instrumentos como radares, rádios e o sistema GPS, para uma orientação mais precisa no espaço geográfico. GPS <u>é</u> a sigla do termo inglês Global Positioning System (Sistema de Posicionamento Global).</p> <p>O GPS permite localizar com precisão um objeto em qualquer lugar da superfície da Terra. Conectado a uma rede de satélites artificiais situados a mais de 20 mil quilômetros de altitude, esse aparelho é muito usado nas navegações marítima e aérea, nas forças armadas, no monitoramento de caminhões e automóveis, em expedições ou em lugares sem pontos de referência, como florestas e regiões polares. O <b>uso</b> de GPS <u>tem sido</u> cada vez mais comum em automóveis, principalmente para auxiliar os motoristas que trafegam em grandes cidades.</p>
--	--	--------------------	---

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Contextualização Definição	<p><b>A divisão política as terras emersas</b> As terras emersas são divididas em seis continentes: América, África, Europa, Ásia, Oceania e Antártida. Essa divisão, criada pelos seres humanos, <b>considera critérios históricos, culturais, econômicos e políticos</b>. Por isso é chamada de <b>divisão política</b>.</p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critérios: históricos, culturais, econômicos e políticos	<p><b>A América</b> A América é o continente mais extenso no sentido norte-sul com aproximadamente 17.000 quilômetros, que vão desde o extremo norte do Canadá e da Groelândia até o extremo sul do Chile e da Argentina. E também o segundo maior continente do planeta em área territorial. Os países do continente americano <u>são</u> marcados por enormes diferenças econômicas e sociais. Os Estados Unidos e o Canadá apresentam forte industrialização e agricultura altamente mecanizada e produtiva. Ambos oferecem boa qualidade de vida para a maioria da população. Os demais países da América não <u>são</u> semelhantes no que se refere à economia e a qualidade de vida de seus habitantes. O Brasil, o México, a Argentina e o Chile possuem grande parque industrial e produção agropecuária diversificada, mas apresentam enormes desigualdades sociais. Em países como o Haiti, o Equador, a Bolívia e a Guatemala, nos quais a agricultura e a extração de minérios são ainda as principais atividades econômicas, a pobreza é marcante.</p>
		Classificação 2	<p><b>A África</b> O continente africano é o que possui o maior número de países. Alguns deles, como a Etiópia, a Somália e a Serra Leoa, detêm os maiores índices de miséria do mundo, com problemas de fome e doenças atingindo a maior parte da população. Estima-se que milhões de Africanos vivam com menos de 1 dólar por dia. Isso, em um continente com regiões ricas em recursos naturais, como minério de ferro, diamante, ouro, petróleo e gás natural. A industrialização é restrita a poucos países, como a África do Sul e o Egito. A África <u>apresenta</u> grande variedade de paisagens naturais, como: a Floresta do Congo, que se assemelha a Floresta Amazônica; as Savanas, onde há uma das faunas mais exuberantes do mundo; e o Saara, o maior deserto do planeta. Nas Savanas habitam grandes mamíferos, entre eles o leão, o elefante, o rinoceronte, a zebra e o hipopótamo. Muitos desses animais chegaram perto da extinção, por causa da caça indiscriminada praticada por muitos anos. Hoje, a caça é proibida em quase toda a África, sendo permitido apenas filmar e fotografar os animais.</p>
Classificação 3	<p><b>A Europa</b> A Europa é um continente de grande importância na história mundial: os europeus colonizaram a maioria dos países da América, da África e da parte da Ásia a partir do século XV, no período conhecido como Grandes Navegações, espalhando seus valores, língua e modo de</p>		

			<p>vida pelas terras que ocuparam.</p> <p>A maioria dos países da Europa, com destaque para o Reino Unido, a Alemanha e a França, apresenta grande desenvolvimento econômico e garante boa qualidade de vida para a maior parte da população. Porém, também há problemas sociais no continente, como conflitos entre povos de diferentes culturas, religiões e etnias, além de pessoas vivendo na pobreza e elevados índices de desemprego.</p> <p>A Europa <u>possui</u> um bloco político e econômico de nome denominado <b>União Europeia (UE)</b>, do qual participavam, até 2011, 27 de seus países. Na UE, as barreiras de comércio e de circulação de pessoas entre os países foram abolidas. Alguns países da UE Já adotaram uma moeda única, o <b>euro</b>. Assim, as pessoas podem circular livremente, por exemplo, entre Espanha e França, usando a mesma moeda.</p>
		Classificação 4	<p><b>A Ásia</b></p> <p>O continente asiático <u>tem</u> a maior área territorial do mundo e concentra 60% da população da Terra. Nele estão os dois países mais populosos: China e Índia.</p> <p>A economia da Ásia <u>é</u> muito diversificada. Alguns países apresentam grande desenvolvimento industrial, como o Japão e a Coreia do Sul, mas a maioria dos países <u>é</u> pobre, sofrendo de graves problemas sociais, como o Paquistão, a Índia e Bangladesh.</p> <p>É no continente asiático que se localiza o <b>Oriente Médio</b>. Os países do Oriente Médio possuem cerca de 50% das reservas de petróleo do mundo e concentram povos de diferentes etnias e religiões. Somando a esses fatores o problema da carência de água, temos os ingredientes que torna o Oriente Médio foco de tensões e conflitos.</p> <p>O sul e o sudeste da Ásia <u>são</u> áreas muito instáveis do ponto de vista geológico, submetida à <b>influência</b> de vulcões e terremotos que <b>provocam</b> grandes tragédias. Um exemplo foi o tsunami de março de 2011 no Japão, que causou muitas mortes e destruição.</p>
		Classificação 5	<p><b>A Oceania</b></p> <p>A Oceania <u>é</u> formada pelo território da Austrália, grandes ilhas (Nova Zelândia Papua Nova Guiné) e inúmeras pequenas ilhas.</p> <p>Dois países desse continente <u>têm</u> padrão de vida elevado: a Austrália e a Nova Zelândia. Os demais <u>são</u> considerados pobres e apresentam uma economia baseada na agricultura, na pesca e no turismo.</p>
		Classificação 6	<p><b>A Antártida</b></p> <p>A Antártida está localizada na região mais fria do mundo: o extremo sul do planeta. Sobre esse continente encontra-se uma enorme camada de gelo, como espessura média de 2 quilômetros.</p> <p>Pelos rigores do clima, a Antártida não possui população fixa. As pessoas que lá transitam são cientistas e turistas que visitam o local no verão. Em geral, as equipes de pesquisadores permanecem 12 meses no continente e depois são substituídas por outro grupo.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Definição do fenômeno Classificação em tipos	<p><u>Os Mares</u> Os mares <u>são</u> massas de água salgada que se localizam próximo aos continentes ou no interior destes. <u>Apresentam</u> menor profundidade que os oceanos, maior variedade de salinidade (quantidade de sal), de temperatura e de transparência das águas. <u>Classificam-se em mar aberto, mar interior e mar fechado.</u></p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: tipo de mar	O <b>mar aberto</b> , também chamado de <b>mar costeiro</b> , <u>é</u> aquele que se comunica com o oceano por largas passagens. O Mar do Norte e o Mar da China <u>são</u> exemplos de mares abertos.
		Classificação 2	O <b>mar interior</b> , também chamado de <b>mar continental</b> , comunica-se com o oceano por estreitos ou canais. O Mar Mediterrâneo, que se comunica com o Oceano Atlântico pelo estreito de Gibraltar, <u>é</u> um exemplo de mar interior.
		Classificação 3	O <b>mar fechado</b> , também chamado de <b>mar isolado</b> , <u>é</u> aquele que não possui nenhuma comunicação com um oceano ou outro mar. O Mar Morto <u>é</u> um exemplo de mar fechado.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Contextualização Classificação em tipos de pesca	Desde a antiguidade, os povos pescam e navegam nas águas dos oceanos e mares. A <b>circulação</b> entre os oceanos <b>foi se intensificando</b> com o <b>aperfeiçoamento</b> das embarcações, das técnicas e dos equipamentos de navegação. <u>Atualmente existem dois tipos de pesca: a artesanal e a industrial.</u>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1  Critério (tipo de embarcação e local da pesca)	A pesca artesanal <b>é</b> praticada em <b>pequenas embarcações, nas proximidades dos litorais.</b>
		Classificação 2	A pesca industrial <b>pode ser praticada em alto mar e utiliza modernas embarcações</b> , dotadas de uma série de equipamentos que facilitam a localização dos cardumes e a sua retirada do mar.
		Finalidade/função	A indústria da pesca fornece alimento para as populações e matéria-prima para fabricação de ração animal.
		Contextualização	Outra atividade muito importante realizada nos oceanos <b>é</b> a extração de petróleo e gás natural, nas chamadas plataformas continentais. Dos oceanos e mares também <b>é</b> extraído o sal marinho.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Definição do fenômeno e contextualização	<p><b>O clima</b> O <b>clima</b> é um dos elementos naturais determinantes na <b>formação</b> das diferentes paisagens da terra. Ele é <u>fundamental</u> para as sociedades humanas, influenciando, por exemplo, a escolha dos lugares para viver e dos cultivos, os costumes, a alimentação e o modo de se vestir.</p>
	Descrição dos Tipos	Descrição do fenômeno e classificação em tipos	<p>As características que define o clima <u>são</u> as mesmas que definem o tempo, com a diferença de que o clima não é determinado a cada momento. Como já estudamos, são necessários muitos anos de medições, observações e estudos das características do tempo de um lugar para definir seu clima.</p> <p>Os climas podem ser classificados de várias maneiras. Levando em consideração a <u>temperatura</u>, por exemplo, é possível reuni-los em quatro tipos:</p>
		Classificação 1	<b>clima polar:</b> temperatura média do mês mais quente é inferior -10 graus Celsius ( °C);
		Classificação 2	<b>clima frio:</b> temperatura média anual de 10°C
		Classificação 3	<b>clima temperado:</b> temperatura média do mês mais frio entre -3°C e 18°C.
		Classificação 4	<b>clima quente:</b> temperatura média anual acima de 18°C.
		Classificação em tipos	Também podemos agrupar os climas segundo a umidade ou quantidade de chuva ( precipitação). Nesse caso, temos:
		Critério: umidade	
		Classificação 1	<b>clima árido:</b> quantidade de chuva abaixo de 250 milímetros (mm) por ano;
		Classificação 2	<b>clima semiárido:</b> entre 250mm e 499mm anuais;
		Classificação 3	<b>clima subúmido:</b> entre 500mm e 999mm anuais;
		Classificação 4	<b>clima úmido:</b> entre 1000mm e 2000mm anuais;
		Classificação 5	<b>clima muito úmido:</b> acima de 2.000 mm anuais.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Definição do fenômeno e contextualização  Critério: variações de umidade e temperatura	<b>As florestas</b> Existe na terra uma grande diversidade de florestas, que mudam de aspecto segundo as <b>variações</b> da umidade e na temperatura de cada região. <u>Os principais tipos de florestas são: equatorial, tropical, temperada e boreal.</u>
		Classificação 1	<b>As Florestas Equatoriais e Tropicais</b> Elas estão presentes nas faixas de clima equatorial e tropical. <u>São</u> , portanto, típicas da área de clima quente e úmido. Ocorre em regiões da América Central e da América do Sul, na África e no Sudeste Asiático. As Florestas Tropicais e Equatoriais apresentam a maior <b>biodiversidade</b> do planeta, ou seja, o maior conjunto de espécies de seres vivos. <u>São</u> densas e exuberantes, constituídas por grande diversidade de espécies animais e vegetais. <u>Têm sido</u> amplamente devastadas pelas sociedades humanas, para implantação de projetos agropecuários exploração de madeira.
	Descrição dos Tipos	Classificação 2	<b>As Florestas Temperadas e Subtropicais</b> As Florestas Temperadas e Subtropicais localizam-se em regiões de clima temperado úmido. Elas cobriam a maior parte da Europa, o Nordeste dos Estados Unidos e parte do Japão, mas foram praticamente destruídas ao longo do tempo. Atualmente, parte do que restou das Florestas Temperadas <u>são</u> áreas protegidas, que correspondem a alguns parques e reservas.
		Classificação 3	<b>As Florestas Boreais</b> São também chamadas como <b>Taiga</b> ou <b>Matas de Coníferas</b> . As coníferas <u>são</u> chamadas assim porque as sementes e suas árvores <u>tem</u> a forma de cone. As Florestas Boreais <u>são</u> formações muito homogêneas, com predomínio de pinheiros. Ocorrem nas zonas temperadas de países como o Canadá, a Noruega, a Suécia, a Finlândia e a Rússia. Essas florestas <u>são</u> muito exploradas e fornecem principalmente madeira, na qual também se extrai a celulose, matéria prima para a fabricação do papel.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	<p>Critério: interação entre clima, relevo, hidrografia e a vegetação</p> <p>Definição do fenômeno e contextualização</p>	<p><b>Os tipos de paisagem vegetal</b>  <u>Há vários tipos de formações vegetais na Terra.</u>            As diferentes formações <u>são</u> resultados da interação entre clima, relevo, hidrografia e a própria vegetação.            Muitas formações vegetais <u>foram</u> devastadas pelos seres humanos, e no lugar surgiram paisagens, cidades, áreas agrícolas etc. atualmente, <u>são</u> poucas as áreas de vegetação original ou Nativa que não tenham sido transformadas ou alteradas pelo trabalho humano.            A seguir são apresentadas algumas <u>características dos principais tipos de vegetação nativa do mundo.</u></p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1	<b>As florestas</b> Existe na terra uma grande diversidade de florestas, que mudam de aspecto segundo as variações da umidade e na temperatura de cada região.
		Classificação 2	<b>A Vegetação Mediterrânea</b> Características do clima Mediterrâneo, com verões quentes e secos e invernos chuvosos, esse <b>bioma</b> <u>é</u> formado predominantemente por vegetação arbórea e arbustiva, adaptada aos períodos Secos e distribuída de maneira esparsa. Ocorre principalmente no sul da Europa e norte da África.
		Classificação 3	<b>As Savanas</b> As Savanas ocorrem, principalmente, na América do Sul, na África e na Austrália. <u>É</u> característica de regiões tropicais que apresenta uma estação seca bem definida alternada por uma estação úmida. Sua vegetação <u>compõe-se</u> basicamente de arbustos, plantas rasteiras e poucas árvores. Nas Savanas africanas, a fauna <u>é</u> muito diversificada e abriga diversos animais, como elefantes, girafas, rinocerontes, leões, lagartos formigas e cupins.
		Classificação 4	<b>As Pradarias</b> As Pradarias <u>são</u> características diárias e pouca pluviosidade. Ocorre na América do Norte, na Europa, na Ásia e na América do Sul. <u>São</u> formadas basicamente por gramíneas. Mas também podem apresentar alguns arbustos. Em todo o mundo, as áreas de Pradaria <u>foram</u> muito usadas para a pecuária, o que <u>causou</u> o intenso desgaste desse <u>tipo</u> de vegetação e dos solos.
		Classificação 5	<b>As Estepes</b> Vegetação herbácea presentes em regiões semiáridas, como o oeste dos Estados Unidos e áreas da Mongólia e do Paquistão <u>é</u> constituída por gramíneas que se distribuem de forma irregular, em forma de tufo, e por pequenos arbustos, deixando extensas áreas de solo descoberto.
		Classificação 6	<b>A vegetação de deserto</b> A vegetação de desertos ocorre nas regiões onde quantidade de chuva <u>é</u> muito pequena, tanto em áreas frias quanto em áreas quentes da superfície terrestre. Ela <u>é</u> formada por gramíneas e arbustos em algumas plantas isoladas que se adaptam ao ambiente, com poucas folhas e com espinhos, como os cactos.

		<p>Classificação 7</p>	<p><b>Vegetação de altitude</b> Nas áreas montanhosas em altitudes elevadas, o ar mais rarefeito e a <b>diminuição</b> da temperatura limitam o desenvolvimento de espécies vegetais. Por isso, quanto maior a altitude de um local, menor o porte da vegetação, <u>que pode ser constituída</u> por florestas na base das montanhas e transformar-se em campos de altitude nas maiores altitudes, onde se desenvolvem em gramíneas, musgos e líquens.</p>
		<p>Classificação 8</p>	<p><b>A Tundra</b> Tundra <u>é</u> o nome da formação vegetal que ocorre nas regiões polares, com um curto período do ano (cerca de 3 meses), durante o descongelamento parcial do solo. Ela <u>é</u> formada por musgos, líquens e umas poucas plantas rasteiras. Embora a Tundra <u>seja</u> típica da região do Círculo Polar Ártico, em algumas áreas da Antártida também se desenvolvem líquens e musgos.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Contextualização Definição do fenômeno	<b>A exploração dos recursos naturais</b> Para satisfazer suas necessidades, seres humanos extraem, transformam e usam os recursos naturais. Recursos naturais <u>são</u> o conjunto de riquezas encontradas na natureza, em estado bruto, que podem ser aproveitadas economicamente. As jazidas minerais, as bacias petrolíferas, as florestas, o solo e os rios <u>são</u> recursos naturais. Das jazidas <u>são</u> extraídos importantes recursos - cobre, ferro, zinco, manganês, bauxita, ouro etc. -, empregadas na fabricação de vários produtos que fazem parte do nosso dia a dia, como automóveis, panelas, garfos, latas de conserva etc.
		Classificação em tipos	<b>Recursos inesgotáveis, renováveis e não renováveis</b> Os recursos naturais <u>são classificados</u> inesgotáveis, renováveis e não renováveis.
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: (se os recursos terminam ou não)	<b>Recursos naturais inesgotáveis ou permanentes</b> <u>são</u> os que, mesmo usados em grande escala, não se esgotam. A energia solar e o vento <u>são</u> exemplos desses recursos.
		Classificação 2	<b>Recursos naturais renováveis</b> <u>são</u> os que, ser usados de forma adequada, podem ser repostos pela natureza ou pela ação humana, como as florestas, os animais, o solo e a água.
		Classificação 3	<b>Recursos naturais não renováveis</b> <u>são</u> os que, uma vez esgotados, não podem ser repostos ou têm um ritmo de reposição muito lento. <u>É</u> o caso do ferro, do petróleo e do carvão mineral, entre outros.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Contextualização Definição do fenômeno e Classificação em tipos	<p><b><u>Recursos naturais e setores da economia</u></b> Os recursos naturais <u>são</u> vistos pelos seres humanos como bens econômicos ou mercadoria, ou seja, são usados para suprir as necessidades das pessoas como moradia, alimentação, vestuário etc. Os recursos <u>são</u> empregados em diferentes atividades econômicas como matéria-prima ou fonte de energia para fabricação de muitos produtos. <u>As atividades econômicas estão agrupadas em três setores: primário, secundário e terciário.</u></p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 critério (atividade de cada setor)	O <b>setor primário</b> reúne as <b>atividades</b> da agricultura, pecuária e extrativismo.
		Classificação 2	O <b>setor secundário</b> abrange a <b>produção</b> de bens por meio da <b>transformação</b> de matérias-primas com o <b>auxílio</b> de máquinas e ferramentas. Reúne as atividades industriais e da construção civil.
		Classificação 3	O <b>setor terciário</b> abrange comércio e prestação de serviços: transporte, setor bancário, saúde, educação, fornecimento de energia e de água, tratamento de esgoto, administração pública.

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno	<p><b>A interdependência dos setores</b>  <u>As atividades econômicas são interdependentes</u>, ou seja, umas dependem das outras. Vamos usar como exemplo o café, produto consumido diariamente por milhões de brasileiros.</p>
	Descrição dos Tipos	Classificação Critério: Atividade de cada setor	<p>A plantação e a colheita do café são do âmbito da agricultura, que faz parte do <u>setor primário</u>. A indústria onde o café é torrado, moído e embalado pertence ao <u>setor secundário</u>. O transporte dos grãos desde o campo até a indústria e depois para o comércio e o próprio comércio fazem parte das atividades do <u>setor terciário</u>.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	<p>Definição do fenômeno e contextualização Classificação em tipos</p> <p>Critério: fonte de energia</p>	<p><b>Recursos naturais e fontes de energia</b> Muitos recursos naturais <u>são</u> empregados pelos seres humanos como fontes de energia, ampliando-se com eles a capacidade de produção e obtendo-se cada vez mais produtos. Até o surgimento da Indústria, no século XVIII, as principais fontes de energia eram a força muscular dos seres humanos e dos animais, o vento, a madeira e a água. <u>Com a industrialização, novas fontes de energia nuclear e, ainda mais intensamente, a água, passaram a ser usadas, como o carvão mineral e, mais tarde, o petróleo, o gás natural, a energia</u></p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1	<p><b>O carvão mineral</b> Empregado durante séculos como <u>fonte</u> de calor, o carvão mineral <u>tornou-se</u> a principal fonte de energia durante todo o século XIX. A queima de carvão fornecia o vapor que fazia funcionar as máquinas usadas nas primeiras Indústrias. Até hoje, o carvão mineral ainda é usado como fonte de energia elétrica e é a matéria-prima para a fabricação do aço das siderúrgicas.</p>
		Classificação 2	<p><b>O petróleo</b> Descoberto como <u>fonte de energia</u> em 1859, nos Estados Unidos, o petróleo rapidamente superou o carvão mineral, tornando-se a principal fonte de energia utilizada pelos seres humanos. O petróleo <u>é</u> também uma importante matéria-prima para a produção de vários itens presentes no nosso dia-a-dia. Com ele, as indústrias petroquímicas produzem borracha sintética, tintas, fertilizantes, gasolina, asfalto, querosene, óleos etc. Por ser uma fonte de energia não renovável e de grande consumo mundial, o petróleo poderá se esgotar. Tal <u>preocupação tem favorecido</u> o <u>desenvolvimento</u> de Pesquisas acerca de recursos alternativos ao petróleo numa <u>tentativa</u> de enfrentar problemas futuros de <u>abastecimento</u>, além dos problemas políticos e econômicos que envolvem esse recurso.</p>
Classificação 3	<p><b>O gás natural</b> Por ser facilmente transportado e menos poluente que o petróleo e o gás mineral, o gás natural <u>é</u> muito empregado como <u>fonte de energia</u> em vários lugares do planeta. <u>É</u> usado em fogões, automóveis, altos-fornos e na geração de energia elétrica. O Brasil importa da Bolívia grande quantidade de gás natural, que <u>é</u> transportado desde o país vizinho até as regiões consumidoras em território brasileiro por um sistema de tubulações chamado <b>gasoduto</b>.</p>		

	Classificação 4	<p><b>A energia nuclear</b> A energia nuclear é usada para gerar eletricidade, para mover embarcações marítimas e também para fins militares, <u>por exemplo</u> na construção de bombas atômicas. Também é empregada na medicina e na pesquisa científica.</p> <p>A instalação de uma usina nuclear exige grandes investimentos de capital e alta tecnologia. Assim, somente alguns países do mundo, principalmente os mais ricos, dispõem desse <u>tipo de energia</u>.</p> <p>O Brasil <u>possui</u> duas usinas nucleares em funcionamento no município de Angra dos Reis, no estado do Rio de Janeiro, Angra I e Angra II. Uma terceira está em instalação, Angra III, e sua previsão de término é em 2016.</p>
	Classificação 5	<p><b>A hidreletricidade</b> A hidreletricidade é obtida pelo aproveitamento do movimento da água dos rios. A energia elétrica assim é obtida, comparada às outras fontes, é barata, não poluente e renovável. Os maiores impactos ambientais e sociais ocorrem na construção da usina hidrelétrica, como o represamento da água.</p> <p>Entre os países que mais produzem hidreletricidade estão Canadá, Brasil e China.</p>
	Classificação 6	<p><b>A termoeletricidade</b> A energia elétrica produzida pelas usinas termelétricas é obtida a partir do calor resultante da queima de petróleo, carvão mineral, gás natural ou outros combustíveis.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno	<u><b>A produção agrícola Mundial</b></u> A agricultura é praticada de diversas formas e com diferentes objetivos.
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: (países ricos X países pobres)	Os países mais ricos, com capacidade de investimento em pesquisa e desenvolvimento tecnológico, apresentam atividade agrícola moderna, com o uso intensivo de máquina, equipamentos e novas técnicas de cultivo. Empregam cada vez menos mão-de-obra, o que foi incorporado pelo setor secundário e, em especial, pelo terciário.
		Classificação 2	Nos países mais pobres com produção destinada ao exterior, introduziram-se alguns processos de modernização, gerando desemprego no campo e agravamento da pobreza.
		Contextualização	Nas regiões onde agricultura não se modernizou e ainda são usadas técnicas tradicionais, os agricultores lutam contra as adversidades financeiras e climáticas para garantir uma produção no mínimo suficiente para sustento da família.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno e Classificação em tipos Critério: sistema de produção	<b>Sistemas de produção agrícola</b> Conforme <b>sistema de produção</b> utilizado, ou seja, as técnicas, os instrumentos e a mão de obra empregados, <u>a agricultura pode ser classificada</u> em extensiva ou intensiva.
	Descrição dos Tipos	Classificação 1	<b>Agricultura extensiva</b> <u>É</u> caracterizada geralmente pelo <b>uso</b> de técnicas rudimentares ou tradicionais na produção, com <b>predomínio</b> da <b>mão-de-obra humana</b> , baixa mecanização e baixo rendimento.
		Classificação 2	<b>Agricultura intensiva</b> <u>É</u> caracterizada pelo <b>uso de máquinas</b> , fertilizantes, sistemas de irrigação, sementes selecionadas e modernas técnicas agrícolas. Nesse tipo de agricultura <u>são</u> empregados poucos trabalhadores e obtêm-se grande aproveitamento da terra e alta produtividade.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno e Classificação em tipos Critério: rendimento das terras e o destino da produção	<b>Tipos de produção agrícola</b> Podemos ainda <u>agrupar</u> as atividades agrícolas segundo <b>rendimento das terras e o destino da produção</b> . De acordo com <u>esses critérios</u> , há a <u>agricultura familiar</u> e <u>agricultura comercial</u> .
	Descrição dos Tipos	Classificação 1	<b>Agricultura familiar</b> É praticada em pequena escala de produção, em pequenas propriedades, com técnicas tradicionais ou rudimentares e, basicamente mão de obra familiar. Em geral, sua prática ocorre de forma extensiva. No Brasil é principalmente a agricultura familiar que supre o mercado interno. Agricultura familiar também pode ter como principal objetivo o sustento da família. Nesse caso, ela pode ser chamada de agricultura familiar de subsistência.
		Classificação 2	<b>Agricultura comercial</b> É praticada em grande escala para abastecer grandes mercados consumidores nacionais e internacionais. Geralmente emprega máquinas e moderna tecnologia para ter alta produtividade. O sistema de produção intensivo é mais comum na agricultura comercial e nas grandes empresas agrícolas.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno e Classificação em tipos	<p><b>Produtos agrícolas no Brasil</b> Os produtos agrícolas brasileiros costumam ser <u>divididos em dois grupos</u>:</p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 e 2 Critério: destino das culturas	<p><b>as culturas destinadas ao fornecimento de alimento para a população</b>, como o milho, mandioca, feijão, arroz, frutas, verduras e legumes; e <b>as culturas destinadas à exportação ou a indústria</b>, com destaque para as plantações de soja, café, algodão, trigo e cana-de-açúcar.</p>
		Definição	<p><u>Essa divisão</u>, porém, não é uma regra. Por um lado, muitos produtos voltados para atender ao consumo interno podem ser exportados em grandes quantidades, como é o caso da laranja. Por outro lado, os produtos voltados para a exportação também <u>são</u> consumidos internamente. Na maioria das vezes exporta-se o melhor, ficando os produtos de qualidade inferior para o mercado interno.</p> <p>Geralmente, os produtos mais consumidos dentro do país <u>são</u> cultivados em pequenas propriedades, e os produtos de exportação, nas médias e grandes propriedades.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Composicional	Apresentação	Contextualiza, define o fenômeno e compõem as partes	<b>A paisagem</b> No seu dia a dia, você convive com diferentes paisagens: a da sua casa, a da rua onde você mora, a da escola em que estuda, entre outras. Você também pode observar paisagens de outros lugares do Brasil e do mundo quando viaja, ou em imagens de jornais e revistas, na televisão, no computador e até mesmo neste livro. Em geral, as pessoas chamam de paisagem o que consideram bonito, como uma cachoeira ou uma praia ensolarada. Para a Geografia, porém, paisagem não é apenas um belo panorama natural; <u>ela é o conjunto dos elementos naturais e culturais que podem ser vistos em um local.</u>
		Composição 1	<b>Elementos naturais e elementos culturais</b> Os <b>elementos naturais</b> que <b>compõem</b> a paisagem <u>são</u> aqueles construídos pela natureza: formas de relevo (montanhas, serras, planaltos e planícies), hidrografias (rios, lagos, oceanos e mares), vegetação etc.
	Descrição das Partes	Composição 2	Os <b>elementos culturais</b> ou humanizados <u>são</u> aqueles construídos pelos seres humanos: casas, prédios, pontes, rodovias, plantações... Os próprios seres humanos são elementos importantes da paisagem.
		Composição 1	<b>Predomínio de elementos naturais</b> Em algumas paisagens, existem poucos elementos culturais ou apenas elementos naturais. <u>São</u> as paisagens onde a intervenção humana é pequena ou inexistente. Ainda Hoje há paisagens predominantemente naturais, como trechos de florestas de difícil acesso, áreas desérticas, áreas montanhosas e algumas porções das regiões polares. Fenômenos naturais, porém, também podem modificar a paisagem. A <b>ação</b> das águas, dos ventos e dos terremotos, por exemplo, <b>vem</b> transformando paisagens desde o início da formação da Terra.
		Composição 2	<b>Predomínio de elementos culturais</b> Em outras paisagens, é possível identificar <b>o</b> predomínio de elementos culturais. São as paisagens <b>resultantes</b> da transformação da natureza pelo trabalho humano. A paisagem humanizada <u>é</u> muito importante para a compreensão do mundo e do lugar onde vivemos: além de revelar aspectos da natureza, ela apresenta um registro da história, do modo de vida das pessoas que ali têm habitado.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Composicional	Apresentação	Contextualização e Definição	<b>O espaço geográfico</b> A palavra espaço tem vários significados, entre eles o de espaço sideral, dado ao conjunto de estrelas, planetas, satélites, cometas etc. O espaço geográfico é o <b>conjunto</b> integrado de paisagens <b>resultantes</b> de fenômenos naturais e da ação humana.
	Descrição das Partes	Composição	Além dos elementos naturais (rios e vegetação) e dos elementos culturais (estradas, cidades) visíveis nas paisagens que o constituem, o espaço geográfico apresenta elementos invisíveis. O barulho dos automóveis, os odores da poluição ou as relações entre as pessoas são exemplos de elementos invisíveis do espaço.
		Função e Forma	Cada espaço pode ter diferentes formas ou funções, conforme a atividade principal que nele se desenvolve: lazer, comércio, moradia etc.
		Contextualização do fenômeno	Os espaços ocupados pelos seres humanos constituem o objeto de estudo da Geografia: o espaço geográfico, construído e reconstruído permanentemente pelo trabalho humano e pela natureza.(p.18)

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Composicional	Descrição das Partes	Composição 1 e 2	<p><b>A rosa dos ventos</b> Com base nos <b>pontos cardeais</b>, foram determinadas direções intermediárias, conhecidas como <b>pontos colaterais</b>: nordeste (NE), noroeste (NO), sudeste (SE) e sudoeste (SO).</p>
		Composição 3	<p>Existem ainda os <b>pontos subcolaterais</b>, localizados entre os cardeais e os colaterais: norte-nordeste (NNE), norte-noroeste (NNO), su-sudeste (SSE), su-sudoeste (SSO), leste-nordeste (LNE), leste-sudeste (LSE), oeste-noroeste (ONO) e oeste-sudoeste (OSO).</p>
	Apresentação	Definição do fenômeno	<p>Os pontos de orientação (cardeais, colaterais e subcolaterais) <b>compõem</b> uma figura chamada <b>rosa dos ventos</b>.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Composicional	Apresentação	Definição Do fenômeno	Os Oceanos <b>Oceano</b> é uma grande massa de água salgada que cobre a maior parte da superfície terrestre, circundando e separando os continentes. Essa grande massa de água contém importantes fontes de recursos para os seres humanos. Para atender os <b>interesses</b> e as <b>necessidades</b> humanas, ela foi dividida em <b>4 partes</b> , que são os 4 oceanos: o Pacífico, o Atlântico, o Índico e o Glacial Ártico.
	Descrição das Partes	Composição 1	<b>Oceano Pacífico</b> Localizado entre a Ásia, América e a Oceania, é o mais extenso e o mais profundo dos oceanos. Sua maior profundidade, de 11.500 metros, ocorre nas proximidades das ilhas da Micronésia, em um lugar chamado Fossa das Marianas.
		Composição 2	<b>Oceano Atlântico</b> Divide-se em Atlântico Norte e Atlântico Sul. Localizado entre a América, a Europa e a África, o Atlântico é considerado o mais importante dos oceanos para a economia mundial, em razão do grande fluxo de navegação e de comunicações, principalmente entre a América e a Europa.
		Composição 3	<b>Oceano Índico</b> Tem sua maior parte localizado no Hemisfério Sul, entre a Ásia, a África e a Oceania. A temperatura mais aquecida de suas águas permite um maior desenvolvimento de recifes e corais.
		Composição 4	<b>Oceano Glacial Ártico</b> Banha o norte da Europa, da Ásia e da América. Suas águas <u>apresentam</u> baixa temperatura, permanecendo congeladas durante grande parte do ano. Uma <u>característica</u> marcante desse oceano é a presença de gigantescos blocos de gelo flutuantes, os icebergs que dificultam a navegação.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Composicional	Apresentação	Definição Do fenômeno Composição em partes	<b>A formação do clima</b> O clima de uma região é <b>formado</b> pela <b>combinação</b> dos elementos e fatores climáticos que nela atuam. Os principais elementos climáticos são a temperatura do ar atmosférico, a precipitação e a pressão atmosférica.
	Descrição das Partes	Composição 1	<b>Temperatura.</b> Depende da insolação, isto é, na quantidade de luz e do calor do sol que chegam ao lugar. Há uma distribuição desigual do calor irradiado pelo sol na superfície terrestre. A mesma quantidade de radiação solar se espalha por uma área maior à medida que se aproxima do polo.
		Composição 2	<b>Precipitação.</b> <u>Refere-se</u> à água presente na atmosfera e que pode precipitar-se (cair) na forma de chuva, neve, granizo etc.
		Composição 3	<b>Pressão atmosférica.</b> <u>É</u> a pressão que o ar exerce sobre tudo o que existe na superfície terrestre. Ela varia de um lugar para outro, e a diferença de pressão atmosférica entre dois lugares dá origem aos ventos e às massas de ar.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Composicional	Apresentação	Contextualização do Fenômeno	<b>Condições naturais necessárias para o desenvolvimento da agricultura</b> Apesar do grande desenvolvimento tecnológico e científico ocorrido nos últimos anos, <u>elementos naturais, como o relevo, o clima, o solo e a água, ainda são fundamentais para o desenvolvimento da agricultura.</u>
	Descrição das Partes	Composição 1	O <b>relevo</b> pode facilitar ou dificultar a prática agrícola. As áreas mais planas, <u>por exemplo</u> , favorecem a agricultura por facilitar a mecanização e o escoamento da produção. Nas áreas mais íngremes, de maior declividade, com morros ou montanhas, o uso de máquinas e o transporte da produção agrícola são dificultados. Além disso, há mais possibilidade de prejuízo com a erosão, pois a inclinação do terreno aumenta a velocidade do escoamento da água.
		Composição 2	O <b>clima</b> <u>é</u> um fator que influencia a agricultura, por que determina os cultivos mais adequados para cada lugar. A laranja, por exemplo, tem melhor desenvolvimento em lugares de clima mais quente, enquanto a maçã se adapta melhor a áreas de clima frio.
		Composição 3	Os <b>solos</b> mais apropriados para agricultura <u>são</u> os ricos em húmus, matéria orgânica em decomposição que é componente muito importante para a fertilidade do terreno.
		Composição 4	A <b>água</b> , proveniente de rios ou da chuva, <u>é</u> um elemento cuja falta ou excesso podem inviabilizar determinados cultivos. Em muitos casos, a <b>falta</b> de chuva pode ser solucionada como a <b>irrigação</b> . Já o excesso de água no solo pode ser resolvido com sistemas de drenagem ( <b>abertura</b> de valas ou implantação de drenos).

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Descritivo	Apresentação	Definição do fenômeno	<p><b>O lugar</b>  Pode-se dizer que lugar é uma porção ou parte do espaço onde vivemos nosso dia a dia, numa interação em que nós influenciemos a paisagem e estabelecemos vínculos.</p>
	Descrição das Características	Características do fenômeno	<p>Nossa casa, nossa rua, nossa escola, a casa de um amigo, de um parente, o bairro <u>são</u> exemplos de lugares com os quais criamos uma identidade, ou seja, que têm importância e significado para nós. Ao mudarmos de casa, de rua, de escola ou de bairro, nos adaptamos a novos espaços e estabelecemos vínculos com a nova localização e com as pessoas que dela fazem parte.</p>

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Relatório Descritivo	Apresentação	Fenômeno	<p><b>Tempo e clima não são sinônimos</b> Muitas vezes, as palavras <b>tempo</b> e <b>clima</b> <u>são</u> empregadas como sinônimos, mas elas <u>têm</u> significados bem diferentes.</p>
	Descrição das Características	Caracterização 1	Quando falamos que o dia está quente, estamos nos referindo ao tempo atmosférico, ou simplesmente <b>tempo</b> , isto é, as condições meteorológicas de um lugar em determinado momento. Essas condições podem mudar de um dia para o outro, ou até de uma hora para outra.
		Caracterização 2	Para determinar o clima de uma região, é preciso observar e registrar diariamente, durante pelo menos 30 anos, os vários tipos de tempos atmosféricos que ocorrem no local. As características predominantes, que se repetem habitualmente, definem o <b>clima</b> do lugar.

<b>Gênero</b>	<b>Etapas</b>	<b>Fases</b>	<b>Texto</b>
Relatório Descritivo	Apresentação	Definição do fenômeno	<b>Empresas agrícolas e agroindústria</b> As <b>empresas agrícolas</b> <u>são</u> grandes propriedades que utilizam muita tecnologia no processo de produção.
	Descrição das Características	Caracterização 1	<u>Caracterizam-se</u> pela seleção de sementes, aplicação de fertilizantes, uso de máquinas no preparo do solo, no plantio e na colheita, além do acompanhamento de todas as etapas da produção por técnicos e engenheiros agrícolas, o que contribui para aumentar sua produtividade. A produção obtida nessas empresas abastece tanto o mercado interno quanto o externo.
		Caracterização 2	Muitas empresas agrícolas transformam o produto que cultivam em bens industrializados no próprio local de cultivo, na chamada <b>agroindústria</b> . É o que ocorre, por exemplo, com a laranja, transformada em suco, ou com a cana-de-açúcar, transformada em álcool e seus derivados e açúcar, no próprio espaço onde são cultivadas.
		Caracterização 3	Atualmente há uma infinidade de produtos agrícolas que passam por algum processo industrial. Por exemplo, legumes e verduras pré-cozidos, polpa de frutas processadas e congeladas ou até refeições completas prontas, bastando descongelar.
		Caracterização 4	Todos esses produtos saem da agroindústria, que pode estar instalado no campo ou na cidade, e vão abastecer os supermercados por todo o país, podendo, ainda, ser exportados.

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Relatório Descritivo	Apresentação	Fenômeno	<p><b>A Previsão do Tempo</b></p> <p>Desde a antiguidade, os seres humanos observam as condições atmosféricas para poder planejar melhor seu dia a dia e as atividades da vida em sociedade. Para isso, desenvolveram técnicas e equipamentos que lhes permitem fazer a previsão do tempo e estimar antecipadamente períodos de frio, seca, muita chuva, calor etc.</p> <p>Essas informações <u>são</u> fundamentais para diversas atividades desenvolvidas pelos grupos sociais, como a agricultura e o transporte aéreo.</p>
	Descrição das Características	Caracterização 1	<p>Sabendo com antecedência o <u>comportamento da atmosfera</u>, os agricultores podem, <u>por exemplo</u>, plantar ou colher antes de uma geada. Os controladores de voo, por sua vez, podem cancelar voos ou alterar a rota dos aviões, caso <u>a previsão</u> seja de neblina forte na região onde se situam os aeroportos, ou de tempestades de neve ou de chuva na rota.</p>
		Caracterização 2	<p>As previsões do tempo <u>são</u> realizadas por meteorologistas em centros de pesquisa especializados. Este centro disponibilizam as informações à <b>mídia</b>, que divulga diariamente a previsão do tempo para hoje e até para muitos dias à frente, permitindo saber com antecedência como vai ser o tempo.</p>
Caracterização 3	<p>Mapas <u>são</u> construídos com base em imagens de satélite e são publicados todos os dias nos jornais, nos canais de TV e na internet, com outras informações sobre as <u>condições do tempo</u>.</p>		



## ANEXO 2 – CORPUS DO 9º ANO

Gênero	Etapas	Fases	Texto
	Apresentação	Fenômeno	<p><b>O Imperialismo Europeu e a fragmentação territorial da África</b></p> <p>Os inúmeros choques sociais, políticos e culturais <b>causados</b> pela <b>exploração</b> comercial e pela divisão do território pelos países europeus desde o século XVI explicam, em grande parte, a fragilidade dos estados nacionais africanos. A demarcação das fronteiras não respeitou as populações nativas: tribos rivais ficaram confinadas entre as mesmas fronteiras, enquanto grupo etnicamente relacionados foram separados pelos limites estabelecidos.</p> <p>A ação dos colonizadores portugueses, ingleses, belgas, alemães, franceses e holandeses, combinada a outros fatores, <b>resultou</b> em diversos problemas econômicos, sociais e territoriais, tais como:</p>
<b>Explicação consequencial</b>	Explicação das Consequências	Consequência 1	impedimento de um desenvolvimento autossustentado pelos próprios povoados e comunidades africanas;
		Consequência 2	formalização da partilha do território em áreas de domínio europeu pela <u>Conferência de Berlim</u> , 1884-1885;
		Consequência 3	grande exploração de minérios para exportação.
		Contextualização	O escoamento de recursos naturais visava ao abastecimento das Indústrias europeias.

Gênero	Etapas	Fases	Texto
	Apresentação	Definição do Fenômeno Consequência 1	<b><u>Depois da Independência</u></b> <u>Com a independência</u> , Estados africanos, como o Sudão e Gana, <u>iniciaram uma corrida descontrolada pela industrialização</u> .
<b>Explicação consequencial</b>	Explicação das Consequências	Consequência 2	<u>Gastaram</u> milhões de dólares das reservas monetárias provenientes da agricultura <u>direcionando</u> os projetos de plantas industriais defasadas, para cujo <b>funcionamento</b> não contavam com o número suficiente de trabalhadores <u>preparados</u> .
		Consequência 3	<u>Outros Estados ignoraram</u> as políticas agrícolas de subsistência e <u>passaram</u> a privilegiar projetos de monoculturas de exportação, <u>contribuindo</u> , como vimos, para a fome em massa das populações que ainda estavam no campo e não migraram para as cidades, onde os empregos eram escassos, e a sobrevivência, incerta.

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Explicação consequencial	Apresentação	Fenômeno	<b>O desastre de Chernobyl</b> O mais grave acidente nuclear ocorrido na Europa deu-se na noite de 25 para 26 de abril de 1986. Um dos quatro reatores da usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia (então parte da União Soviética), explodiu,
		Consequência 1	<u>causando</u> o <u>vazamento</u> de resíduos nucleares na atmosfera. A nuvem radioativa que se formou deslocou-se para os países da Europa central.
	Explicação das Consequências	Consequência 2	A explosão matou 47 funcionários da usina e provocou doenças e a morte de habitantes na região nos anos posteriores, em <u>consequência</u> da radiação recebida. Toda a região situada em um raio de 30 km da central de Chernobyl teve de ser desocupada.

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Explicação Consequencial	Apresentação	Contextualização do Fenômeno	<b><i>Estímulo à industrialização</i></b> Apesar de Alemanha possuir certas condições naturais que <b>favoreceram</b> a <b>modernização</b> , sua produção agrícola é deficitária em produtos hortifrutigranjeiros. Para suprir <u>essa deficiência</u> , o governo, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, <b>passou</b> a incentivar a indústria e as exportações.
	Explicação das Consequências	Consequência	Os recursos obtidos com a exportação foram investidos fortemente no aprimoramento de infraestruturas de transporte, o que <b>favoreceu</b> a importação de alimentos e matérias-primas em geral. Os países do sul da Europa, em especial a Espanha e Itália, tornaram-se os principais fornecedores de frutas e verduras para o mercado alemão.
		Consequência	Com o incentivo do governo, <u>a Alemanha se transformou no primeiro produtor europeu de máquinas de todos os tipos, desde as mais simples até as mais pesadas e complexas.</u> As indústrias química, farmacêutica, eletromecânica e de construção mecânica representam os setores modernos da indústria alemã, tendo-se tornado referências mundiais em seus respectivos ramos de atividade.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Explicação Fatorial	Apresentação	Contextualização Definição do fenômeno	<b>O mapa do mundo</b> O atual mapa do mundo representa um momento de geopolítica internacional, <b>resultado</b> das complexas relações históricas entre território, Estado e nação. O mapa não é algo imutável, pois a qualquer momento podem surgir novos países e outros podem ser extintos ou reorganizados.
	Explicação das Causas	Causa do fenômeno	Diversos povos vivem em constantes conflitos para obter <b>autonomia política</b> sobre um território, ou seja, lutam contra o domínio ou a invasão do território por outros países, e essa luta por autonomia <u>pode levar</u> à criação de novos países.
		Ampliação	Os exemplos de conflitos são muitos. Vamos estudar alguns deles no decorrer deste livro.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Explicação Fatorial	Apresentação	Fenômeno	<b>Conflitos em escala global</b>
	Explicação das Causas	Causa 1	<u>Fatores</u> religiosos, <i>étnicos</i> , culturais e políticos ligados a afirmação da identidade de um povo.
		Causa 2	Interesses econômicos, como o controle de matérias-primas estratégicas.
		Foco 1	<b>Europa</b> Diferenças étnicas, culturais e religiosas geraram focos de tensão, como na antiga <b>Iugoslávia</b> (guerra entre croatas e sérvios, guerra na <b>Bósnia</b> e guerra de <b>Kosovo</b> ), no <b>Reino Unido</b> (conflito na <b>Irlanda do Norte</b> entre protestantes unionistas e católicos republicanos) e na <b>Espanha</b> (separatismo Basco).
		Foco 2	<b>América Latina</b> Na <b>Colômbia</b> , o confronto entre guerrilheiros da Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e tropas do exército é um dos mais antigos da região. As minorias indígenas de alguns países também têm se rebelado contra seus governos e exigido políticas sociais mais justas. É o caso, por exemplo, do Movimento Zapatista de Liberação Nacional, que atua em Chiapas, no <b>México</b> .
		Foco 3	<b>África</b> As fronteiras traçadas pelo colonialismo separaram muitas etnias africanas em Estados diferentes, enquanto outros abrigam grupos rivais. As guerras de <b>Biafra</b> ( <b>Nigéria</b> ), <b>Serra Leoa</b> e <b>Libéria</b> , o <i>genocídio</i> de <b>Ruanda</b> e <b>Burundi</b> e mesmo as guerras civis travadas após a independência das ex-colônias portuguesas de <b>Angola</b> e <b>Moçambique</b> devem-se, em parte, a esse complexo panorama étnico. Em Ruanda, o conflito entre hutus (90% da população) e tutsis <i>causou</i> a morte e mais de 1 milhão de pessoas em 1994.
Foco 4	Um dos principais focos da tensão é a disputa territorial entre israelenses e palestinos. A fundação do Estado de <b>Israel</b> teve a oposição do mundo árabe, que não aceitou a partilha da <b>Palestina</b> . As guerras árabe-israelenses que ocorreram a partir de 1948 deixaram o povo palestinos em seu território. A aspiração palestina de organizar um Estado nacional motivou a formação de grupos radicais e a <i>intifada</i> , <i>reação</i> popular contra <i>ocupação</i> Israelense na Faixa de Gaza e na <b>Cisjordânia</b> . Em 23 de setembro de 2011, o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, entregou a ONU o pedido formal para adesão do Estado palestino. O pedido ainda deveria ser votado pelo Conselho de Segurança, mas já contava com a oposição declarada dos Estados Unidos. Em 31 de outubro do mesmo ano, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) admitira a entrada da Palestina como membro total no órgão. <b>Sul da Ásia</b> A <i>independência</i> da <b>Índia</b> (1947) <i>provocou</i> a divisão do		

			<p>antigo protetorado britânico em dois Estados: a <b>Índia</b> (de maioria hindu) e o <b>Paquistão</b> (de maioria muçulmana).</p> <p>A região da Caxemira, de população majoritariamente muçulmana, é um foco permanente de disputa e entre os dois países, ambos dotados de armas atômicas.</p>
		Foco 5	<p><b>Sudeste da Ásia</b></p> <p>Em 1976, <b>Portugal</b> abandonou a colônia de <b>Timor Leste</b>, logo ocupada pela <b>Indonésia</b>. A concessão do Prêmio Nobel da Paz, em 1996, ao jornalista José Ramos Horta e ao bispo de Dili (capital do país), Carlos Felipe Ximenes Belo, dois dos principais ativistas em prol da causa de <b>Timor Leste</b>, despertou a atenção Mundial para um conflito quase desconhecido.</p> <p>Em 2002, com a mediação das Nações Unidas, o <b>Timor Leste</b> conseguiu finalmente a independência.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Explicação Fatorial	Apresentação	Contextualização do fenômeno	<b>Os problemas ambientais</b> Apesar de os governos e as organizações internacionais terem criado esquemas de <b>controle</b> para diminuição de <u>danos ao ambiente</u> - como a <b>reciclagem</b> de resíduos sólidos urbanos, A <b>proibição</b> da gasolina com chumbo e a fabricação de CFC -, os problemas ambientais são uma questão com a qual os países europeus terão de se preocupar cada vez mais.
		Definição do fenômeno	<b>Os principais problemas ambientais da Europa</b> Vários problemas ambientais assolam o continente, que conta com muitos países altamente industrializados
	Explicação das Causas	Causa 1	<b>Chuva ácida.</b> O uso de combustíveis fósseis, sobretudo o carvão, contribui para a emissão e formação de gases na superfície, principalmente dióxido de enxofre e dióxido de nitrogênio. Em contato com o ar e o vapor de água presente na atmosfera, esses compostos formam soluções ácidas que, com as chuvas, podem <b>provocar</b> muitos problemas, como a erosão de peças de arte expostas ao ar livre.
		Causa 2	<b>Desertificação.</b> Processo de degradação do solo <b>causado</b> por recorrência de incêndios e pela ação humana; tem atingido o sul da Europa, transformando a paisagem mediterrânea.
		Causa 3	<b>Exploração dos recursos pesqueiros.</b> Bastante concentrada no Mediterrâneo e no Atlântico, tem posto em risco de extinção algumas espécies de peixes.
		Causa 4	<b>Resíduos nucleares.</b> Na França, por exemplo, cerca de 78% da energia elétrica consumida no país é proveniente de reatores nucleares.
		Causa 5	<b>Destruição da vegetação nativa.</b> Os incêndios florestais têm dizimado espécies animais típicas do continente, como o lince (felino carnívoro) e o bisão europeu.
		Contextualização	Atualmente, porém, o maior desafio ambiental para os países da Europa é reduzir os níveis de emissão de gases, como o CO <sub>2</sub> , que contribuem para o aquecimento global. Os países europeus campeões em emissão de CO <sub>2</sub> são: Rússia, Alemanha e Reino Unido.

Gênero	Etapas do gênero	Fases do gênero	Texto
Explicação Fatorial	Apresentação	Fenômeno	<b>Alemanha: indústria tecnologia</b> <i>Energia e desenvolvimento industrial</i> O setor industrial alemão é muito desenvolvido - em especial siderúrgico - <b>graças a</b> <u>um conjunto de fatores</u> , entre eles:
	Explicação das Causas	Causa 1	<b>abundância de carvão mineral:</b> garante ao país o atendimento a grande parte da demanda de suas indústrias, servindo para a geração de energia termelétrica;
		Causa 2	<b>densa rede hidrográfica:</b> favorece o escoamento da produção dentro da Alemanha e para os demais países europeus, sendo o Reno o principal rio do país.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Explicação Fatorial	Apresentação	Fenômeno	<p><b>Distribuição da população</b></p> <p>Na África, há regiões em que as condições naturais e a infraestrutura <b>contribuíram</b> para maior <b>ocupação</b> e <b>desenvolvimento</b> econômico, em prejuízo de vastas áreas que não apresentavam inicialmente condições favoráveis há um povoamento maior.</p> <p>As condições naturais, que constituíram adversidades no passado, são superáveis com o <b>uso</b> de técnicas modernas, porém, o desenvolvimento do território nas regiões com condições difíceis para a ocupação humana somente ocorre com a aplicação de <b>grandes capitais do exterior</b>.</p>
	Explicação das Causas	Causa 1	<p><b><u>Condições naturais e ocupação</u></b></p> <p>De modo geral, nas áreas onde a declividade dos terrenos é menor e as altitudes são mais modestas, houve maior fixação de populações. Isso <b>porque</b>, nessas áreas, as condições climáticas favoreceram o desenvolvimento da atividade agrícola. <b>Entretanto</b>, algumas regiões geralmente próximas a rios, sofrem com a disseminação de doenças transmitidas por insetos, como o <b>tsé-tsé</b> e o transmissor da <b>malária</b>.</p> <p>A ocupação populacional mais intensa também foi favorecida nas áreas com maior disponibilidade hídrica, como o Vale do Rio Nilo e o centro oeste do continente, onde se deu o desenvolvimento da agropecuária.</p> <p>Entre os lugares pouco habitados do continente destacamos as áreas de deserto, como o Saara e o Kalahari. O Deserto do Saara é habitado por <b>beduínos</b>, povos nômades e seminômades originários da península arábica, que se dedica principalmente ao pastoreio. No Deserto do Kalahari, no sul da África, são encontrar <b>bosquímanos</b>, grupos nômades de caçadores e coletores, herdeiros da cultura mais antiga do mundo.</p>
		Causa 2	<p><b><u>Reservas minerais e ocupação</u></b></p> <p>A existência de reservas minerais para aproveitamento econômico constituiu <b>outro fator</b> de fixação de populações em áreas específicas do continente africano. Ao redor dessas reservas, formaram-se <b>bolsões</b> de desenvolvimento, em muitos casos cercados por um enorme contingente de populações mais pobres.</p> <p>A mineração está diretamente relacionada ao desenvolvimento de várias áreas por meio da extração de ouro e metais preciosos, principalmente na África do Sul, na República Democrática do Congo e na Zâmbia, geralmente sob o comando de capitais estrangeiros.</p>

		Causa 3	<p><b><i><u>O impacto do colonialismo</u></i></b></p> <p>Para explicar a atual distribuição das populações africanas também deve ser levada em conta <u>as guerras entre as diversas nações</u> e entre os diferentes <b>grupos tribais</b>, assim como a escravidão. <u>Esses fatores</u> acabaram por incrementar a urbanização de algumas cidades e regiões portuárias e, ao mesmo tempo, <b>provocaram</b> um deslocamento populacional forçado e o esvaziamento de várias áreas no interior do continente.</p> <p>Os colonizadores europeus também colaboraram na fundação de vários centros urbanos, com suas atividades comerciais entre a Europa e os territórios por eles controlados no continente africano.</p>
--	--	---------	--

Gênero	Etapas	Fases	Texto
	Apresentação	Definição do Fenômeno Causa 1	<p><b>O redesenho do continente</b></p> <p>A retirada das potências europeias do território africano foi em grande parte <b>ocasionada</b> pela situação econômica desastrosa em que elas se encontravam após a Segunda Guerra Mundial. Manter a administração e a segurança militar nas colônias tornou-se muito oneroso. Essa situação <b>desencadeou</b> um verdadeiro redesenho do continente africano, além de propiciar um clima de indefinições territoriais com a conseqüente disputa pelo poder. Estados corruptos, liderados por elites tribais e alinhados por interesses dos ex-colonizadores e de outros grupos estrangeiros, implantavam projetos de industrialização e modernização com mão de ferro e forte <b>controle</b> estatal.</p>
<b>Explicação fatorial</b>	Explicação das Causas	Causa 2	<p><u>Paralelamente a essa política</u>, alguns intelectuais africanos, como KwaneNkrumah, de Gana, um dos formadores do Pan-africano, e Edem Kodjo, ex-primeiro Ministro de Togo e Ex-secretário-geral da então OUA (Organização da Unidade Africana), defendiam o reordenamento das fronteiras, com o qual visavam a uma união que levasse a estabilidade entre os povos e a prosperidade do continente.</p>
Causa 3		<p>Porém, a maioria dos primeiros líderes da independência do continente prometia não interferir nas fronteiras dos estados vizinhos, mantendo, com essa atitude, a confusão produzida pela partilha da África estabelecida na Conferência de Berlim. A política de não interferência no traçado das Fronteiras <b>gerou</b> grande instabilidade e graves conflitos pela definição dos novos Estados-nação africanos.</p>	
Contextualização Do fenômeno		<p>Atualmente, algumas potências econômicas regionais como a África do Sul, a Nigéria e o Egito buscam consolidar sua influência sobre os demais países do continente.</p>	

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Explicação Fatorial	Apresentação	Definição do Fenômeno Causa 1	A África na nova DIT Na nova Divisão Internacional do Trabalho (DIT), a participação dos países pobres de baixa industrialização <u>se dá pela</u> produção de manufaturas que empregam pouca tecnologia, mão de obra barata e em geral desprotegida pelo Estado, muita matéria-prima e energia, em atividades muitas vezes insalubres e poluidoras, rejeitadas em países desenvolvidos. Nestes últimos, a <b>participação</b> ocorre com a produção de bens industriais de alto valor agregado, geralmente da área de informação e comunicação, e de serviços de apoio à produção
	Explicação das Causas	Causa 2	A posição da África na nova DIT é ainda mais desfavorável se comparada à dos países de baixa industrialização, <u>porque</u> apresenta maior exploração dos recursos naturais e da mão de obra. As exportações de produtos industrializados no continente são pouco expressivas e estão concentradas em 9 países: África do Sul, Marrocos, Tunísia, Togo, Namíbia, Botsuana, Zimbábue Saara Ocidental e Madagascar.
		Causa 3	O continente carece em geral de modernização da infraestrutura, com a qual poderia dinamizar as atividades econômicas. <u>Além disso</u> , a infraestrutura existente está ligada aos setores de exportação de bens primários e serve muito mais para o escoamento de produtos do que para a circulação de pessoas e bens dentro do próprio continente. A rede de transporte instalada na África por empreendedores europeus determinou a vocação do continente como uma imensa fonte de exploração dos recursos território para além-mar. O processo africano de modernização e industrialização esbarrou, portanto, na falta de uma estrutura competitiva, de recursos humanos qualificados e de maiores investimentos de capital para se realizar de forma plena.
		Causa 4	Estatais ligadas governos corruptos dificultaram a distribuição da renda para a população segregada do processo de modernização pontual de algumas capitais africanas. Isso tem se traduzido e em péssimos indicadores sociais em todo o continente, principalmente na África Subsaariana. Quanto ao comércio mundial, as relações estabelecidas entre a África e seus parceiros comerciais refletem a dificuldade de gerar riquezas no continente a partir potencialidades locais e regionais.

Gênero	Etapas do gênero	Fases do gênero	Texto
Explicação Fatorial	Apresentação	Fenômeno	<b>As dificuldades de acesso às novas tecnologias</b> Quando analisamos o grau de acesso dos africanos às novas tecnologias de informação, tornam-se evidentes o baixo nível de qualidade das infraestruturas do território e as dificuldades e desenvolvimento do continente.
	Explicação das Causas	Causa 1	<u>A começar pelas</u> redes infraestrutura de energia elétrica, A África é um continente de grandes carências, de profundas <b>limitações estruturais</b> . Entre os anos de 1971 e 1993, o uso comercial da energia elétrica passou de 251 para 288 kW per capita, enquanto, no mesmo período, países emergentes da América Latina tiveram o saldo de consumo de 255 para 536 kW e, nos países desenvolvidos, as médias de consumo eram de 4.600kW.
		Causa 2	No que se refere aos sistemas de telecomunicação, o território africano <u>apresenta enorme defasagem</u> : em 2008, havia na República Centro-Africana menos de 10 linhas telefônicas para cada 100 habitantes; nos países emergentes, como o México, a proporção é de 60 a 100 linhas para um grupo de 100 habitantes. Países com Benin e Burkina Fasso tem menos de um computador pessoal para cada 100 habitantes, enquanto na Austrália esse número é de mais de 30 para cada 100 pessoas.
		Contextualização do fenômeno consequências	A ausência ou a deficiência de infraestrutura nos países africanos <b>resulta</b> na impossibilidade de atrair investimentos, o que criaria postos de trabalho em diversas atividades modernas que demandam de mão de obra qualificada. Sem a <b>modernização</b> das atividades e a qualificação da mão-de-obra, ficam inviabilizadas a geração e distribuição de riqueza, completando-se o <b>ciclo da pobreza</b> nos países africanos estão inseridos em menor ou maior grau.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Definição do fenômeno	<p><b>A nação</b>  O termo nação <u>pode ser definido</u> como um coletivo humano com características comuns, como a língua e a religião. Os membros dessa coletividade <u>estão</u> ligados por laços históricos, étnicos e culturais.</p>
	Descrição dos Tipos	Classificação em tipos Critério: constituído ou não como estado	<p>Há nações com um <u>Estado constituído</u>, como a Alemanha, o Japão ou Portugal, e há nações que <u>almejam constituir-se como estado</u>, mas ainda não o <u>são</u>, como os tibetanos na China e os curdos, espalhados entre a Turquia, o Irã, o Iraque, o Azerbaijão, a Síria e a Arménia.</p>

<b>Gênero</b>	<b>Etapas do Gênero</b>	<b>Fases do gênero</b>	<b>Texto</b>
Relatório Classificativo	Apresentação	Definição do fenômeno Classificação em tipos	<b>O relevo</b> No relevo europeu <u>distinguem-se três unidades</u>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: (localização/tempo)	<b>Maçiços antigos.</b> Montanhas muito antigas, que se situam no centro-oeste e no leste do continente, entre as quais se destacam os Montes Urais - que separam a Europa da Ásia, a Leste - e os Alpes Escandinavos.
		Classificação 2	<b>Planícies centrais.</b> Localizadas na região central, possuem grande extensão e solos muito férteis.
		Classificação 3	<b>Cordilheiras recentes.</b> Montanhas jovens e de elevada altitude: os Pirineus, os Cárpatos, os Alpes, os Apeninos, os Alpes Dinárticos, os Balcãs e a Cadeia do Cáucaso.
		Ampliação	<u>Outra característica física</u> que se destaca na Europa é seu aspecto recortado e irregular, devido ao grande número de penínsulas e arquipélagos e aos mares interiores.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Definição do fenômeno Classificação em tipos	<b>O clima e as paisagens</b> Tomando como base os aspectos naturais, <u>podemos distinguir três grandes regiões europeias com características climáticas e formações vegetais bem definidas.</u>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: clima	<b>Europa do Norte.</b> Nas altitudes superiores a 60° N, predominam os climas <b>frio</b> e <b>polar</b> , onde encontramos a <b>Floresta Boreal</b> e a <b>Tundra</b> .
		Classificação 2	<b>Europa das planícies.</b> <u>Destaca-se o clima temperado - oceânico e continental</u> - que ocorre de maneira distinta no litoral e no interior. O primeiro <u>é caracterizado</u> por temperaturas amenas e chuvas bem distribuídas ao longo do ano. O segundo <u>é</u> mais seco que o oceânico e apresenta grandes variações de temperatura. A vegetação típica <u>é</u> a <b>Floresta Temperada</b> . Na porção leste da região, ocorre o clima <b>semiárido</b> e as <b>Pradarias</b> .
		Classificação 3	<b>Europa do sul.</b> As terras voltadas para o Mar Mediterrâneo <u>apresentam</u> as médias térmicas mais altas da Europa, com os verões secos e invernos chuvosos, <u>principais características</u> do clima <b>mediterrâneo</b> . Lá, encontramos formações vegetais arbóreas e arbustivas que constituem a <b>Vegetação Mediterrânea</b> . Também <u>é</u> a região das cadeias montanhosas, marcados pelo clima <b>frio de alta montanha</b> e pela <b>Vegetação de altitude</b> .
		Ampliação	Entre os fatores que influenciam o clima, podem ser citadas altitude, as correntes marítimas, a maritimidade e a latitude - a maior parte do continente europeu encontra-se na zona temperada do Hemisfério Norte.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório classificativo	Apresentação	Contextualização e Definição	<p><b>A hidrografia</b> A rede hidrográfica europeia <u>é</u> muito densa e apresenta numerosos cursos de água. Seus rios e mares <u>são</u> utilizados para a produção de energia, irrigação, comércio e navegação. Além disso, <u>constituem</u> importantes eixos de integração entre os países do continente europeu.</p>
	Descrição dos Tipos	Classificação Critério: extensão	<p><u>Dentre os rios europeus, destaca-se o Volga</u> - o mais extenso -, na Rússia, o Reno, que nasce nos Alpes Suíços e deságua no Mar do Norte, junto ao porto de Roterdã (Países Baixos); e o <u>Danúbio</u>, que atravessa o continente no sentido oeste-leste passando por diversos países desde sua nascente na Alemanha até seu delta no Mar Negro.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Contextualização do Fenômeno	<b>A agricultura, a pecuária e a pesca</b> O uso intensivo de tecnologia e a contínua <b>inovação</b> dos processos <b>permitem</b> a economia Europeia a <b>otimização</b> de seus recursos e um elevado índice e a produtividade.
		Definição do Fenômeno	A <b>agricultura</b> europeia em geral <b>é</b> produtiva graças ao desenvolvimento técnico e à intensa mecanização de seus processos. A maior parte da produção agrícola <b>é</b> consumida no próprio continente.
	Descrição dos Tipos	Classificação critério: condições climáticas	<b>De acordo com as condições</b> climáticas, <u>cada país</u> é especializado na produção de <u>determinados produtos</u> agropecuários. <u>Os países do Sul</u> , que dispõe de um número maior de horas de sol ao ano, são os principais fornecedores de frutas e hortaliças, em quantos <u>países do centro-norte</u> são os maiores produtores de cereais e leite.
		Contextualização	Essa <b>especialização regional</b> <b>é</b> facilitada pela boa rede comercial existente entre eles. Veremos adiante que os produtos agrícolas europeus recebem subsídios da União Europeia por meio da Política Agrícola Comum (PAC).
	Apresentação	Definição do fenômeno	No norte do continente, a <b>pecuária</b> bovina e suína <b>é</b> desenvolvida de maneira intensiva para atender à demanda de carne e leite da população.
		Definição do fenômeno	A <b>pesca</b> também <b>é</b> muito importante economia Europeia. Nesta atividade <u>destaca-se</u> Rússia, Noruega, Islândia, Portugal e Espanha.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno	<p><b>O setor de serviços</b> O setor de serviços europeu gera mais de 50% a riqueza do continente e abriga a maior parte da população economicamente ativa.</p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: tipo de serviço e o retorno financeiro mundial	<p><b>Comércio.</b> As principais relações comerciais do continente são realizadas com os países desenvolvidos, principalmente os Estados Unidos e o Japão. O comércio contribui para o desenvolvimento de uma série de outros serviços, como os transportes e os serviços bancários.</p>
		Classificação 2	<p><b>Turismo.</b> A Europa <u>é</u> o principal mercado turístico mundial, responsável por metade da renda gerada pela atividade no mundo. Os principais polos de atração turística <u>são</u> França, Espanha, Itália, Reino Unido, Alemanha e Áustria.</p>
	Contextualização	<p>Outros serviços importantes <u>são</u> educação e saúde, financiados pelos governos e quase todos os países do continente.</p>	

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno	<p><b>Nível de desenvolvimento diferenciado</b></p> <p>O continente como um todo apresenta elevado nível de desenvolvimento econômico e tecnológico e contrastes entre os diferentes países e regiões, em consequência de suas características históricas, políticas e econômicas.</p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: grau de desenvolvimento conforme diferentes países	<p><b>Países de desenvolvimento elevado.</b> Reino Unido, França, Alemanha e Itália estão entre os países mais desenvolvidos, com indústrias modernas, agricultura mecanizada e a produtiva, e prestação de serviço muito eficiente.</p>
		Classificação 2	<p><b>Países de desenvolvimento intermediário.</b> Portugal e Grécia, por exemplo, <u>caracterizam-se</u> por apresentar menor desenvolvimento industrial e uma agricultura mais tradicional e menos produtiva.</p>
Classificação 3	<p><b>Países de desenvolvimento fraco.</b> Os países do leste europeu, como a Romênia e Albânia, e os da região do Cáucaso, como a Armênia e a Geórgia, <u>apresentam</u> fraca industrialização e agricultura muito tradicional.</p>		

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno Classifica critério: tipo de setor	<p><b>A indústria do Reino Unido</b> No atual espaço produtivo do Reino Unido convivem a tradição industrial, representada pelos <b>setores de base</b>, e os <b>setores modernos</b>.</p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Setores de base	<p><b>Grandes indústrias têxteis.</b> O Reino Unido <u>tem</u> uma tradição manufatureira têxtil que remonta à Idade Média. Nos últimos tempos, em virtude do reduzido custo de mão de obra os países asiáticos, a indústria tem transferido suas plantas manufatureiras para países do Extremo Oriente.</p> <p><b>Siderurgia.</b> A atividade siderúrgica obteve êxito em razão da grande quantidade de carvão e de minério de ferro encontrada no país.</p> <p><b>Indústria de transformação.</b> Com o <b>sucesso</b> da siderurgia de base, as indústrias eletromecânicas, de construção naval, automobilística, aeronáutica e de máquinas têxteis também puderam se destacar na economia do país.</p>
Contextualização do fenômeno		<p><b>Os setores modernos</b> Alguns setores da indústria britânica desenvolveram-se mais recentemente. A partir da década de 1970, a indústria e o comércio incorporaram novos aparatos técnicos, modernizando alguns setores. Atualmente, as regiões metropolitanas de Birmingham e Londres concentram a maior parte da atividade industrial.</p>	
Classificação 2 Setores modernos		<p><b>Indústria petroquímica.</b> A <b>descoberta</b> de reservas petrolífera no Mar do Norte <b>favoreceu</b> o desenvolvimento dessa indústria, com a constituição de unidades de refino e beneficiamento do petróleo. A indústria petroquímica <u>é</u> a base da fabricação de plásticos e fibra sintética, além de produtos químicos para a produção de fertilizantes.</p>	
		<p><b>Indústria eletroeletrônica.</b> Com o aperfeiçoamento dos sistemas produtivos, desenvolveu-se uma poderosa indústria de equipamentos eletrônicos, beneficiando, principalmente, os setores automotivo, aeronáutico e de telecomunicações.</p> <p><b>Indústria alimentícia.</b> O Reino Unido acabou se tornando um grande transformador de produtos agrícolas em alimento para o consumo final, tirando proveito da grande quantidade de matéria prima que importa - principalmente cereais e soja.</p>	
Relatório Classificativo			

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno	<b>A economia da França</b> A extensão territorial e as características físicas do território francês, como diferentes tipos de clima e de relevo, <b>contribuem para a diversidade de suas atividades econômicas.</b>
		Classificação 1 Critério: principais atividades econômicas	<b>A agricultura</b> A França <u>tem</u> uma das maiores áreas agricultáveis a Europa. Com extensão de produtos tipicamente tropicais, cujo cultivo não <u>é</u> adequado às suas condições climáticas, o país supre as <b>necessidades</b> de sua população reproduz excedentes para exportar para os demais países europeus. Os produtos mais cultivados <u>são</u> a <b>beterraba</b> , empregada na fabricação de açúcar, e o <b>trigo</b> . A pecuária, desenvolvida de forma intensiva, garante o abastecimento de carnes e laticínios.
	Descrição dos Tipos	Classificação 2	<b>A indústria</b> Apesar do esgotamento das jazidas de ferro no país, o setor metalúrgico francês ainda <u>é</u> muito importante. Além disso, modernas Indústrias dos setores aeroespacial, automobilístico, têxtil, químico e de produção de máquinas - os que mais se desenvolveram ao longo da história do país - respondem por grande parte do dinamismo industrial.
		Classificação 3	<b>Energia</b> Um dos problemas da economia francesa <u>é</u> a falta de recursos naturais para a produção de energia, o que obriga o país a importar parte do carvão necessário às indústrias, assim como toda a demanda de petróleo. Com o objetivo de suprir os <b>déficits energéticos</b> , o governo lançou, há mais de três décadas, um ambicioso projeto para geração de energia termonuclear. Essa medida fez da França o país da Europa Ocidental o maior número de usinas nucleares, o que ele permite exportar eletricidade para os países vizinhos.
			<b>Turismo</b> Outra importante atividade econômica francesa <u>é</u> o turismo. Em 2010, segundo a Organização Mundial do Turismo, a França <u>foi</u> o país com maior fluxo de turistas do mundo. Atualmente, sua economia está baseada principalmente no setor de serviços, impulsionado em parte pela atividade turística. O país apresenta dois grandes polos de atração: a cidade de <b>Paris</b> , por seu apelo histórico-artístico, e o <b>litoral mediterrâneo</b> , com alguns dos centros mais valorizados da Europa (Cannes, Nice e o conjunto da Costa Azul).

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Contextualização Fenômeno	<p><b>Países mediterrâneos</b> Do ponto de vista dos aspectos naturais, os países mediterrâneos - <b>Portugal, Espanha e Itália</b> - contam com clima e vegetação bastante semelhantes, uma vez que estão situados próximo ao Mar Mediterrâneo e em latitudes similares. Os tipos de solo também são muito parecidos.</p>
	Descrição dos Tipos	Critério: pontos comuns/pontos de destaque	<p><b>Atividades econômicas comuns</b> Em razão dos fatores naturais semelhantes, os países mediterrâneos apresentam <b>pontos comuns</b> em sua estrutura Econômica. Os três países se destacam, <u>por exemplo</u>, na <b>produção têxtil, calçadista</b> e de <b>revestimentos cerâmicos</b>. No que se refere à produção de alimentos, a predominância no relevo montanhoso, principalmente na Itália e na Espanha, <u>gerou</u> dificuldades para a produção e para a circulação interna. O <b>setor turístico</b> também <u>é</u> uma importante fonte de riqueza. Todo ano, nos meses de verão, milhares de pessoas do norte da Europa viajam para o sul, atraídas por sol e praia. A concentração de turistas nessa estação, no entanto, <u>gera</u> danos ao <b>meio ambiente</b>, com a intensa ocupação das áreas litorânea e frequente falta de água. A sazonalidade da atividade turística também <u>provoca</u> desemprego no setor em mais da metade do ano.</p>
		Pontos de Destaque	<p><b>Portugal: industrialização recente</b> Até muito recentemente, Portugal era produtor de matérias-primas agrícolas. A industrialização do país ocorreu há pouco tempo. Somente nas últimas duas décadas, com a entrada na União Europeia, a economia portuguesa experimentou um <b>crescimento</b> notável, em especial no setor turístico.</p> <p><b>A Espanha e o turismo</b> Historicamente, a indústria espanhola concentrou-se na Catalunha e no País Basco, com predomínio dos setores têxtil, siderúrgico, metalúrgico e químico. Nas Astúrias e no norte da Andaluzia, <b>regiões mineradoras</b>, <u>destaca-se</u> a exploração de carvão, ferro e outros minerais. No planalto central da península desenvolvem-se o cultivo de cereais e legumes e a pecuária de ovinos. A região de Valência e o vale do Guadalquivir, na Andaluzia, produzem frutas e hortaliças.</p> <p>A partir da segunda metade do século XX, Madri tornou-se um importante <b>centro financeiro industrial</b>, e o fenômeno do turismo mudou a estrutura econômica das áreas litorâneas. A economia espanhola, que durante séculos havia se baseado na agricultura, passou a concentrar-se no setor de serviços.</p> <p><b>A economia da Itália</b> A Itália <u>foi</u> o primeiro país mediterrâneo a alcançar um importante desenvolvimento industrial, que não ocorreu de forma homogênea no território, gerando disparidades regionais no país.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno	<b>Três regiões econômicas</b> <u>A Itália pode ser dividida em três grandes regiões com perfis econômicos distintos.</u>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: a região	<b>Regiões norte e Nordeste.</b> São as mais desenvolvidas, por apresentarem elevado nível de industrialização e urbanização. A cadeia dos Alpes <b>possibilitou</b> a construção de usinas hidrelétricas ao norte, com <b>aproveitamento</b> da água proveniente do de gelo nos cumes das montanhas. O norte do país <b>também possui</b> diversas jazidas de gás natural, aproveitado pelas indústrias.
		Classificação 2	<b>Região Central.</b> Alcançou recentemente grande dinamismo devido ao crescimento das médias e pequenas empresas dos ramos de calçados, tecidos e vestuário, que se destacam pelo emprego de alta tecnologia e por sua efetiva consolidação no mercado internacional.
		Classificação 3	<b>Região Sul.</b> Permanece basicamente agrária. O desenvolvimento da indústria turística e a ajuda econômica da União Europeia <b>têm</b> melhorado os indicadores socioeconômicos dessa região.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Contextualização Fenômeno	<p><b>Países do Norte Europeu</b> Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlândia e Islândia estão localizados no norte da Europa e são considerados países de desenvolvimento elevado. Do ponto de vista natural, <u>apresentam</u> climas predominantemente frios e polares, com formações vegetais Tundra e Floresta de Coníferas. <u>As características naturais</u> desses países <u>influenciam</u> muito as atividades econômicas. Além de apresentarem inverno rigoroso, mais da metade dos territórios dos países da Europa Setentrional <u>é</u> ocupada por formações florestais e <u>têm</u> regiões montanhosas, esculpidas pelas águas do degelo, o que <u>dificulta</u> o desenvolvimento das atividades agropecuárias. As atividades econômicas que se destacam no Norte Europeu <u>são</u> a pesca, a indústria madeireira e a produção de energia hidrelétrica.</p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: países de desenvolvimento elevado	<p><b>A Suécia e as transnacionais</b> A Suécia <u>é</u> um país que apresenta indústrias químicas e siderúrgicas importantes e <u>é</u> uma das principais economias europeias. <u>Além disso</u>, o país <u>é</u> a sede de grandes empresas transnacionais que atuam nos ramos automobilísticos, de telecomunicações e eletrodomésticos.</p>
		Classificação 2	<p><b>Finlândia: Terra dos Mil Lagos</b> A Finlândia <u>possui</u> mais de 180 mil Lagos, e mais de 3/4 de sua superfície <u>estão</u> cobertos por florestas. Uma das principais atividades econômicas do país <u>é</u> a exploração das Florestas de Coníferas. O <u>reflorestamento</u> <u>permitiu</u> que a indústria madeireira se desenvolvesse, como a produção de móveis, papel e celulose.</p>
		Classificação 3	<p><b>Islândia, Noruega e Dinamarca</b> A economia da Islândia e da Noruega <u>está</u> baseada na pesca, sendo que a Noruega <u>é</u> a maior produtora de pescado da Europa Ocidental. Dentre os motivos pelos quais nenhum dos dois países ter aderido, até o momento, a União Europeia <u>está</u> a medida de proteção à atividade pesqueira. Na Noruega <u>destacam-se</u> também a indústria madeireira, a de exploração de gás natural e a de petróleo. A Dinamarca, com suas diversas ilhas e sua porção continental localizada na Península da Jutlândia, <u>destaca-se</u> pelas indústrias químicas e de máquinas e ferramentas, além de possuir um significativo e pioneiro parque eólico.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Fenômeno	<p><b>Regionalização da Ásia</b></p> <p>Existem formas diferentes de regionalizar o espaço, que variam conforme os critérios escolhidos. Nesta unidade, apresentamos o continente asiático dividido em 6 regiões: <u>Ásia Setentrional, Sudeste Asiático, Ásia Central, Oriente Médio, Ásia Meridional e Extremo oriente. Vamos conhecer um pouco sobre cada uma dessas porções da Ásia.</u></p>
		Classificação 1	<p><u>Ásia Setentrional</u></p> <p>Abrange a porção asiática da <b>Rússia</b> (federação russa) em toda a sua extensão leste-oeste.</p> <p><u>Aspectos físicos e economia</u></p> <p><u>Apresenta</u> climas do tipo <b>polar</b> e <b>subpolar</b>, com invernos longos e rigorosos, cujas temperaturas podem atingir até 50°C negativo.</p> <p>Suas formações vegetais <u>estão</u> adaptadas à rigorosas condições climáticas. Predominam a <b>Taiga</b> ou Floresta de Coníferas, que cobre grande parte da região e <u>é</u> intensamente explorada para a obtenção de madeira e celulose; e a <b>Tundra</b>, ao norte, uma vegetação rasteira muito resistente as baixíssimas temperaturas.</p> <p>A hidrografia da Ásia Setentrional <u>é</u> formada por rios extensos, como Ob, o Ienissei e o Lena, bastante aproveitados para a geração de energia elétrica em seus trechos de Planalto ao sul. Boa parte dos cursos de água permanece congelada durante o inverno.</p> <p>A região <u>é</u> ocupada por campos de exploração de <b>petróleo</b> e <b>gás</b>, além de grandes plantações agrícolas que se beneficiam de um solo denominado <u>tchernoziom</u>, rico em nutrientes.</p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 2	<p><u>Sudeste Asiático</u></p> <p>A região do Sudeste Asiático <u>é</u> constituída por:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Península da Indochina</b>, localizada entre O golfo de bengala e o mar da China Meridional;</li> <li>• <b>Península Malaia</b>, entre o Estreito de Malaca e o mar da China;</li> <li>• Arquipélago da <b>Insulíndia</b>, que se estende do Oceano Índico ao Oceano Pacífico.</li> </ul> <p>No sudeste asiático há tantos países continentais (Vietnã, Laos, Camboja, Tailândia, Mianmar, Malásia e Cingapura) como países insulares Indonésia, Brunei, Filipinas e Timor Leste.</p> <p>As formas de relevo predominantes <u>são</u> os baixos planaltos e as planícies. <u>Cabe destacar a presença</u> de formações montanhosas, sobretudo na Indonésia. Os climas equatorial e tropical <u>predominam</u> na região, <u>favorecendo</u> a ocorrência de formações florestais exuberantes.</p> <p>A Insulíndia abriga a Indonésia, onde há grande incidência de vulcões e terremotos. Essa região ganhou destaque na imprensa quando um conjunto de enormes ondas oceânicas (<i>tsunamis</i>) <u>causou</u> a <b>morte</b> de mais de 230 mil pessoas.</p> <p><u>Crescimento econômico</u></p> <p>Alguns países do sudeste asiático, como Malásia, Cingapura, Tailândia Indonésia apresentaram grande crescimento econômico nas décadas de 1970 a 1990, impulsionado pela expansão das transnacionais japonesas e estadunidenses.</p> <p>As empresas instalaram-se na região basicamente pelo baixo custo de mão de obra e das matérias-primas. Com a modernização e o capital trazidos pelas transnacionais, os</p>
		Classificação 1	<p><u>Aspectos físicos, políticos e econômicos</u></p>

			<p>governos locais <u>fizeram</u> amplos investimentos em educação, o que contribuiu para acelerar o crescimento regional. Esses países asiáticos <u>ficaram</u> conhecidos como <b>Novos Países Industrializados (NPIs)</b>. O Vietnã, também situado no sudeste asiático, <u>é</u>, formalmente, uma república socialista. O país enfrenta o problema da coexistência dos setores estatal e privado da economia e tenta atrair capitais estrangeiros que dinamizam seu desenvolvimento</p>
		Classificação 3	<p><u>Ásia Central</u> A região <u>é</u> composta de cinco países situados a leste do Mar Cáspio: Cazaquistão, Uzbequistão, Turcomenistão, Tadjiquistão e Quirguistão, nos quais predominam populações eslavas e de origem turca, estas últimas majoritariamente muçulmanas.</p> <p><b>Aspectos físicos</b> Com uma área de aproximadamente 4 milhões de km<sup>2</sup>, a região <u>apresenta</u> relevo de planícies e altos planaltos no Leste, além de montanhas na divisa com o Oriente Médio (Irã e Afeganistão).</p> <p>A vegetação <u>é</u> constituída basicamente por <u>Estepes</u> e espécies típicas de áreas desérticas. Esse tipo de paisagem natural ocorre em razão do <u>predomínio</u> de <b>climas secos</b>, semiáridos e áridos na região.</p> <p>Dois grandes rios, o Syr Daria e o Amu Daria, destacam-se na rede hidrográfica da região, que <u>apresenta</u> muitos cursos de água temporárias devido aos baixos índices pluviométricos.</p> <p><b>Dificuldades políticas e econômicas</b> A Ásia Central <u>é</u> marcada por conflitos entre etnias, agravados no passado pela relação comercial desigual com a Rússia. Somados ao clima desfavorável para a agricultura, esses conflitos, favoreceram o surgimento de economia e estruturas sociais precária, marcadas pela instabilidade política e pela miséria da população.</p> <p><u>Como exemplo</u> da precariedade socioeconômica da região, pode-se citar Tadjiquistão e o Quirguistão, países que ocupam, respectivamente, o 127º e o 126º no ranking de IDH da ONU (2011).</p> <p>Uma perspectiva de desenvolvimento da região está associada a <u>exploração</u> do <b>petróleo</b> na bacia do Mar Cáspio. Embora as reservas aparentemente não <u>sejam</u> tão abundantes quanto se imaginava, esse recurso vem impulsionando as economias do Cazaquistão e do Turcomenistão, que dividem o controle da bacia do Cáspio com a Rússia, o Irã e o Azerbaijão.</p>
		Classificação 4	<p><u>Oriente Médio</u> A região asiática do Oriente Médio compreende países habitados principalmente por árabes de maioria muçulmana: Arábia Saudita, Iraque, Síria, Jordânia, Iêmen, Omã, Emirados Árabes Unidos, Qatar, Barein, Kuwait e o Líbano, que <u>apresenta</u> o maior percentual de população cristã na região (cerca de 40%). As populações do Irã, do Afeganistão e da Turquia, embora a maioria islâmica, <u>têm</u> origem persa, pashtun e turca, respectivamente. Israel, com população majoritariamente judaica, <u>é</u> uma exceção.</p> <p><b>Aspectos físicos</b> O relevo do Oriente Médio <u>é</u> constituído em grande parte por planaltos circundados por montanhas. As planícies estão situadas em geral entre o litoral e os conjuntos montanhosos.</p>

		<p>No interior da região, Entre os Rios Tigre e Eufrates, <u>destaca-se</u> a <b>Planície da Mesopotâmia</b>, de grande valor histórico cultural.</p> <p>Os climas predominantes <u>são</u> áridos e semiáridos, motivo pelo qual quase toda região <u>é</u> constituída por <b>desertos</b>. As temperaturas variam de mais de 40°C durante o dia a menos de 10°C à noite. Isso levou a concentração da população em cidades como Damasco, na Síria, e Riad, na Arábia Saudita, localizada onde as águas subterrâneas afloram a superfície, formando os <b>oásis</b>.</p> <p>As formações vegetais predominantes <u>são</u> as Estepes áridas e as plantas xerófilas (adaptadas a climas desérticos) e, nos locais de clima mais úmido, a vegetação mediterrânea.</p> <p><b><i>Os conflitos no Oriente Médio</i></b></p> <p>O Oriente Médio <u>é</u> marcado por grandes conflitos geopolíticos, cuja origem está na disputa de um território sobre o qual árabes e judeus consideram ter direitos históricos. Desde o começo do século XX, o movimento <u>sionista</u> sonhou construir um estado judeu em Israel, terra de onde os judeus foram expulsos pelos Romanos no ano 70 d.C. O drama dos sobreviventes do <u>holocausto</u> nazista motivou a comunidade internacional a dividir o então protetorado britânico da Palestina em dois Estados: para os judeus e o outro para os árabes, que haviam ocupado a região no século VII.</p> <p><b><i>O Estado de Israel</i></b></p> <p>No contexto da Guerra Fria, o Oriente Médio <u>foi</u> um dos focos de tensão entre as superpotências. Enquanto Israel se aliou aos Estados Unidos, os países árabes buscaram ajuda na União Soviética.</p> <p>A partir de 1948, com a criação do Estado de Israel, os conflitos entre árabes e israelenses se multiplicaram. Os judeus expulsaram grande parte dos palestinos, e se refugiaram na Faixa de Gaza, Jordânia, Líbano, Iraque e Egito. Conflitos marcaram toda a segunda metade do século XX e ainda chamam a atenção do mundo no início do Século XXI.</p> <p>As sucessivas derrotas árabes nas guerras de 1947- 1948, 1956, 1967 e 1973 consolidaram o Estado de Israel e sufocaram qualquer possibilidade de um Estado palestino. <u>Foi</u> então que extremistas optaram pelo uso do terrorismo como forma de pressão.</p> <p><b><i>Movimentos terroristas</i></b></p> <p>Movimentos terroristas vinculados a organizações políticas, como o Setembro Negro, realizaram ações criminosas contra pessoas e interesses econômicos israelenses ou ocidentais. O <b>Sequestro</b> e <b>assassinato</b> de atletas israelenses nas Olimpíadas de Munique 1972 <u>foi</u> uma das ações de maior repercussão.</p> <p><b><i>A intifada</i></b></p> <p>Na década de 1970, o conflito estendeu-se ao Líbano, onde coexistem comunidades muçulmanas e cristãs. Nesse período, Israel começou a perder o apoio da opinião política internacional por conta da brutal repressão contra refugiados palestinos dos campos de Sabra e Shatila, no Líbano. No fim da década, a população palestina rebelou-se contra a ocupação, na chamada <b>Primeira Intifada</b>.</p> <p>Um primeiro processo de paz iniciado em Madri, em 1991, 1991 <u>foi</u> abortado com o assassinato, em 1995, do primeiro-ministro de Israel, Yitzhak Rabin, por um extremista judeu.</p> <p>Nos anos posteriores radicalizou-se a violência entre as duas</p>
--	--	--

			<p>partes. Os terroristas palestinos aumentaram o número de ataques realizados com homem bomba, enquanto o Estado de Israel construía um muro para se “proteger” dos terroristas. Após um tempo, líderes de Israel e da Palestina voltaram às negociações de paz, com a intermediação dos Estados Unidos. Porém, ainda há a muitos obstáculos para a paz: a determinação de limites para Israel, a criação do Estado palestino e a garantia de segurança para ambos. Em setembro de 2011, Mahmoud Abbas, presidente da autoridade Palestina, foi a Nova York entregar o pedido formal de adesão no estado palestino à ONU. Israel e Estados Unidos, porém, <u>são os</u> grandes opositores desta ideia.</p> <p><b>Os conflitos do petróleo</b></p> <p>Além dos conflitos entre árabes e judeus, há outros aspectos a considerar. Cerca de 65% das reservas mundiais de petróleo estão no Oriente Médio, com destaque para a Arábia Saudita, Irã, Iraque, Emirados Árabes e Kuwait. Essa riqueza atraiu potências como França, Inglaterra, Estados Unidos e Rússia, que, com a intenção de explorar as jazidas, interferiram na política da região, gerando também conflitos.</p> <p><b>A Primavera Árabe</b></p> <p>Em dezembro de 2010, uma série de manifestações e protestos tomaram conta dos países árabes do Oriente Médio e no norte da África contra os regimes autoritários que controlavam a vida política de alguns países. Esse conjunto de manifestações <u>ficou</u> conhecido como <b>Primavera Árabe</b>. Essas revoltas populares iniciaram-se na Tunísia e derrubaram o governo do ditador Zine El Abidine Ben Ali em 14 de janeiro de 2011. No Oriente Médio, países como Barein, Jordânia, Síria, Omã, Iêmen, Arábia Saudita e Kuwait também viveram ondas de protestos populares em resposta ao autoritarismo político, que muito se utilizou da religião islâmica para justificar a repressão. Este momento histórico gerou uma série de debates sobre a necessidade de reformas constitucionais que venham a permitir maior liberdade e igualdade social nos países árabes, inclusive no que diz respeito à igualdade de gênero.</p> <p>No fim de 2011, a Síria sofria grandes ondas de violência entre o governo de Bashar al-Assad, no poder desde 2000, e seus opositores. As autoridades sírias <u>foram</u> alvo de acusações internacionais pelos crimes cometidos contra a população civil em seu território.</p>
		Classificação 5	<p><b>Ásia Meridional</b></p> <p>A Ásia Meridional ou Subcontinental Indiano <u>caracteriza-se</u> por abrigar povos indianos e indo chineses. Os países que compõem são: Índia, Sri Lanka, Paquistão, Nepal, Butão e Bangladesh.</p> <p><b>Relevo</b></p> <p>A região <u>apresenta</u> três grandes unidades de relevo: a Cordilheira do Himalaia, o Planalto do Decã e a Planície Indo-Gangética.</p> <p>A <b>Cordilheira do Himalaia</b> <u>é</u> uma cadeia de altas montanhas, de Formação geológica recente, situada na fronteira da China com a Índia, o Nepal e o Butão. Registra mais de 2.000 km de extensão e Picos muito elevados, incluindo o Everest - o pico mais alto do mundo, com 8848 m de altitude.</p> <p>O <b>Planalto do Decã</b>, na porção centro-sul da Ásia Meridional, <u>é</u> constituído por rochas muito antigas e</p>

		<p>desgastadas pelos processos erosivos. Sua altitude raramente ultrapassa os 2.000 m, e o clima que o <u>caracteriza</u> é semiárido.</p> <p>A <b>Planície Indo-Gangética</b>, situada entre a Cordilheira do Himalaia o Planalto do Decã, é formada pela ação das águas das chuvas e dos rios Indo e Ganges, os mais importantes da região.</p> <p><b>Clima e vegetação</b> O clima predominante <u>é</u> o <b>tropical</b>, sujeito ao regime de <b>monções</b>, cuja <u>principal característica</u> é a sucessão de um inverno relativamente seco (novembro a fevereiro), uma estação quente e sem precipitação (março e abril) e um verão muito chuvoso (junho a setembro). O período seco corresponde às chamadas monções de inverno; os quatro meses de chuva, as monções de verão.</p> <p>No interior do Planalto do Decã e no deserto de Thar, situado entre o Paquistão e a Índia, <u>predominam</u> climas secos, com temperatura elevadas.</p> <p>A vegetação é composta de <b>Florestas Tropicais</b>, as áreas mais úmidas, e de <b>Savanas</b>, áreas semiúmidas.</p> <p><b>Desigualdades socioeconômicas</b> Entre os países que compõem a região, o mais importante economicamente <u>é</u> a <b>Índia</b>. A população indiana ultrapassa 1,2 bilhão de habitantes e possui uma renda per capita de 3.703 dólares. Entretanto, índices de pobreza da Índia demonstram grandes desigualdades. O índice de analfabetos de 15 anos ou mais chega a 39% da população; 12% não <u>têm</u> acesso à água potável; 43,5% das Crianças com menos de 5 anos estão abaixo do peso.</p> <p>Isso significa que o desenvolvimento econômico indiano beneficia somente uma pequena parte da população ligada aos centros produtivos e de desenvolvimento tecnológico controlados por parcerias com empresas transnacionais dos países desenvolvidos.</p>
	Classificação 6	<p><b>Extremo Oriente</b> O Extremo Oriente, região com grande variedade de paisagens, agrupa a China, o Japão, a Coreia do Norte, a Coreia do Sul, Taiwan e Mongólia.</p> <p><b>Relevo</b> O relevo do Japão <u>é caracterizado</u> pela presença de montanhas recentes, com destaque para o Monte Fuji, com mais de 3.000 m de altitude. O país-arquipélago <u>tem</u> mais de 200 vulcões, alguns dos quais ativos, e sofre frequentes abalos sísmicos. Isso acontece em virtude de sua instabilidade geológica, localizando-se no <b>Círculo do Fogo do Pacífico</b>.</p> <p>O relevo montanhoso <u>predomina</u>, ainda, ao norte e a leste da Península da Coreia e na China, que também <u>apresenta</u> montanhas elevadas a oeste. Planaltos áridos, de até 2 mil metros de altitude, ocorre na Mongólia, enquanto extensas planícies dominam as paisagens da Península da Coreia e da China.</p> <p><b>Clima e vegetação</b> Verificam-se na região o clima <b>subtropical</b> e o <b>temperado</b>, com influência das monções no Japão e na península da Coreia, que favorecem o desenvolvimento florestas subtropical e temperada. No oeste da China <u>predominamos</u> climas <b>frio de montanha</b> e <b>desértico</b>, o que propicia o desenvolvimento de vegetação xerófila e de Estepes, também encontrada na Mongólia, em razão dos climas <b>árido</b> e</p>

			<p><b>semiárido</b> que ocorre no país.</p> <p>Entre a China e a Mongólia há o deserto de Gobi, que ocupa grande parte da Porção Meridional do território <u>mongol</u>.</p> <p><b><i>Desenvolvimento econômico</i></b></p> <p>Em linhas gerais, o Extremo Oriente <u>apresenta</u> um bom nível de desenvolvimento. A região abrange uma das grandes potências econômicas do planeta (o Japão) e o país de crescimento mais acelerado do século XXI (a China). Coreia do Sul e Taiwan também <u>se destacam</u> pelo dinamismo de suas economias.</p> <p>A Coreia do Norte, República socialista, conserva uma rede da economia planificada, de estilo soviético, e enfrenta sérias dificuldades. A Mongólia, socialista até 1990 e atualmente um estado democrático de regime parlamentarista, <u>continua</u> a ser um país subdesenvolvido, cuja população vive sobretudo da agricultura e do pastoreio.</p>
--	--	--	--

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Contextualização do fenômeno Definição do Fenômeno	<p><b>A Ásia agrícola</b> Agropecuária e a exploração dos recursos naturais <u>são</u> atividades fundamentais para a economia da Ásia, principalmente nos países subdesenvolvidos do continente. A indústria e os serviços <u>destacam-se</u> como geradores de emprego e de renda em algumas poucas regiões. <u>Uma fatia considerável da população asiática mora no campo, concentrando suas atividades no setor primário.</u></p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: atividades do campo	<p><b>Agricultura</b> Vários povos asiáticos praticam <b>agricultura de subsistência</b>, responsável pela produção de alimentos para o consumo interno, especialmente de <b>arroz</b>, alimento básico das populações do continente. Em geral, as atividades agrícolas são realizadas com pouca tecnologia e baixa mecanização. Japão e Israel <u>são</u> as que mais empregam técnicas agrícolas modernas de irrigação. Por isso, apesar de terem áreas agricultáveis limitadas, alcançam elevada produtividade</p> <p><b>Plantation</b> Em diversos locais da Ásia pratica-se a <i>plantation</i>, monocultura cuja produção <u>é</u> destinada à <b>exportação</b>. Esse sistema agrícola <u>foi</u> introduzido no período da colonização europeia no continente.</p> <p><b>Principais produtos agrícolas</b> Arroz, trigo, algodão, cevada, chá, tabaco, cana de açúcar, milho e frutas <u>estão</u> entre os principais produtos da agricultura asiática. A China e a Índia <u>são</u> os maiores produtores mundiais de arroz, cultivo no qual se destaca também a Indonésia, Bangladesh e o Vietnã. Além dos aspectos culturais que <u>possibilitam</u> o mercado consumidor gigantesco, as condições climáticas <u>são</u> favoráveis à <b>expansão</b> agrícola, pois permitem duas safras por ano.</p>
	Classificação 2	<p><b>Pecuária</b> A pecuária, outra importante atividade econômica no continente, <u>é</u> praticada, sobretudo, de forma <b>extensiva</b>, com o gado solto no pasto. Os principais rebanhos <u>são</u> de bovinos, suínos, ovinos e bubalinos. A Índia <u>tem</u> o maior rebanho de gado bovino do mundo sem fins comerciais. Para os indianos que seguem o hinduísmo, a vaca <u>é</u> um animal sagrado e, portanto, não comem carne bovina.</p> <p><b>A gripe aviária</b> A criação de aves na Ásia passou por um período crítico no final de 2003, devido ao surgimento do vírus responsável pela chamada <b>gripe aviária</b> ou <b>H5N1</b>. A doença tomou todo o sudeste asiático e se espalhou por todo o sul da Ásia e pelo Oriente Médio, Europa e África. As epidemias <u>constituem</u> uma ameaça no continente em que a criação de animais em grande escala <u>é</u> fundamental para alimentação e a sobrevivência da população. A falta de assistência técnica e de saúde pública no campo <u>contribui</u> para a rápida difusão de tais doenças. O Sudeste Asiático vive em constante atenção para evitar que ocorram novas epidemias</p>	

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Classificativo	Apresentação	Definição do Fenômeno	<p><b>Relevo e hidrografia</b></p> <p>A maior parte do relevo africano é formada por planaltos antigos, que sofreram grandes transformações em decorrência dos processos erosivos ao longo das eras geológicas.</p> <p>Em algumas porções o continente, porém, é visível a <b>influência</b> de processo tectônicos recentes - ligados principalmente a atividade vulcânica -, que <b>contribuíram</b> para a formação de altas montanhas no extremo norte e na sua porção Leste. O <b>Monte Kilimanjaro</b> cujo pico é o mais alto da África, com 5.895 metros de altitude, está localizado na porção leste.</p> <p><u>Podemos dividir o relevo da África em três porções principais: Planalto Setentrional, Planalto Centro-Meridional Planalto oriental.</u></p>
	Descrição dos Tipos	Classificação 1 Critério: localização	<p><b><u>Planalto Setentrional</u></b></p> <p>Nessa porção localiza-se o Deserto do Saara, que ocupa um quarto do território continental. A noroeste dele está a <b>Cadeia do Atlas</b>, que se estende desde o litoral do Marrocos até a Tunísia, abrangendo a região conhecida como <b>Magreb</b>.</p>
		Classificação 2	<p><b><u>Planalto Centro-Meridional</u></b></p> <p>Com altitudes médias mais altas que as do Planalto Setentrional, a região compreende o centro-oeste e o sul do continente. A Bacia do Rio Congo, e o Deserto do Kalahari <u>são</u> exceções dessa região, pois constituem duas grandes depressões.</p>
		Classificação 3	<p><b><u>Planalto Oriental</u></b></p> <p>Região com montanhas de origem vulcânica de altitudes elevadas e com depressões ou fossas tectônicas que deram origem a extensos lagos, como o Tanganica, e o Vitória (formador do Rio Nilo) e o Niassa. Um aspecto marcante nesse planalto é o Rift Valley, uma depressão alongada que forma um vale de norte a sul com milhares de quilômetros de extensão.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Composicional	Apresentação	Definição do fenômeno	<p><b>O estado</b> O estado <u>é</u> a forma como a sociedade se organiza politicamente; <u>é</u> o ordenamento jurídico que regula a convivência dos habitantes de um país.</p>
	Descrição das Partes	Composição	<p>Fazem <b>parte</b> do Estado as instituições políticas e administrativas, encarregadas de produzir as leis (poder legislativo), colocá-las em prática (poder executivo) e empreender a justiça (poder judiciário). Além disso, o estado precisa contar com as forças armadas, responsáveis pela defesa do território e pela ordem interna.</p>
		Ampliação do fenômeno 1	<p>Para ser reconhecido e respeitado entre os demais, um Estado busca sua <b>soberania</b>, ou seja, ter plenos poderes para instituir e administrar as normas e leis que a sociedade deverá seguir em seu território. O <b>Estado soberano</b> <u>é</u> aquele que não tem que reconhecer nenhum poder superior a ele.</p>
		Ampliação do fenômeno 2	<p>Uma nação pode constituir um Estado soberano. Quando ela ocupa um território e se organiza politicamente, denomina-se <b>Estado-nação</b>. Na sociedade contemporânea, o Estado-nação é a forma mais difundida de organização da sociedade. Há estados-nação que abrangem diversas Nações, como o Reino Unido (que reúne as nações inglesa, galesa, escocesa e norte-irlandesa).</p>

<b>Gênero</b>	<b>Etapas do Gênero</b>	<b>Fases do gênero</b>	<b>Texto</b>
Relatório Composicional	Apresentação	Definição do fenômeno	<b>O território</b> O <b>território</b> de um país é a base física sobre a qual um estado exerce sua soberania.
	Descrição das Partes	Delimitação do fenômeno	O território é <b>delimitado</b> por <i>fronteiras políticas</i> , que podem ser naturais, como um rio, uma cordilheira etc., ou artificiais, traçadas sem se considerar estes elementos naturais.
		Composição do fenômeno	O território de um país é <b>formado</b> pelo solo continental e insular, o subsolo, o espaço aéreo e o <i>território marítimo</i> .

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Composicional	Apresentação	Contextualização e Definição	<b>A indústria</b> A Revolução Industrial teve início no continente europeu, que <u>continua</u> como papel de destaque no setor industrial mundial.
	Descrição das Partes	Composição	A <b>Alemanha</b> , a <b>França</b> , o <b>Reino Unido</b> e a <b>Itália</b> , por abrigarem os principais centros e regiões industriais, <b>compõem</b> o espaço mais dinâmico da economia europeia.
		Contextualização do fenômeno	A Europa Oriental, embora menos desenvolvida, passa por uma reestruturação que <u>tem contribuído</u> para que a indústria europeia <u>seja</u> uma das mais desenvolvidas do mundo.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Composicional	Apresentação	Definição do Fenômeno	<b>Um continente com rica biodiversidade</b> No continente africano há grande diversidade de climas e de formações vegetais. <b>Nele convivem</b> , por exemplo, paisagens desérticas, como o Saara e o Kalahari, e uma das zonas úmidas do planeta, situada na faixa do Equador, que é a Floresta do Congo
	Descrição das Partes	Composição 1	<b><u>Clima</u></b> Encontram-se na África os climas equatorial, tropical, semi-árido, desértico, mediterrâneo e, em algumas áreas mais altas, o frio de montanha. O predomínio dos climas quentes se deve ao fato de o continente estar entre os Trópicos de Câncer e de Capricórnio.
		Composição 2	<b><u>Vegetação</u></b> A vegetação africana é influenciada, entre outros fatores, pela <b>distribuição</b> das chuvas pelo continente. <b>Florestas tropicais e equatoriais úmidas.</b> Está localizada na faixa que envolve a linha do Equador. A principal é a floresta do Congo, uma extensa Floresta Equatorial drenada pela bacia do Rio Congo. Esse rio, com cerca de 4700 km de extensão, é o primeiro da África em volume de água. <b>Savanas.</b> Presentes em regiões com duas estações bem definidas: uma seca e outra chuvosa. Nas Savanas, verifica-se a presença de gramíneas, arbusto e árvores mais espaçadas que as de regiões florestadas, além da grande diversidade de mamíferos de médio e grande porte. <b>Estepes e Pradarias.</b> São vegetações rasteiras presentes nas áreas de clima semiárido que margeiam os desertos do Saara (a margem sul do Saara denomina-se "Sahel") e do Kalahari. <b>Vegetação mediterrânea.</b> Encontra-se no extremo noroeste, sendo arbustivas as áreas mais próximas do Mar Mediterrâneo e de pinho e cedro nas áreas mais chuvosas da Cadeia do Atlas. As características do clima mediterrâneo se manifestam, entretanto, no extremo norte (às Margens do mar mediterrâneo) e no extremo sul do continente (no sul da África do Sul). Oliveiras e videiras são cultivadas nessas áreas. <b>Vegetação desértica.</b> Caracteriza-se pela adaptação à falta de chuva (vegetação xerófita). A flora dos desertos é formada por uma vegetação esparsa, abrangendo plantas de raízes profundas e cactos que armazenam água em seu interior. A maior parte do deserto não possui nenhuma cobertura vegetal.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Composicional	Apresentação	Definição do Fenômeno	<b>Regionalização da África</b> Por sua <u>história, etnias e religiões</u> , a África pode ser <b>dividida em duas grandes regiões</b> : África do Norte e a África Subsaariana.
		Composição 1	<b>África do Norte</b> Limitada a norte pelo Mar Mediterrâneo, a noroeste pelo Oceano Atlântico e abrangida na maior parte pelo Deserto do Saara, a África do Norte é constituída pelos países a maioria <b>árabe e islâmica</b> : Argélia, Egito, Líbia, Marrocos, Mauritânia, Tunísia e Saara Ocidental (território anexado Pelo Marrocos) A região é <u>caracterizada</u> por alta <b>concentração populacional</b> no litoral do Mar Mediterrâneo, onde as condições naturais <u>permitem</u> o <b>desenvolvimento</b> da agropecuária, a <b>exploração</b> de petróleo e de outros minerais - fatores de <b>atração populacional</b> . A proximidade do mar facilita o comércio desses países africanos com os de outros continentes. Na região, o Egito é o país mais industrializado. A colonização regional <u>foi</u> predominantemente francesa, embora o Egito tenha integrado a esfera de influência britânica.
	Descrição das Partes	Composição 2	<b>África Subsaariana</b> A África do Sul é uma vasta região do continente compreendida ao sul do Deserto do Saara, povoada majoritariamente por povos negros. Além da grande <b>diversidade de paisagens</b> , a região é marcada pela exploração colonial no passado recente. A principal herança da colonização <u>foi</u> a <b>divisão política arbitrária</b> feita pelos europeus, que colocaram dentro das mesmas fronteiras etnias rivais ou separaram grupos étnicos em território diferentes. Em razão dessa política, até hoje ocorrem diversos <b>conflitos étnicos</b> no continente. A África Subsaariana <u>apresenta</u> baixíssimo IDH, caracterizado pela pobreza e pela forma que assolam grande parte da população. Nessa região encontram-se as nações com os piores índices de qualidade de vida do mundo; mais de 30% de subsaarianos sofrem de <b>fome crônica</b> . A presença de uma <b>agricultura de subsistência</b> , que se realiza ainda por meio do desmatamento e faz uso inadequado dos solos, colabora para aumentar o quadro de subdesenvolvimento. Associa-se a esse quadro a prática, em larga escala, da monocultura de exportação ( <i>plantations</i> ) introduzidas no século XVIII pelos colonizadores. A priorização dada a esse <b>sistema agrícola</b> , voltado para a exportação, além de ter desprezado a produção de alimentos para o consumo humano local, expulsou os camponeses nativos para as áreas menos produtivas. A exceção à extrema pobreza e miséria em toda a África Subsaariana está na África do Sul, país atingiu certo grau de industrialização e modernização devido à grande quantidade de ouro, ferro e pedras preciosas em seu território. Contribuíram também para o desenvolvimento do país os investimentos industriais de britânicos radicados na região.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Descritivo	Apresentação	Definição do fenômeno	<p><b>O país</b> Podemos <b>definir</b> um país como um território politicamente delimitado por fronteiras com unidade político-administrativa, em geral, habitado por uma comunidade com história própria.</p>
	Descrição das Características	Características do fenômeno	<p>Todo país <u>tem</u> um Estado constituído, exerce soberania perante outros países, e uma Constituição.</p>

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Descritivo	Apresentação	Fenômeno	<b>As diversidades asiáticas</b>
	Descrição das Características	Caracterização 1	A Ásia <u>é caracterizada</u> pela pluralidade cultural e por uma história marcada por <b>grandes civilizações</b> , como a nipônica (Japão), a sínica (China, Mongólia, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Taiwan e Sudeste Asiático), a hindu (Índia) e a islâmica (Oriente Médio).
		Caracterização 2	O continente também <u>apresenta paisagens diversificadas</u> , que incluem a cadeia montanhosa do Himalaia, os planaltos áridos da China e da Mongólia, as planícies geladas da Sibéria e as grandes aglomerações urbanas do litoral chinês (Xangai, Tianjin etc.), da Índia (Mumbai, Calcutá e Chennai) e do Japão (eixo Tóquio-Osaka).

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Descritivo	Apresentação	Definição do Fenômeno	<b>Os recursos minerais</b> A <b>exploração</b> e a <b>industrialização</b> dos recursos naturais e energéticos, como carvão mineral, minério de ferro, ouro, estanho e cobre, além de petróleo e gás natural, <u>são</u> fundamentais para a economia do continente asiático.
	Descrição das Características	Caracterização 1	Na região do Oriente Médio, apesar da importância mundial do petróleo, a maior parte da população não trabalha diretamente na exploração e comercialização desse recurso. Essas atividades são controladas por poucos.
		Caracterização 2	No Sudeste Asiático, o petróleo <u>é</u> produto importante para a economia regional, juntamente com o estanho, mineral usado na indústria para produção de chapas, fios e tubos.

Gênero	Etapas do Gênero	Fases do gênero	Texto
Relatório Descritivo	Apresentação	Definição do Fenômeno	<p><b>O setor industrial</b></p> <p>Os países mais industrializados da Ásia são Israel, China, Coreia do Sul e Japão. Esses dois últimos países <u>contam</u> com modernos processos de produção, mão de obra especializada e tecnologia de ponta. A indústria japonesa <u>destaca-se</u> mundialmente nos setores de informática, robótica, eletroeletrônico e automobilístico. Nos últimos anos, outros países <u>vêm apresentando</u> grande desenvolvimento industrial: Taiwan, Cingapura, Hong Kong (ex-protetorado britânico devolvido à China em 1997), Índia, Malásia, Tailândia, Indonésia e Filipinas.</p>
	Descrição das Características	Caracterização 1	<p><b>Tigres Asiáticos</b></p> <p>Revelando grande dinamismo econômico, Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong Kong, conhecidos como <b>Tigres Asiáticos</b>, promoveram a intensa industrialização. Isso foi alcançado por meio da produção e exportação, em larga escala, de artigos de valor altamente competitivo no mercado internacional.</p>
		Caracterização 2	<p><b>China e Índia</b></p> <p>O setor industrial chinês <u>tem apresentado</u> um dos mais elevados índices de crescimento do mundo, numa média de 10% ao ano, em boa parte devido à mão de obra abundante e barata.</p> <p>Na Índia também <u>tem havido</u> considerável crescimento industrial nas últimas décadas, desenvolvendo diversos setores, entre eles o mecânico, o têxtil, o siderúrgico e o de informática.</p> <p>É importante lembrar que o crescimento econômico asiático se <u>dá</u> pela <u>divisão</u> da sociedade em dois segmentos: um ligado às atividades modernas da economia, com formação especializada, estágios no Ocidente, salários e padrão de vida elevados; o outro constituído de mão-de-obra barata, trabalhando em condições ilegais, sem a assistência de direitos trabalhistas e fiscalização dos governos.</p>
		Caracterização 3	<p><b>Arábia Saudita</b></p> <p>Também a Arábia Saudita, maior exportadora de petróleo do mundo, <u>vem se desenvolvendo</u> industrialmente, realizando investimentos para a construção de refinarias e Indústrias petroquímicas.</p>

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Relatório Descritivo	Apresentação	Fenômeno Caracterização 1	<b>Apartheid: segregação étnica</b> Uma das marcas do colonialismo europeu no continente africano <u>foi</u> segregação de nativos e colonos. Na África do Sul, essa prática <u>ficou</u> conhecida pelo nome de <i>apartheid</i> , palavra da língua africânder, originada do holandês do século XVI, que significa “ <b>separação</b> ”. Tratou-se de um regime de <b>segregação racial</b> em que se negava a população o acesso a espaços ocupados e frequentados nas comunidades brancas. As ideias de superioridade racial do branco europeu sobre os povos africanos foram impostas para justificaras estratégias de <b>dominação</b> , a <b>expropriação</b> de suas terras, riquezas e a própria <b>escravidão</b> .
	Descrição das Características	Caracterização 2	Na África do Sul, o <i>apartheid</i> , existente na prática desde 1910, foi oficializado por lei em 1948 e vigorou até 1994. Neste País, o racismo era ostensivo a ponto de impedir que os negros, embora constituindo a maioria da população, tivesse em propriedades territoriais e participassem da política. Além disso, eram obrigados a viver em zonas residenciais separadas os (bastustões) as reservadas aos brancos.
		Caracterização 3	Após muitos anos de luta da população negra pela igualdade de direitos, com massacres de prisões de líderes, a situação do país <u>tornou-se</u> insustentável, em vista do apoio internacional a causa <i>antiapartheid</i> . Fortes pressões da ONU e vários países levaram a realização de eleições multirraciais em 1994. Nelson Mandela, um dos mais importantes líderes do movimento contra o <i>apartheid</i> , que ficou preso por 27 anos, foi eleito o primeiro presidente negro da África do Sul.

Gênero	Etapas	Fases	Texto
Relatório Descritivo	Apresentação	Fenômeno	<p><b>A África à margem da globalização</b> Após a Segunda Guerra Mundial (1939- 1945), as atividades econômicas do planeta passaram de um período <b>técnico</b> para um período <b>técnico-científico</b>.</p>
	Descrição das Características	Característica 1	<p><u>A característica</u> desse período <u>é</u> uma nova perspectiva de dinamismo econômico e de organização de territórios baseada, em grande parte, no domínio dos processos de <b>produção</b> e <b>difusão</b> de tecnologias como condição fundamental para o desenvolvimento. Sem o <b>domínio</b> da <b>alta tecnologia</b> e sem <b>investimentos</b> maciços nas áreas de pesquisa e desenvolvimento, os países africanos <b>permaneceram</b> à margem da globalização, isto é, não conseguiram se inserir de maneira competitiva na <b>nova ordem mundial</b>, que, além dos progressos técnicos-científicos, incorporou as chamadas novas tecnologias da informação (telecomunicação, computadores, celulares, internet etc).</p>
		Característica 2	<p>Especialmente após a década de 1970, quando assistimos a invenção e difusão em larga escala de equipamentos de alta tecnologia, como os computadores pessoais, os satélites artificiais e os sistemas de comunicação como a internet e as <u>intranets</u>, observamos que os países que detêm o conhecimento dessas novas tecnologias estão no topo do poder econômico mundial.</p>